



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS – IGEÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – POSGEO
MESTRADO ACADÊMICO



MARCOS VINICIUS ALMEIDA CONCEIÇÃO

**NARRATIVAS DO LUGAR NO ROMANCE TORTO ARADO: A BUSCA PELO
“BRASIL PROFUNDO” A PARTIR DA REPRESENTAÇÃO GEOGRÁFICA NA
LITERATURA**

Salvador – Bahia
2025

MARCOS VINICIUS ALMEIDA CONCEIÇÃO

**NARRATIVAS DO LUGAR NO ROMANCE TORTO ARADO: A BUSCA PELO
“BRASIL PROFUNDO” A PARTIR DA REPRESENTAÇÃO GEOGRÁFICA NA
LITERATURA**

Dissertação de mestrado acadêmico apresentada para defesa junto ao Programa de Pós-graduação em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia para a obtenção do título de mestre em Geografia. Submetida a Banca Examinadora.

Área de concentração: Análise Urbana e Regional
Orientadora: Profa. Dra. Maria Auxiliadora da Silva

Salvador – Bahia
2025

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária de Ciências e Tecnologias Prof. Omar Catunda, SIBI – UFBA.

C744 Conceição, Marcos Vinicius Almeida

Narrativas do lugar no romance Torto Arado: a busca pelo “Brasil profundo” a partir da representação geográfica na literatura/ Marcos Vinicius Almeida Conceição. – Salvador, 2025.

105 f.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Auxiliadora da Silva

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Instituto de Geociências, 2025.

1. Geografia. 2. Arte. 3. Lugar. 4. Brasil Profundo. I. Silva, Maria Auxiliadora da. II. Universidade Federal da Bahia. III. Título.

CDU: 911.3

Autorizo a reprodução parcial ou total deste trabalho, por qualquer meio convencional eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

TERMO DE APROVAÇÃO

BANCA DE DEFESA – DISSERTAÇÃO

**NARRATIVAS DO LUGAR NO ROMANCE TORTO ARADO: A BUSCA PELO
“BRASIL PROFUNDO” A PARTIR DA REPRESENTAÇÃO GEOGRÁFICA NA
LITERATURA**

MARCOS VINICIUS ALMEIDA CONCEIÇÃO

Maria Auxiliadora de Silva

Profª Drª Maria Auxiliadora da Silva (Orientadora)
Doutora em Geografia – Université de Strasbourg/França
(Universidade Federal da Bahia)

Denise Silva Magalhães

Profª Drª Denise Silva Magalhães (Membro da banca)
Doutora em Geografia – Universidade Federal da Bahia/ Brasil
(Universidade Federal da Bahia)

Documento assinado digitalmente
gov.br FLORA SOUSA PIDNER
Data: 26/03/2025 07:34:54-0300
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

Profª Drª Flora Sousa Pidner (Membro da banca)
Doutora em Geografia – Universidade Federal da Bahia/Brasil
(Instituto Federal de Alagoas)

Jânio Roque Barros de Castro

Prof. Dr. Jânio Roque de Castro Barros (Membro da banca)
Doutor em Arquitetura e Urbanismo – Universidade Federal da Bahia/ Brasil
(Universidade do Estado da Bahia)

Aprovada em Sessão Pública de 24 de março de 2025

Dedico este trabalho à toda minha família, amigos e professores que de alguma forma contribuíram para minha formação humana e intelectual.

AGRADECIMENTOS

Realizar um trabalho que trata de uma obra literária de tamanha grandeza, sem dúvidas, foi um dos maiores desafios da minha vida profissional e pessoal. Para tal, muitas pessoas estiveram presentes diante desse processo.

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus e a Nossa Senhora pela proteção celestial, além dos espíritos de luz que estiveram presentes comigo em todos os momentos.

A mim por não ter desistido desse projeto, mesmo passando por situações tão adversas que em muitas das vezes me fez pensar em desistir, porém estou aqui.

À minha orientadora, a Professora Doutora Maria Auxiliadora da Silva, por estar presente desde a graduação, na minha formação como geógrafo e ser humano.

À minha família pela paciência e pela compreensão nos momentos de ausência, em especial, aos meus pais José Conceição e Marilene Almeida.

Aos meus amigos e colegas do Grupo de Pesquisa Produção do Espaço Urbano (PEU), em especial, Luã Karll, William Guedes e Jamila Reis pelas palavras de conforto e trocas de conhecimento.

À Miryan Cerqueira, amiga e colega nesse processo, e ao seu esposo Fagner Matos, pelas caronas oferecidas durante o cumprimento das disciplinas desse Programa de Pós-Graduação.

Ao Professor Milton Santos (*in memoriam*), pela sua vasta obra e por apresentar uma Geografia capaz de dialogar com o universo da arte.

Aos professores e amigos João Maurício (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo-UFBA), Antônio Sousa (Secretaria Estadual da Educação – BA), Denise Magalhães (POSGEO-UFBA) pelas palavras e orientações enriquecedoras.

À Professora Marie-Hélène Tiercelin dos Santos, viúva do Professor Milton Santos, que graças a sua generosidade em oferecer a bolsa de pesquisa PIBIC Milton Santos permitiu que eu realizasse o sonho de ser professor de Geografia e, sucessivamente, alcançasse o título de mestre.

Ao Professor Jânio Roque da Universidade do Estado da Bahia por me receber com grande receptividade como tirocinante na disciplina “Geografia da África”.

Aos professores que estão presentes na banca avaliadora, a Professora Dra. Maria Auxiliadora da Silva, a Professora Dra. Denise Magalhães, a Professora Flora Sousa Pidner e o Professor Dr. Jânio Roque pelo zelo em analisar esta pesquisa, contribuindo significativamente no progresso deste trabalho.

Aos meus amigos Yuri Oliveira e Gabriel de Jesus pelas palavras de conforto durante os momentos de incertezas.

Ao meu amigo Lucas Vezedek Passarinho pelo auxílio na revisão deste trabalho.

Ao escritor e geógrafo Itamar Rangel Vieira Junior, autor da obra literária pesquisada e fonte de inspiração pela sua história de vida, trajetória intelectual e coragem ao escrever um livro que expressa os problemas socioespaciais, presentes no território brasileiro.

A todos e todas que de alguma forma contribuíram para a realização deste projeto, muito obrigado!

“Estou certo que a criação artística poderá desvelar, pelo ‘sentimento’ aquilo que a elaboração científica, guiada pela ‘razão’ deixou de mapear na compreensão do nosso problema básico que é a relação entre ‘Homem’ e ‘Natureza’, o Homem na criação dos seus mundos”

(Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, 2008).

CONCEIÇÃO, Marcos Vinícius Almeida. **Narrativas do lugar no romance Torto Arado:** a busca pelo “Brasil profundo” a partir da representação geográfica na Literatura – Bahia. 2025. 105f. Dissertação – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2025.

RESUMO

As obras de arte fazem menções a conceitos que são relevantes na Geografia, a exemplo de espaço, território, paisagem e lugar. Sendo assim, este trabalho procurou analisar as narrativas que representam o lugar, no romance *Torto Arado* do escritor Itamar Vieira Junior, a partir das personagens Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira, com base no conceito de geograficidade, abordado pelo geógrafo Eric Dardel. Para tais reflexões, houve influências dos métodos da Fenomenologia e da Dialética, recorrendo-se principalmente, às correntes da Geografia Cultural-Humanística e da Geografia Crítica. Já as técnicas de pesquisa foram fundamentadas a partir da documentação indireta sobre temas que envolvem a obra analisada, assim como os estudos voltados para o campo da Geografia Cultural-Humanística e a “trajetória” da “construção” do conceito de lugar no decorrer da evolução da ciência geográfica. Nas últimas décadas, trabalhos que envolvem o diálogo entre a Geografia e a Arte, em especial, os conteúdos geográficos em obras literárias (Monteiro, 2002), vêm ganhando forte notoriedade no Brasil. Nesse sentido, foram consultados alguns dos principais autores que abordam o tema para fundamentação teórica. Além de analisar essas representações, essa pesquisa também aborda o lugar no sentido, enquanto posição na sociedade, ao enfatizar o apagamento/silenciamento da contribuição da Literatura produzida por autores(as) negros(as), a exemplo de Carolina Maria de Jesus. Entretanto, diante de algumas políticas públicas voltadas para questão do negro no Brasil, e em meio a uma crise política, ética e moral que perpassa nas últimas décadas, *Torto Arado* surge como um “manual” filosófico, histórico, sociológico e geográfico que reflete a constituição da formação do Brasil. Um país extremamente desigual, “entortado” diante de tantas perversidades. O “Brasil profundo” representado a partir das narrativas apresentadas em *Torto Arado* mostra o(s) lugar(es) constituído(s) pelos “homens lentos” (pobreza, servidão, racismo, machismo, negação de direitos entre outros), abordado pelo geógrafo Milton Santos (1994b), mas que também revela a revanche dos lugares (Araújo, 2020) a partir das resistências (movimentos sociais, práticas religiosas, protagonismo feminino, entre outros) que estão inseridos nesses espaços. Ou seja, *Torto Arado*, apesar de uma ficção, é a representação de um “Brasil profundo” marcado por problemas socioespaciais ainda bem distantes de serem resolvidos.

Palavras-chave: Geografia. Arte. Torto Arado. Lugar. Brasil Profundo.

CONCEIÇÃO, Marcos Vinícius Almeida. **Narratives of place in the novel Torto Arado:** the search for “deep Brazil” based on geographical representation in Literature – Bahia. 2025. 105f. Dissertation – Federal University of Bahia, Salvador, 2025.

ABSTRACT

Works of art mention concepts that are relevant to Geography, such as space, territory, landscape and place. Therefore, this work sought to analyze the narratives that represent place in the novel *Torto Arado* by writer Itamar Vieira Junior, based on the characters Bibiana, Belonísia and Santa Rita Pescadeira, based on the concept of geography (“geograficidade”), approached by geographer Eric Dardel. These reflections were influenced by the methods of Phenomenology and Dialectics, drawing mainly on the currents of Cultural-Humanistic Geography and Critical Geography. The research techniques were based on indirect documentation of themes involving the work under analysis, as well as studies focused on the field of Cultural-Humanistic Geography and the “trajectory” of the “construction” of the concept of place over the course of the evolution of geographical science. In recent decades, work involving the dialog between Geography and Art, especially geographical content in literary works (Monteiro, 2002), has gained a lot of notoriety in Brazil. To this end, we consulted some of the main authors who deal with the subject in order to provide a theoretical basis. In addition to analyzing these representations, this research also addresses the place in meaning, as a position in society, by emphasizing the erasure/silencing of the contribution of literature produced by black authors, such as Carolina Maria de Jesus. However, in the face of some public policies aimed at the issue of black people in Brazil, and in the midst of a political, ethical and moral crisis that has pervaded the last few decades, *Torto Arado* emerges as a philosophical, historical, sociological and geographical “manual” that reflects the constitution of the formation of Brazil. An extremely unequal country, “bent” in the face of so many perversities. The “deep Brazil” represented through the narratives presented in *Torto Arado* shows the place(s) constituted by the “slow men” (poverty, servitude, racism, machismo, denial of rights, among others), addressed by geographer Milton Santos (1994b), but which also reveals the revenge of places (Araújo, 2020) from the resistance (social movements, religious practices, female protagonism, among others) that are inserted in these spaces. In other words, *Torto Arado*, although a fiction, is a representation of a “deep Brazil” marked by socio-spatial problems that are still far from being resolved.

Keywords: Geography. Art. *Torto Arado*. Place. Deep Brazil.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ilustração – Tácio Resende Design e Consultoria	17
Figura 2 – “ <i>Torto Arado</i> – O Musical” com as atrizes Larissa Luz (Belonísia), Lilian Valeska (Donana) e Barbara Sut (Bibiana)	63
Figura 3 – Capa do livro <i>Torto Arado</i> e fotografia para série <i>Nouvelle Semence</i>	64
Figura 4 – Quarto dos Santos do Jarê	84
Figura 5 – O real “Brasil profundo” representado no romance <i>Torto Arado</i>	89

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
ENANPEGE – Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia
GEOLITERART – Grupo de Pesquisa Geografia, Literatura e Arte
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IGEO – Instituto de Geociências
INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
PEU – Grupo de Pesquisa Produção do Espaço Urbano
PÓS-AFRO – Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos Africanos
POSGEO – Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFBA
SIGEOLITERART – Simpósio Nacional/Internacional de Geografia, Literatura e Arte
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso
UFBA – Universidade Federal da Bahia
UFG – Universidade Federal de Goiás
UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Unesp – Universidade Estadual de São Paulo
Unicef – Fundo das Nações Unidas para Crianças
UNIT – Universidade Tiradentes

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO – LUGAR, IMAGINAÇÃO E LEITURA DE MUNDO: A BUSCA PELO “BRASIL PROFUNDO”	14
1 INTRODUÇÃO	18
1.1 JUSTIFICATIVA DO TEMA	26
1.2 CAMINHOS NORTEADORES DA PESQUISA	29
2 AS REPRESENTAÇÕES DE LUGAR(ES) DOS “BRASIS PROFUNDOS”: REFLETINDO DIÁLOGOS ENTRE A GEOGRAFIA E A LITERATURA	32
2.1 NOSSO PONTO DE PARTIDA: DESBRAVANDO O LUGAR	34
2.2 O LUGAR NA GEOGRAFIA CULTURAL-HUMANÍSTICA	38
2.3 O ESPAÇO GEOGRÁFICO NA LITERATURA	45
2.4 SOBRE O PAPEL DAS ARTES NAS REPRESENTAÇÕES DO(S) LUGAR(ES) DOS “BRASIS PROFUNDOS”	49
3 TORTO ARADO: O GRITO DOS LUGARES SILENCIADOS	54
3.1 A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E SUAS REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS ..	56
3.2 ITAMAR VIEIRA JUNIOR, O PERCURSO INTELECTUAL E DE MILITÂNCIA DO AUTOR POLÍTICO-LITERÁRIO	59
3.3 TORTO ARADO: ALGUMAS REPRESENTAÇÕES DE LUGARES SILENCIADOS E VIVIDOS NO “BRASIL PROFUNDO”	62
4 TORTO ARADO E SUAS REPRESENTAÇÕES DE LUGARES: UM “BRASIL PROFUNDO” E “ENTORTADO” NAS PROFUNDEZAS DO SERTÃO	71
4.1 O SERTÃO PROFUNDO E O ESPAÇO VIVIDO EM TORTO ARADO: UMA EXPERIÊNCIA DE MUNDO A PARTIR DA GEOGRAFICIDADE	73
4.2 AS EXPERIÊNCIAS SUBJETIVAS	76
4.3 AS EXPERIÊNCIAS COLETIVAS	80
4.4 AS EXPERIÊNCIAS DAS NARRADORAS COM O ESPAÇO VIVIDO	87
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	97

APRESENTAÇÃO
LUGAR, IMAGINAÇÃO E LEITURA DE MUNDO: A BUSCA PELO “BRASIL PROFUNDO”

“[...] como separar a geografia da arte? O que seria a ciência geográfica senão a própria expressão artística do sujeito no espaço?”

(Marcos Ferreira
e Otávio Costa).



APRESENTAÇÃO – LUGAR, IMAGINAÇÃO E LEITURA DE MUNDO: A BUSCA PELO “BRASIL PROFUNDO”

Seria capaz uma obra de arte, em especial a Literatura, ter o poder de transmitir e refletir o conhecimento científico? Quais são os limites da arte e da ciência? Será que a Geografia errou, pois ao invés de ser arte ela se tornou uma ciência (Santos, 1994a)? Essas e outras perguntas formam viagens com longos e pedregosos caminhos a serem trilhados, porém com possíveis descobertas. Uma verdadeira “Odisseia” científico-artística!

Ao longo da minha trajetória, as leituras de mundo(s) que envolvem a Geografia e a Literatura, formaram caminhos extensos, marcados por idas e vindas, encontros e desencontros. A paixão pelos livros surgiu ainda na infância, através de histórias infantis. Lembro-me da coletânea de *Monteiro Lobato* que me foi presenteada por uma tia, durante uma viagem de férias. Essas primeiras leituras geraram um leque de imaginação e de concepção de mundo(s) — “Como seria viver naquele lugar? Com aquelas pessoas? Com aquela paisagem?”

Já na adolescência, durante o ensino médio, outros clássicos da Literatura me foram apresentados: *Jorge Amado, Lima Barreto, Dias Gomes, Graciliano Ramos, Joaquim Manoel Mamedo, José de Alencar* e tantos outros. Sem dúvida, foi naquele momento que surgiu o meu interesse de fato pela Literatura, em especial a brasileira, mesmo já enamorado pela Geografia, a ciência do espaço da vida, do(s) mundo(s) e do(s) lugar(es). A construção desse repertório científico-cultural criou possibilidades de pensar o Brasil, ultrapassando os limites da imaginação que as obras apresentavam em direção ao mundo real e concreto. Durante as aulas de Literatura, no ensino médio, a professora apresentava o contexto histórico em que a obra foi criada, trazendo consigo questões representativas de problemas, muitos deles ainda tão distantes de serem resolvidos no Brasil. A Literatura não é só arte, ela é Sociologia, História, Antropologia, Geografia e tantas outras ciências. Sua magnitude é capaz de criar pontes no campo da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade.

A prévia do sonho em ser professor de Geografia aconteceu na aprovação do vestibular da *Universidade Federal da Bahia (UFBA)*. Ainda calouro, tive a oportunidade de participar do *Grupo de Pesquisa Produção do Espaço Urbano (PEU)*, o que mudaria minha vida para sempre. Depois de ter deixado por um tempo a leitura de obras literárias, a Professora *Drª Maria Auxiliadora da Silva*, assim como aquela tia (Raimunda) da infância e a professora (Analice) do ensino médio, me apresentava mais uma vez um leque de possibilidades que a Literatura é capaz de oferecer. Dessa vez, através de um encontro híbrido com a Geografia: juntas, lado a lado, “como unha e carne”, “corpo e alma”.

No Grupo PEU tive a oportunidade de participar da Comissão Organizadora de diversos eventos e conheci Professores importantes da Geografia brasileira. Os ensinamentos nesses eventos, em muitas das vezes de maneira provocativa, porém reflexiva do Professor *Clímaco Dias e das Professoras Maria Adélia Aparecida de Souza e Maria Auxiliadora da Silva*, assim como dos colegas de Grupo (naquela época alunos do doutorado em Geografia), *Willian Guedes e Flora Pidner*, sobre a obra e a vida de Milton Santos, mesmo que desafiador, tornaram-se norteadores em trabalhos de iniciação científica, assim como nesta dissertação. Durante as reuniões do Grupo de Pesquisa, a *Professora Auxiliadora* falava abertamente sobre a complexidade de uma pesquisa que envolve Geografia e a Arte. E esse alerta me fez pensar sobre os caminhos que iria percorrer na elaboração do pré-projeto de pesquisa e, recentemente, nesta dissertação.

Após a formação no curso de licenciatura e bacharelado em Geografia, passei a me interessar mais profundamente pelas ideias do Professor Milton Santos, em especial sobre conceitos e /ou categorias como espaço geográfico, território usado e o lugar, o qual é um dos conceitos-chave discorridos nesta pesquisa. Nessas leituras, percebi a grandiosidade do professor Milton em falar sobre as disparidades espaciais no Brasil, principalmente na obra “*Brasil território e sociedade no século XXI*”, em parceria com a *Professora Maria Laura Silveira*. Ao mesmo tempo, ao ler o livro “*Torto Arado*” (em tempos de pandemia), do ex-aluno do PEU *Itamar Vieira Junior*¹, pude identificar a diversidade de mundo(s) que a obra representa, assim como a constituição do(s) lugar(es) nesse cenário instigante, muito próximo da realidade do “Brasil profundo”. Um lugar marcado por contradições, vivências e resistências.

A constituição do(s) lugar(es) (Araújo, 2020), das irmãs Belonísia, Bibiana e demais personagens do livro *Torto Arado*, representado(s), principalmente através da geograficidade² por meio das narrativas dos(as) personagens, mostra a formação do Brasil do jeito que ele é, torto/entortado e sem expectativas de uma breve redenção. Neste sentido, o drama apresentado nos escritos de Vieira Júnior (2019) em seu mais conhecido livro, se confunde com o espaço da vida, que se operacionaliza através dos usos do território pelos lugares. A arte pela sua sensibilidade tem o papel potencializador de reflexão sobre os problemas do mundo, inclusive

¹ Primeiro bolsista do Programa de Bolsas Milton Santos, geógrafo e escritor, conhecido mundialmente pela obra *Torto Arado* (2019).

² A Geograficidade é um conceito que se refere à relação entre o homem a terra, ou seja, à existência e experiência do homem no mundo. Essa noção pode ser expressa na paisagem, territorialidades e no lugar. Para Darvin (2016 p. 249), o geógrafo Eric Dardel propõe “[...] o retorno a uma relação primitiva, de íntima proximidade entre homem e terra, uma Geografia em ato, por um encontro caracterizado pelo jogo (luta) de ações concretas, que também proporcionam criações subjetivas pelo interesse de conquista e descoberta, assim como pela surpresa diante dos fenômenos geográficos e cotidianos.”

os de natureza espacial. Sendo assim, procura-se responder nesta pesquisa como são representados, através da dimensão de lugar os “Brasis profundos” no romance *Torto Arado*, em três perspectivas: experiências coletivas, experiências subjetivas e a relação com o espaço vivido. Um Brasil representado através da ficção literária, porém inspirado no Brasil real, desconhecido, ignorado e apagado por muitos brasileiros.

Figura 1 – Ilustração – Tácio Resende Design e Consultoria

Tácio Resende Design e Consultoria



INTRODUÇÃO

"A meu ver, o maior erro que a Geografia cometeu foi o de querer ser ciência, em vez de ciência e arte."

(Milton Santos).



1 INTRODUÇÃO

A Geografia e a Arte sempre caminharam lado a lado no decorrer da história do conhecimento. Música, escultura, quadros, cinema, dança e a Literatura têm muito a nos dizer sobre os fenômenos do mundo³. Sem dúvida, a arte é um convite tentador para as mais diversas experiências de “mundos”, nos fazendo viajar pelas paisagens, territórios e pelos lugares. Lugar esse que se faz através do acontecer solidário (Souza, 2005a).

É no lugar, através dos usos do território, que os sujeitos sociais constituem suas ações e seus objetos (Santos, 2006 [1996]). O território como abrigo é palco de fenômenos cada vez mais complexos e desafiadores para a Geografia, a ciência do presente. Essa complexidade, muitas das vezes, passa a ser compreendida de forma perversa, opressora, seletiva e totalmente desigual, intensificada nos últimos anos devido aos efeitos do meio técnico-científico-informacional. Aos pobres e outras minorias, o que lhes restam é a construção de relações solidárias horizontais, muitas delas tornando-se sinônimo de resistência. É o grito do território!

Nesse sentido, a arte se torna uma importante ferramenta para compreensão das complexidades do mundo. Ou seja, é nítido que as obras de arte estão carregadas de intencionalidades e subjetividades, capazes de transmitir mensagens sobre os fenômenos políticos, econômicos e sociais que constituem os lugares. Como exemplo dessa análise cito algumas obras artísticas, como: o quadro “*Os retirantes*” (1944) de *Cândido Portinari*, que representa as migrações em decorrência das secas no nordeste; a música “*Cálice*” (1978) do cantor e compositor *Chico Buarque de Hollanda*, que questiona a política ditatorial dos anos de chumbo no Brasil; e o romance “*Torto Arado*” (2019), do escritor e geógrafo *Itamar Vieira Júnior*, que mostra um Brasil com “feridas abertas” devido aos seus problemas socioespaciais, enfatizando a violência no campo e o racismo, eventos que ainda fazem parte da realidade do cotidiano de muitos brasileiros. Sendo assim, a arte possibilita refletir sobre o mundo, que é sinônimo do espaço geográfico, entendido pelo Professor Milton Santos (2006 [1996]) como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações. E é no lugar, através dos diversos usos do território, que essa relação híbrida é construída (Araújo, 2020). Para Souza (2018), o espaço geográfico, nessa concepção – “Miltoniana” –, é compreendido como uma instância social que se operacionaliza através dos diversos usos do território, pela intervenção do trabalho técnico, entre sociedade e natureza, ao longo do tempo. Por sua vez,

³ De acordo com a geógrafa Markelly Fonseca de Araújo (2020), mundo e planeta não são sinônimos. O primeiro é abstrato já o segundo é o planeta físico.

o tempo é materializado pelos eventos, elemento basilar para a dinâmica dos lugares.

A compreensão do(s) mundo(s), a partir de obras artísticas, atraiu diversos pesquisadores de vários campos científicos. Sendo assim, a Geografia também é capaz de explicar os fenômenos espaciais através das representações artísticas. A Geografia brasileira, desde meados da década de 1970 vêm divulgando trabalhos sobre o tema, com destaque para o campo da Literatura (Fernandes, 2017). Essas “novas geografias” ou “geografias criativas” foram abertamente defendidas por geógrafos como Maria Geralda de Almeida (2008, 2021) e Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro (2002; 2007). Afinal de contas, as representações espaciais estão de alguma forma manifestadas em obras de arte como um híbrido, assim apontado nas palavras de Marandola Júnior e Lívia de Oliveira:

Geografia e Literatura são duas formas de conhecimento milenares que possuem raízes comuns e uma relação histórica indissociável. A modernidade, no entanto, encarregou-se de separá-las, colocando-as em duas “gavetas” distintas: Ciência e Arte. Há, no entanto, caminhos que continuam ligando estas duas formas de ver o mundo, tornando-as permeáveis. Cada uma, à sua maneira, funda novos mundos, a partir da relação criativa da razão-emoção-imaginação. O resultado são espacialidades e geograficidades que colocam o espaço e a geografia como elementos inalienáveis e fundamentais de toda narrativa e não apenas como palcos da trama literária. Este entendimento abre possibilidades de leitura da Literatura, assim como amplia o sentido do geográfico num mundo dinâmico e pluralista (Marandola Júnior; Oliveira, 2009, p. 487).

Desde o meio natural que o homem representava os territórios e objetos geográficos através da arte. Na Geografia moderna⁴, grandes geógrafos como Paul Vidal de La Blach⁵ e Aziz Ab’Saber⁶, representavam as paisagens através de desenhos e fotografias. Já nos inscritos, destaca-se para a estética de Humboldt, ser “cunhada pelo paisagismo artístico moderno” (Cantero, 2010, p. 382 *apud* Carvalho, 2021 p. 145).

Quando nos voltamos para a Literatura, em especial a brasileira, observa-se que desde

⁴ O conceito de meio na Geografia foi introduzido pelo geógrafo francês Maximilien Sorre (1954 *apud* Santos, 2006) e “aprimorado” por Milton Santos, pelo qual usou para dividir a história do espaço geográfico em três partes: natural ou pré-técnico, técnico e técnico-científico-informacional. O meio natural é caracterizado pelo tempo lento e dependência extrema do homem na natureza.

⁵ A Biblioteca Interuniversitária de Sorbonne, em parceria com a Equipe de Epistemologia e História da Geografia (EHGO) do laboratório UMR *Geographie-Cités*, publicaram cadernos e manuscritos de viagens de campo do geógrafo Paul Vidal de la Blache, disponível em: https://nubis.univ-paris1.fr/s/sur-les-pas-d-un-geographe/page/sur-les-pas-d-un-geographe_accueil. Acesso em: dez. 2022.

⁶ O livro “Os Domínios de Natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas” de Aziz Ab’Sáber (2012) apresenta não só fotografias do grande geógrafo, como, também, desenhos dos domínios naturais do Brasil.

o Quinhentismo⁷, a escrita, por meio de cartas, já possuía um caráter não só imaginário como também geográfico. Ou seja, em suas narrativas o território era descrito em relatos de viagens, com temas sobre a fauna, flora e a população nativa (os indígenas). Era uma busca incansável pelo espaço vital, o que mais tarde seria chamado de Brasil. Talvez esse fenômeno seria um “ensaio” do que mais tarde, no século XIX, seria intitulado de Geografia Tradicional (Moreira, 2008). Com as obras das escolas Naturalista, Realista e Modernista (em especial da chamada “geração de 30”), a Literatura passa ter o viés significativo voltado para questões de denúncias sociais e espaciais. Nesse sentido, as obras literárias, além de histórias fascinantes, têm muita Geografia para “contar”. As histórias narradas nos livros se passam em um lugar, exemplificados: na fuga dos retirantes explorados, abordada por *Graciliano Ramos*; na decadência dos engenhos substituindo um novo período técnico, no livro de *José Lins do Rego*; ou nas práticas da religião de matriz africana e a exaltação de personagens femininas, expressas nas palavras de *Jorge Amado*⁸. Muitas das obras, apesar de serem textos fictícios, são representações bem próximas das condições do espaço da vida, presentes no lugar ao longo da história do uso do território brasileiro.

“Narrativas do lugar no romance *Torto Arado*: a busca pelo ‘Brasil profundo’ a partir da representação geográfica na Literatura”, são as palavras-chave que conduzirão o percurso deste trabalho que visa entender o papel da Literatura e da Geografia, na interpretação do mundo e da constituição do(s) lugar(es), por meio de representações de um Brasil pouco conhecido, racista, apagado e ignorado, cercado de problemas seculares e tão distantes de serem resolvidos. Nesse contexto, a arte da escrita literária acaba não sendo meramente um texto ficcional e sim uma representação potente para compreender, refletir, interpretar o espaço geográfico, papel por excelência da Geografia Crítica.

O conceito de lugar na Geografia precisou passar por algumas reformulações devido às novas dinâmicas do mundo, o que é natural. A Geografia Renovada, proposta por Santos (2008 [1978]), inaugurou um sistema coerente de ideias, capaz de não só descrever e analisar o espaço geográfico, mas também de interpretar os seus fenômenos – o mundo. O lugar é onde o mundo se realiza. Ou seja, o lugar se faz segundo o uso que as pessoas fazem do território a todo tempo. Esse uso acontece de forma instantânea: “[...] uma vez que eles são sempre presentes, fugazes e efêmeros, não havendo, pois, durabilidade [...] mas que é possível acompanhar devido ao processo que permite uma permanência ou manutenção das suas constituições” (Araújo, 2020 p. 35). Para Milton Santos o lugar é a dimensão do cotidiano do

⁷ Primeiro período literário do país, ocorrido entre 1500 e 1601.

⁸ Obras literárias: *Vidas Secas*, *Fogo Morto* e *Jubiabá*, respectivamente.

espaço geográfico, é onde a vida acontece (Santos, 2006 [1996]).

As narrativas presentes no romance *Torto Arado*, são representações a partir dessa dimensão cotidiana que revela a consciência e a ação humana no uso do território. E essa constituição contida no livro ocorre através das vivências e das resistências. É notório que essas narrativas não tratam de simples relatos e descrições, existe uma consciência em si, uma geograficidade capaz de relatar com tamanha grandeza as desigualdades e a formação socioespacial⁹ que naquele espaço se encontra. São personagens que ao narrar a intensa história representam uma consciência de algo, um “Ser-no-mundo”, ou seja, o mundo como fenômeno (Serpa, 2021a).

O livro *Torto Arado*, publicado no Brasil em 2019, do já citado escritor e geógrafo Itamar Vieira Junior, vem ganhando repercussão no universo literário no Brasil e em países como Portugal, Rússia, Japão, França, entre outros. O livro já recebeu diversas premiações, a exemplo do Prêmio *Leya de Literatura* (2018), *Oceanos* (2020) e o *Jabuti* (2020). Já foi adaptado em peça teatral com o título “*Depois do Silêncio*”¹⁰ e para o musical com o mesmo título do livro, apresentado em algumas cidades brasileiras no ano de 2024. Itamar Vieira Júnior é Graduado e Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Também é Doutor em Estudos Étnicos Africanos na referida Universidade. Além de *Torto Arado*, vale salientar que o autor lançou outros livros como: *Dias* (2012), *A Oração do Carrasco* (2017), *Doramor ou a Odisseia: Histórias* (2021), e *Salvar o Fogo* (2023).

Em entrevista ao *Programa Roda Viva* (2021)¹¹, o autor afirmou que o livro começou a ser escrito quando ele era ainda muito jovem; contudo, o manuscrito foi perdido. A vontade de voltar a reescrever o romance, veio justamente de uma realidade presenciada em seus trabalhos de campo, como servidor público do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Essa motivação surgiu durante uma viagem ao Maranhão, na qual presenciou um lugar marcado pelo trabalho análogo a escravidão. “Estar nesse meio. Descobri o campo brasileiro, me devolveu a vontade de contar essa história” (Vieira Junior, 2021, entrevista ao programa Roda Viva).

⁹ De acordo com Degrandi e Silveira (2011, p. 10), “Milton Santos, ao incorporar a noção de espaço geográfico ao conceito marxiano de formação econômica e social, formulou o conceito de formação socioespacial. Segundo Corrêa (1995, p. 26), seu mérito reside no fato de ‘explicitar teoricamente que uma sociedade só se torna concreta através de seu espaço, do espaço que ela produz, e, por outro lado, o espaço só é inteligível através da sociedade’”.

¹⁰ A peça escrita por Christiane Jatahy que também foi inspirada no filme “*Cabra Marcado para Morrer*” (1984) do cineasta Eduardo Coutinho, levou o prêmio Leão de Ouro (2022), na cidade de Veneza.

¹¹ Entrevista concedida ao Programa Roda Viva, realizada no dia 15 de fevereiro de 2021.

A afirmação de Itamar Vieira Junior desmistifica a ideia de que a arte não tem compromisso com a realidade. Muito pelo contrário, a arte tem papel colaborativo na construção e divulgação do conhecimento, inclusive o científico. A arte não se resume a um modelo estético, ela possui um papel fundamental na sociedade, seja para entreter, informar, comunicar, educar e gerar reflexões sobre o mundo. O romance *Torto Arado*, apesar de se tratar de uma ficção, é uma forte representação do “*Brasil profundo*”, do lugar, da paisagem, do território e de outros conceitos da Geografia. É a representação fiel de um Brasil marcado por uma série de perversidades. Sem dúvida é um convite provocativo para refletir os caminhos dos “*Brasis*” tão distantes de conquistar uma cidadania justa e plena (Santos, 2006 [1996]). É o lugar dos invisíveis, realidade de muitos brasileiros, principalmente daqueles que vivem no campo, distantes dos grandes centros urbanos, da periferia das cidades e das regiões com menor concentração de ciência técnica e informação (Santos; Silveira, 2001). Essas afirmações podem ser confirmadas na própria fala do autor quando cita:

[...] é um exercício que a gente faz de [...] pelo menos [...] tentar aproximar essa história da realidade. E essa foi a realidade que encontrei no campo brasileiro, nos últimos anos. De encontrar mulheres que exercem essa posição de liderança nas suas comunidades, nas suas famílias. Principalmente no interior do Nordeste que são lugares por onde caminhar (Vieira Júnior, 2021. Entrevista ao programa Roda Viva).

O romance que se passa na fazenda Água Negra, numa comunidade quilombola, é composto de três partes – *Fio de Corte*, *Torto Arado* e *Rio de Sangue* – narradas nos respectivos capítulos, por três personagens femininas: as irmãs *Bibiana* e *Belonísia* e a entidade *Santa Rita Pescadeira*. A história tem como ponto de partida o achado de uma faca misteriosa, porém fascinante, pelas duas irmãs e filhas do líder espiritual Zeca Chapéu Grande, nas coisas da sua avó Donana. O material fez com que a língua de Belonísia fosse amputada e o ocorrido as fizeram andar de automóvel pela primeira vez para entrar num hospital. Revoltada com as injustiças presenciadas em Água Negra, Bibiana decide fugir com seu primo e seu futuro marido, Severo. Enquanto isso, Belonísia vai morar na casa de Tobias, sofrendo diversos tipos de violências, ocasionadas, principalmente, pelo machismo. Depois de alguns anos, Bibiana volta à fazenda com o marido e filhos, quando, junto ao seu esposo Severo, começa a denunciar as injustiças sociais que oprimem o povo de Água Negra, gerando diversos conflitos na fazenda, alguns deles tratados ao longo desta pesquisa.

Os personagens de *Torto Arado*, narrado por figuras femininas donas da sua própria história, são as principais representações na obra das constituições dos lugares como resistência

às desigualdades socioespaciais e a negação da cidadania. A busca pelo rompimento dos ciclos viciosos ainda presentes no território brasileiro gera uma revanche dos lugares (Araújo, 2020).

A luta pelo direito à terra, moradia, educação, igualdade racial e de gênero, vai de encontro à opressão e exploração dos sujeitos sociais que estão presentes na história, e que, infelizmente, ainda é a realidade de milhares de brasileiros. Trata-se do lugar dos pobres, onde a cidadania é nula ou escassa (Dias 2017; Santos, 2007).

Sem dúvida, *Torto Arado* é uma representação dos mundos, da geograficidade¹², dos lugares, e da Geografia em forma de arte! Essas representações contidas no livro são, inclusive, a realidade do próprio cenário inspirador, a Chapada Diamantina, uma região baiana repleta de contradições, como os conflitos no campo. Conforme Nascimento (2018), as comunidades tradicionais da Chapada Diamantina enfrentam uma série de lutas para o reconhecimento dos seus territórios e das suas identidades e cidadania. Esse enfrentamento persiste nas práticas religiosas, como é o caso do *Jarê* – uma religião que predomina em alguns municípios da Chapada Diamantina e que envolve crenças católicas, indígenas e do candomblé –, também narrada pelos personagens do romance. Para se ter uma ideia, segundo o site “Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil”, organizado pela Fundação Oswaldo Cruz (2018), a comunidade quilombola de Luna, localizada no município de Lençóis, é alvo de vários conflitos sociais devido a indústria do turismo, mineração e monocultura. Cita-se, a exemplo de um desses conflitos socioespaciais descritos no site, uma chacina com várias ameaças de morte que aconteceu na região, no ano de 2017.

Esses lugares que se constituem como resistência às desigualdades espaciais e à negação da cidadania – o lugar dos pobres – é também mais vulnerável a qualquer tipo de violência por serem espaços ocupados por uma população majoritariamente negra (Ribeiro, 2010; 2015). Sabe-se que a formação do Brasil não é só marcada pela desigualdade espacial, mas também social, principalmente no contexto racial (Ribeiro, 2015). Apesar do fim da escravização na instância jurídica, através da Lei Áurea (1888), o Brasil ainda carrega dolorosas sequelas escravocratas. De acordo com o jornalista e sociólogo Muniz Sodré (2018), a escravidão no Brasil, apesar de ter sido extinta há mais de 100 anos, ainda acontece de maneira simbólica devido, principalmente, ao racismo estrutural. Como aponta Darcy Ribeiro (2015), os negros no país ainda são os que detêm de menor instrução educacional e de emprego qualificado, tornando o Brasil “uma máquina de moer gente”. Quem acompanha as mídias de massas, não

¹² Segundo a explanação do Professor Dr. Ângelo Serpa, na disciplina Fenomenologia da Paisagem do POSGEO - UFBA, todos os indivíduos possuem o conhecimento geográfico, portanto é o conhecedor do mundo. Todos os indivíduos fazem Geografia, não necessariamente científica, mas através da percepção.

é raro ver notícias do genocídio da população negra¹³, orquestrado pelo próprio poder do Estado (violência policial). A violência se agrava quando se trata de mulheres negras, através dos baixos salários, solidão, feminicídio, estupro, entre outras. O racismo religioso e ambiental também são acontecimentos banais presentes na constituição dos lugares no uso do território brasileiro.

O “Brasil profundo”, referente ao título deste trabalho, trata-se de um termo que marca as disparidades presentes no vasto território brasileiro e passou a ser usado pelo próprio autor do romance, como pode ser visto em uma entrevista, realizada pelo programa “Provoca” da TV “Cultura”: “O Brasil não é aquilo que passa na TV ou nos lugares que são exaltados. São as vidas e as pessoas que ainda estão invisíveis. Todas elas têm uma potência de vida criativa, que podem explicar esse país” (Site “Cultura. Uol”, 25 de outubro de 2022).

Sendo assim, o “Brasil profundo” que Itamar Vieira Junior apresenta em *Torto Arado* é um convite para refletir sobre uma história não oficializada e sobre a constituição do(s) lugar(es) da resistência dos “invisíveis”, que lutam pelo direito à terra, à liberdade e à igualdade racial.

A partir da sucinta reflexão, surgiram algumas questões de pesquisa: É possível, a partir das representações geográficas em obras literárias como em *Torto Arado*, analisar a dinâmica dos lugares? Qual é a contribuição da Arte, neste caso o da Literatura, na construção do pensamento e do conhecimento geográfico? O romance *Torto Arado*, além de literário, pode, em concordância com Souza (2021),¹⁴ ser compreendido como um “manual” filosófico e geográfico sobre o mundo, a constituição dos lugares e do uso do território?

Para tais questões, objetivos foram definidos. O objetivo geral é refletir as representações de lugar, narradas pelos personagens no romance *Torto Arado*. Em relação aos objetivos específicos busca-se: analisar a construção do lugar em diferentes correntes do pensamento geográfico e a sua relação com as representações artísticas, em especial, com a Literatura; compreender o papel da Literatura como ponte de conhecimento e ciência geográfica, em especial a partir do livro *Torto Arado*; e avaliar como se manifestam as principais representações de lugares na obra *Torto Arado*, a partir de três análises: experiências subjetivas, experiências coletivas e a relação com o espaço.

¹³ Segundo o “Atlas da Violência, 2024” do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), no ano de 2022, a vitimização de pessoas negras (soma de pretos e pardos), em registros de homicídios, correspondeu a 76,5% do total de homicídios registrados no Brasil.

¹⁴ Explanação realizada na conferência de encerramento do Seminário: “20 anos celebrando Milton Santos”, organizado pelo Grupo de Pesquisa Produção do Espaço Urbano, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hdSrrLEJ3cI&t=3837s>.

Para alcançar esses objetivos, esta dissertação foi dividida em três capítulos. O primeiro com o título “*As representações de lugar(es) dos “Brasis Profundos”: refletindo diálogos entre a Geografia e a Literatura*”, buscou refletir sobre o conceito de lugar, através de diversos autores, em diferentes correntes da ciência geográfica, como a Geografia Crítica e a Geografia Humanística-Cultural, pilares teóricos-conceituais deste trabalho. Além de analisar como o espaço geográfico se faz presente nas obras literárias. No segundo capítulo intitulado de “*Torto Arado: o grito dos lugares silenciados*” foi abordado o conceito de lugar para além de um conceito geográfico, assim como, também, uma condição. Sendo assim, questiona-se o apagamento da contribuição de autores negros na Literatura brasileira, assim como a importância das suas obras para entender a dinâmica dos lugares. Ainda nessa etapa foi discutida a trajetória profissional do autor Itamar Vieira Junior, a importância e os feitos do romance *Torto Arado*. Por fim, o capítulo “*Torto Arado e suas representações de lugares: um Brasil entortado nas profundezas do sertão*” sinaliza a localização geográfica onde se passa o romance e suas representações, valendo-se do conceito de geograficidade do geógrafo Eric Dardel, sendo que foi dividido em: experiências subjetivas, experiências coletivas e experiências com o espaço.

1.1 JUSTIFICATIVA DO TEMA

O contexto histórico da formação socioespacial do Brasil foi marcado por inúmeros eventos perversos que afetaram a sociedade, em especial as chamadas minorias, até nos dias de atuais. Nos últimos anos – da segunda metade dos anos 2010 à primeira metade dos anos 2020 – uma crise política, ética, cidadã e econômica abala as estruturas socioespaciais. A sociedade brasileira enfrenta dias dramáticos marcados pelo aumento da pobreza, violência e da perda de direitos historicamente conquistados. Essa guerra foi travada, principalmente, pela lógica neoliberal, cada vez mais potente devido aos efeitos da globalização, com intenso suporte do poder da Política, da Economia, das Mídias e do próprio Estado (Santos, 2000).

A tecnoesfera¹⁵, através das novas mídias de comunicação em massa (redes sociais) teve um papel basilar na construção de uma psicoesfera de narrativas, informações falsas e discursos de ódio, favorecendo a ascensão de governos populistas e de extrema direita em várias partes do mundo, inclusive no Brasil (Araújo, 2020). Desse modo, a violência política e do próprio

¹⁵ De acordo com Santos (2006 [1996], p. 256) a tecnoesfera (reino da ciência e das técnicas) e a psicoesfera (reino das emoções e das ideias): “[...] são locais, mas constituem o produto de uma sociedade bem mais ampla que é o lugar”.

Estado vêm se alastrando como um câncer na sociedade. No Brasil, comunidades tradicionais (indígenas, ribeirinhos, quilombolas, entre outros), além de outras minorias como negros e pardos, LGBTQIA+, mulheres entre outros, sofrem com as diversas formas de violência, muitas das vezes norteadas não só pelo Estado como, também, pela própria sociedade. Nesse contexto, a ciência geográfica assim como a Literatura ganham papéis parecidos e de grande importância na constituição dos lugares e dos mundos.

A justificativa pela escolha do livro *Torto Arado* se deve pelo fato de o romance envolver uma gama de problemas socioespaciais, alguns deles anteriormente apontados e que estão distantes de serem resolvidos no nosso país. Trata-se de uma “obra-reflexo” dessa imensa disparidade socioespacial, ou seja, sinônimo de pobreza, racismo, violência e injustiça, mas também de luta por transformação, através da resistência. Nesse sentido, a opção também se justifica pelo fato de mostrar o papel político, social e reflexivo da arte, capaz de representar fielmente os lugares e o espaço, conceitos/categorias essenciais da Geografia.

Já o tema que envolve a Geografia e a Literatura, não se dá de maneira aleatória, uma vez que este trabalho apresenta um estudo com finalidade científica e acadêmica da ciência geográfica. Conjuntamente, possibilita desempenhar papel importante para a sociedade, pois pretende contribuir com os estudos geográficos sobre as representações da dinâmica do mundo a partir da constituição do lugar como resistência. Trata-se também de um diálogo com a Literatura, outra importante e vasta área do conhecimento.

O diálogo da Geografia com outras disciplinas foi defendido pelo geógrafo Milton Santos, durante uma entrevista no ano 2000, concedida ao jornalista José Corrêa Leite e às professoras Odete Seabra e Mônica de Carvalho. Santos fala sobre a importância da metadisciplina¹⁶. Nas palavras do geógrafo Angelo Serpa: “[...] para Santos, o que faz uma disciplina dialogar e se relacionar com as demais é o mundo, já que o mundo vai permitir o estabelecimento de um discurso inteligível e a possibilidade de um canal de comunicação entre diferentes campos disciplinares” (Serpa, 2006 p. 29).

As pesquisas que objetivam o diálogo entre a Geografia, Literatura e, também, outras formas de expressão artística, vêm ganhando forte notoriedade nos últimos anos. Para o geógrafo Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, “[...] é natural que se multipliquem as tendências e as gerações de propostas de Novas Geografias” (Monteiro, 2007, p.13). Os trabalhos com a temática de Geografia Literatura e Arte, desenvolvidos junto ao POSGEO da UFBA, sob a orientação da Professora Doutora Maria Auxiliadora da Silva, vêm rendendo bons

¹⁶ Filosofia particular de cada disciplina que lhe permite conversar com as outras (Santos, 2000 *apud* Serpa, 2006 p. 30).

resultados. A temática que tem interessado estudiosos de várias regiões da Bahia, do Brasil e até mesmo do exterior, resulta em teses e dissertações, que rende a realização de eventos científicos, assim como a publicação de artigos, organizados em diversos livros. As fotografias subjetivas de Sebastião Salgado, a segregação e espacialização da música eletrônica e o Pelourinho visto como lugar de memória, pesquisas desenvolvidas, respectivamente, pelas geógrafas Flora Pidner, Juliana Costa e Heloísa Araújo (Silva *et al.*, 2015), foram alguns dos trabalhos defendidos junto ao POSGEO, apenas para citar alguns exemplos. A organização de eventos como o *Iº Simpósio de Geografia Literatura e Arte* (2010) e o *Iº Concurso literário Milton Santos* (2014) resultaram, respectivamente, nas publicações dos livros *Geografia, Literatura e Arte: reflexão* (Silva; Silva, 2010) e *Milton Santos gerando inspiração literárias* (Silva, 2015). Em 2022, também junto ao POSGEO, foi realizado o curso “*Geografia e Arte*”, com a presença de vários pesquisadores do Brasil e do mundo, fortalecendo ainda mais esse campo de pesquisa nesse Programa de Pós-Graduação.

Vale salientar que este estudo tem como alicerce as ideias do geógrafo Milton Santos e do escritor e geógrafo Itamar Vieira Junior. Além da sua extensa e expressiva trajetória acadêmica, Milton Santos coordenou o Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais da UFBA e contribuiu significativamente para a criação do POSGEO/UFBA. (Silva, 2009) Já Itamar Vieira Júnior foi estudante dos cursos de graduação e pós-graduação em Geografia (mestrado) da UFBA, além de ser o primeiro bolsista¹⁷ Milton Santos sob a responsabilidade do Grupo de Pesquisa Produção do Espaço Urbano – PEU (Batista; Silva; Radek, 2014).

No campo acadêmico e social, o trabalho aborda uma obra de grande repercussão no cenário literário brasileiro e mundial. Num momento de crise política, moral e ética que o Brasil vem enfrentando nos últimos anos, a pesquisa terá a chance de mostrar um país vulnerável, em tempos em que direitos garantidos para a população têm sido constantemente ameaçados pelo Estado em detrimento das corporações neoliberais (Costa, 2018). Nos locais distantes daqueles que possuem maior concentração de ciência, técnica e informação (os espaços que mandam), esses problemas são ainda mais desafiadores em tempos difíceis. Sendo assim, a Geografia tem relevante papel na interpretação desses fenômenos tão complexos e desafiadores representados na Arte.

¹⁷ A bolsa de Iniciação Científica Milton Santos teve a sua primeira edição no ano de 2002. O projeto que tem como finalidade oferecer bolsas a estudantes de graduação de baixa renda é financiado pela própria aposentadoria do Professor Milton e teve total apoio da sua viúva, a Professora Marie-Hélène Tiercelin Santos. Até o ano de 2016 todas as bolsas ficaram sob a responsabilidade e orientação da Professora Maria Auxiliadora da Silva, até ser instituída pela UFBA, passando contemplar além da graduação, cursos de mestrado e doutorado, inclusive fora da Geografia.

1.2 CAMINHOS NORTEADORES DA PESQUISA

Para Santos (2006 [1996]), o método deve ser construído a partir de um sistema coerente de ideias. Nesse sentido, esta pesquisa buscou selecionar abordagens metodológicas e conceitos da Geografia que melhor se adequam aos objetivos, que é refletir o diálogo entre a Geografia e a Literatura, através das narrativas representativas da constituição dos lugares no romance *Torto Arado*. Portanto, a proposta metodológica tem diálogo e contribuições da Fenomenologia e da Dialética, assentados no campo da Geografia Cultural-Humanística e da Geografia Crítica, mas sobretudo na perspectiva “Geoliterária”, através dos estudos de diversos autores.

Não é novidade na Geografia trabalhos que se utilizam dos dois citados métodos, pois eles se complementam. Pidner (2017) analisa que o próprio Milton Santos tem influência da dialética e da fenomenologia, principalmente no seu livro *A Natureza do Espaço*, considerado por vários estudiosos como o maior da sua bem-sucedida trajetória na Geografia. Nesse livro, em que os conceitos e categorias estão voltados para a epistemologia da Geografia Crítica, é nítida a influência de Milton Santos em autores de base fenomenológica, como exemplo: Sartre, Husserl, Merleau-Ponty, Dardel. Vale destacar que Milton Santos, um dos fundadores do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFBA, criou e ministrou a disciplina “Fenomenologia da Paisagem”, atualmente ministrada pelo Professor Angelo Serpa que também defende a possibilidade de se dispor de ambos os métodos nas pesquisas em Geografia. Sobre isso diz:

O diálogo entre Fenomenologia e Dialética é também necessário, a fim de identificar contradições e os conflitos nos processos de produção/criação do espaço na contemporaneidade. Conflitos e contradições que devem ser explicados para serem superados, no sentido mais profundo que o termo superação possa assumir numa abordagem dos processos de produção/criação espacial que se quer ao mesmo tempo fenomenologia e dialética (Serpa, 2021a, p. 10).

A Fenomenologia, filosofia e método elaborado por Edmund Husserl, no qual defende que a intencionalidade só existe do ponto de vista mental (consciência), trata-se de um método capaz de perceber a essência do mundo através dessa consciência, o ser-no-mundo (Serpa, 2021a). Outros teóricos como Eric Dardel (2011 [1952]), com o seu conceito de geograficidade, inauguram uma Geografia de experiência vivida como o principal caminho de construir o conhecimento (Marandola Junior; Oliveira, 2009). Essa geograficidade, relatada pelas personagens do romance através de uma consciência, fica explícita nos três capítulos. Sendo

assim, as análises dessas representações de lugares presentes no romance, tendo como princípio esse conceito, se fazem a partir das relações subjetivas, coletivas e com o próprio espaço.

Já o uso da Dialética justifica-se por explicar o movimento pela luta dos contrários. De acordo com Lakatos e Marconi (2003, p. 101): “[...] para a dialética, as coisas não são analisadas na qualidade de objetos fixos, mas em movimento: nenhuma coisa está ‘acabada’, encontrando-se sempre em vias de se transformar, desenvolver; o fim de um processo é sempre o começo de outro”. Para entender esse movimento é preciso desconsiderar fatos isolados. Sendo assim, a busca da materialidade e da história se tornam elementos substanciais que constitui esse método, como aborda a filósofa Marilena Chauí quando diz que:

Materialismo porque somos o que as condições materiais (as relações sociais de produção) nos determinam a ser e a pensar. Histórico porque a sociedade e a política não surgem de decretos divinos nem nascem da ordem natural, mas dependem da ação concreta dos seres humanos no tempo. A História não é um progresso linear e contínuo, uma sequência de causas e efeitos, mas um processo de transformações sociais determinadas pelas contradições entre os meios de produção (a forma da propriedade) e as forças produtivas (o trabalho, seus instrumentos, as técnicas). A luta de classes exprime tais contradições e é o motor da História. Por afirmar que o processo histórico é movido por contradições sociais, o materialismo histórico é dialético (Chauí, 2000 p.53).

O método de procedimento tem como objetivo investigar as formas mais concretas do fenômeno analisado, neste caso, as representações de lugar no romance *Torto Arado*. Portanto, o procedimento mais adequado para alcançar os objetivos tem como base a Análise do Discurso. Essa análise, busca entender como um objeto simbólico (filmes, teatro, dança, prosa, poesia, fotografia, documentos, entre outros) produz sentidos carregados de significância (Fernandes, 2017). Para a autor:

Até a década de 60, os estudos da língua eram dominados por abordagens que buscavam entender o conteúdo do texto. Mas, com a chegada dos estudos discursivos, as análises deixaram de ser apenas sobre formas de organização dos elementos que constituem um texto e passam a ser também sobre o funcionamento do texto, levando em consideração as circunstâncias em que algo foi dito/escrito, as condições sócio históricas e ideológicas que permitiram que aquilo fosse dito/escrito naquele momento e lugar, mas também o papel da memória, ou seja, o que sabemos, as nossas experiências passadas, o que já foi dito/escrito antes, em outros lugares, mas que se atualiza e torna possível todo discurso, sua compreensão e os seus efeitos (Fernandes, 2017 p. 4-5).

As técnicas de pesquisa são um conjunto de preceitos ou processos que servem a uma ciência, para alcançar seus resultados (Lakatos; Marconi, 2003). Para obtenção dos resultados,

esta pesquisa se valerá da técnica de documentação indireta, que se baseia em conceitos, categorias de análises da Geografia, e noções que envolvem: Geografia, Arte, Literatura e Lugar. Como pode ser observado ao longo deste trabalho, diversos autores, conceitos teóricos e noções foram analisados, através de livros e artigos. Outros documentos foram analisados como entrevistas com o autor da obra, seminários sobre o tema e outros encontros acadêmicos.

Dessa forma, esta pesquisa foi construída com base em temas, conceitos e noções da Geografia e de outras disciplinas. Esses temas, conceitos e noções tidos como “principais” foram fundamentais para a construção científica e metodológica, sendo constatado que um estava direta ou indiretamente associado ao outro. Os principais temas/conceitos foram: Geografia e Arte que trabalhou os caminhos que possibilitam o diálogo entre a Geografia e a Arte, em especial através da Literatura; o lugar a partir da Geografia Cultural-Humanística, analisando-se os principais autores e trabalhos dessa corrente, em especial aqueles voltados para o campo artístico e as representações de lugares no romance *Torto Arado*, a partir do conceito de geograficidade, em que foi analisada a narrativa dos personagens a partir de três princípios: subjetivas, coletivas e com o espaço.

A consulta de material bibliográfico sobre o romance *Torto Arado*, em diferentes campos dos saberes, foi uma das principais dificuldades enfrentadas. Apesar de alguns artigos, muitos dos trabalhos se resumem a resenhas críticas, principalmente na área de Letras. No campo da Geografia, através da busca de periódicos, os trabalhos em relação ao livro ficam ainda mais restritos.

CAPÍTULO I:
AS REPRESENTAÇÕES DE LUGAR(ES) DOS “BRASIS PROFUNDOS”:
REFLETINDO DIÁLOGOS ENTRE A GEOGRAFIA E A LITERATURA

“Na literatura, os lugares estarão presentes, implícita ou explicitamente, não apenas como cenários, mas também como motivo de indagações, utopias, questionamentos, angústias e descobertas.”

(Maria Auxiliadora da Silva).



2 AS REPRESENTAÇÕES DE LUGAR(ES) DOS “BRASIS PROFUNDOS”: REFLETINDO DIÁLOGOS ENTRE A GEOGRAFIA E A LITERATURA

Entender o papel da arte como ferramenta de análise do espaço geográfico ainda é uma questão pouco compreendida, porém bastante debatida nos espaços acadêmicos. Afinal, o que a arte tem a nos dizer sobre o território, a região, o lugar e tantos outros conceitos geográficos? Esta pergunta, talvez gere mais problematizações do que uma resposta em si.

Ao longo da sua história, a ciência geográfica passou por inúmeras reformulações teóricas, conceituais e metodológicas, inclusive no que diz respeito ao lugar. O lugar é compreendido como a dimensão do espaço geográfico da construção social, do existir, dos símbolos, das emoções e das representações, a partir do cotidiano, individual, coletivo e com o próprio espaço. Sendo assim, a arte possui o significativo papel de desvelar esses lugares através das suas inúmeras representações. “Lugar(es)”, pois, sempre se constitui e acontece no plural. É muito comum relacionar a Geografia com a Cartografia (ciência e técnica de representar o espaço), mas pouco é debatido sobre o papel das artes em representar fenômenos espaciais.

As representações espaciais através da arte surgiram na pré-história, por meio das figuras rupestres; posteriormente, através dos escritos e dos painéis na Idade Antiga; e por meio dos afrescos e da literatura produzidos na Idade Média e Moderna. Já o cinema, a fotografia, a telenovela e a música são alguns dos instrumentos representativos do espaço geográfico nos últimos séculos. Toda essa representação acumulada no tempo, tem de algum modo relação com o território, a região e o lugar. Ou seja, é impossível falar de arte e não se associar de algum modo à Geografia.

O(s) lugar(es) que se constitui(em) no uso do território brasileiro, enfrenta(m) uma série de problemas que, diante do contexto do mundo globalizado de forma perversa estão distantes de serem resolvidos. Ameaças a comunidades tradicionais, pobreza, desigualdades espaciais, racismo e sexismo são alguns dos problemas elencados em *Torto Arado* de Itamar Vieira Junior. Um livro de ficção, mas que traz o reflexo muito fiel das questões socioespaciais que envolvem o “Brasil profundo”.

O presente capítulo faz uma abordagem sobre o conceito de lugar nas diferentes linhas do pensamento geográfico, em especial na Geografia Crítica e Cultural-Humanística, os quais darão suporte na construção teórico-conceitual desta pesquisa. Também será analisada a relação da Geografia com a Arte, destacando importantes autores e pesquisas, no intuito de criar bases sólidas para consolidarem os objetivos da pesquisa.

2.1 NOSSO PONTO DE PARTIDA: DESBRAVANDO O LUGAR

Para entender o papel das artes, em especial o da Literatura, através do romance *Torto Arado* como representações espaciais de lugares, é preciso compreender do que se trata esse conceito que, ao longo da história do pensamento geográfico, foi ganhando novas dimensões e definições. De acordo com Leite (1998, p. 9) “[...] o conceito de lugar tem sido alvo de diversas interpretações ao longo do tempo e entre os mais variados campos do conhecimento”. Algumas das principais formulações filosóficas-metodológicas entende o lugar como: o espaço do vivido (na concepção da Geografia Cultural-Humanística), partindo do princípio da fenomenologia, do idealismo e do existencialismo (Suess; Ribeiro, 2017); e do lugar como uma construção social, dessa vez no campo da Geografia Renovada/Crítica, partindo do princípio do estruturalismo e do Materialismo Histórico-dialético. Antes definido como um espaço de sentido locacional, com as novas propostas de “Geografias”, o lugar ganha diversas definições dos mais diversos geógrafos do Brasil e do mundo. Mas afinal, o que é lugar?

Em uma das mais antigas definições, a palavra “lugar” foi apresentada no período Clássico por Aristóteles, na sua obra *Física*, afirmando que lugar seria o limite que circunda o corpo. Mais adiante, esse conceito foi aprimorado por Descartes, na obra *Princípios de Filosofia* (1644), ao afirmar que o lugar além de delimitar o corpo, também deve ser definido em relação à posição de outros corpos (Araújo, 2020). Agnew (1987) afirma que, no campo filosófico, o lugar ficou marcado pelo sentido de localidade, sob influência de Platão, Aristóteles e Newton. Uma “tradição” que também permaneceu por muito tempo no campo da Geografia. Espacialmente a palavra lugar foi usada no século XIII, tendo sentido de localização, podendo ser entendida como região, cidade, vila, povoado, ou qualquer espaço que poderia ser ocupado (Araújo, 2020).

A sua etimologia advém do “latim, *locus*, portanto, local, situação” (Araújo, 2020, p. 59). Na língua portuguesa a palavra é substantivo masculino, mas também pode ser advérbio de lugar como localização, e no dicionário Aurélio possui até 19 significados (Ferreira, 1975). A sua definição também se encontra no *Dicionário de Filosofia*, que aborda como sendo a “situação de um corpo no espaço” (Abbagnano, 2018, p. 719).

De acordo com Araújo (2020) a palavra “lugar” no Brasil possui diferentes significados a partir do contexto. O lugar pode ganhar sentido de ocupação, ao nos referirmos sobre um acento no transporte público; sentido de posição ao ser usado como procedimento de classificar a relevância, como exemplo, “em primeiro lugar”; ou no seu sentido mais banal, inclusive no campo da própria Geografia ao ser relacionado como localização: Salvador, Igreja do Bonfim,

Ondina, UFBA, entre outros. Pode-se dizer que a localização se configura como um dos elementos constituintes do lugar, porém, a mesma não pode ser entendida como definição do conceito.

Ademais, nesta pesquisa, entende-se que o lugar pode ser definido como a dimensão do espaço geográfico que é vivenciado pelas pessoas, através de relações solidárias do cotidiano. Ou seja, o lugar é o espaço da vida que se operacionaliza através dos sistemas de objetos e sistemas de ações por meio dos diferentes usos que ocorrem no território, “[...] sendo eles constituídos diariamente por todos, forçosamente” (Araújo, 2020, p. 59).

Como já mencionado, o conceito de lugar na Geografia precisou passar por algumas mudanças, principalmente devido às novas dinâmicas do mundo, o que é natural. Markelly de Araújo, em sua tese intitulada “*A Revolução do Lugar: contextos da guerra da evolução na megalópole*” (2020), argumenta que o conceito de lugar ao longo da história do pensamento geográfico não teve uma definição e reflexão definida. Ao adotar sua proximidade com o local, o seu significado ficou muito ligado à localização, ao topônimo. Pierre George (1970) aponta a origem do termo lugar como *habitat* rural, que foi estudado por Demangeon (1952). Suas análises tinham como método identificar as diferentes ocupações e distribuições dos lugares habitados, portanto, muito ligado ao local. Nessa associação do conceito de lugar com localidade ainda podemos citar autores como Derrauau (1977), Demangeon (1952) e Sorre (1952, p. 5 *apud* Araújo, 2020, p. 63) ao dizer que o “[...] significado das características da paisagem foi progressivamente sendo aperfeiçoadado. Chegou a hora de ter uma visão mais sintética partindo do estudo dos assentamentos humanos ou, como se diz hoje na França, do *habitat*”. Entretanto, essa ideia de *habitat* pode ser considerada como a gênese do conceito de lugar na Geografia, como aponta Araújo (2020).

Essa ideia de *habitat* pode ser considerada o gérmen, o embrião do conceito de lugar. Não havia ainda condições para diferenciação entre local e lugar. Mas os geógrafos clássicos não deixaram escapar a complexidade dos valiosos conceitos geográficos. Em ecologia, de onde o termo *habitat* se origina, não tem relação com localidade ou localização, mas o seu uso se diz respeito ao ambiente ‘natural’ de vida de uma determinada espécie (Araújo, 2020, p. 64).

La Blache (*apud* Relfh, 1976) propõe que a Geografia é a ciência dos lugares e não dos homens. Sendo assim, o lugar para La Blach ainda era referenciado como local, pois os seus estudos ainda não definiram concretamente o que é o estudo dos lugares. Em contrapartida, Relfh (1976) *apud* Leite (1998), analisa que o lugar “[...] significa muito mais que o sentido

geográfico da localização". Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas a tipos de experiências e envolvimento com o mundo, a necessidade de raiz e segurança (Relfh, 1976).

A Geografia Renovada, proposta por Santos, inaugurou um sistema coerente de ideias capaz de não só descrever e analisar o espaço geográfico, mas também de interpretar os seus fenômenos – o mundo. É a partir dessa trajetória intelectual construída pelo Professor Milton Santos, que se chega à conclusão de que o lugar é onde o mundo se realiza. Ou seja, o lugar se faz segundo o uso que as pessoas fazem no território, a todo tempo. Esse uso acontece de forma instantânea: “[...] uma vez que eles são sempre presentes, fugazes e efêmeros, não havendo, pois, durabilidade [...] mas que é possível acompanhar devido ao processo que permite uma permanência ou manutenção das suas constituições” (Araújo, 2020 p. 35). Em “*A Natureza do Espaço*” (2006 [1996]), Santos defende a ideia de lugar sendo o tempo espacial do cotidiano, portanto o espaço onde se realiza a vida.

No lugar – um cotidiano compartido entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada um exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contiguidade é criadora da comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é o quadro pragmático ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, por meio da ação da comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade (Santos, 2006 [1996], p. 322).

Sendo assim, o lugar é a “[...] alteridade do espaço geográfico, se expressando como ação, ação do homem” (Araújo, 2020, p. 67).

Como quinta dimensão do espaço geográfico, o lugar, se realiza em sua constituição instantaneamente, sempre presente e sua duração dependerá do processo que o constitui. A manutenção da constituição dos lugares pode se dar segundo os processos ligados ao seu conteúdo, à sua qualidade e aos seus atributos que podem repercutir em repetições. Como espaço do acontecer solidário, se origina, se realiza e se consome sempre no tempo presente. Ver-se-á que as repetições são passíveis de serem registradas ou mensuradas devido ao caráter das relações e dos atributos da constituição dos lugares (Araújo, 2020, p. 68).

Milton Santos, com o seu revolucionário livro “*Por uma Geografia Nova*” (2008 [1978]), ao analisar criticamente a evolução do pensamento geográfico procura dedicar-se na construção de uma teoria e método geográfico, porém ainda não aborda o lugar como modo diferenciado (Araújo, 2020). Nas obras *Espaço e Método* (1985) e *Metamorfose do Espaço Habitado* (1988), a região e o lugar possuem a mesma definição, ou seja, são considerados

como subespaços do acontecer solidário, podendo ser homólogos, complementares ou hierárquicos (Araújo, 2020). Maria Adélia Aparecida de Souza (2005; 2006; 2010, *apud* Araújo, 2020), propõe “ajustar” a definição de lugar defendida por Santos, como o espaço do acontecer solidário, porém desconsiderando essa mesma definição para o conceito de região, pois, ambos não possuem os mesmos aspectos, dimensões, manifestações ou expressões no espaço geográfico.

De acordo com Tuan (2013 [1983], p. 83) “[...] quando o espaço é inteiramente familiar, torna-se lugar”. Nesse sentido, podemos afirmar que o espaço se torna lugar na medida em que é experienciado através das relações humanas (solidárias) com o cotidiano (Tuan, 2013[1983]). Ainda para o autor, o lugar possui muitos significados pelos quais são atribuídos pelas pessoas que as vivenciam, sejam objetivas ou subjetivas como: uma praça, manifestações culturais e religiosas, o imaginário, edificações, plantações, entre outros. Essa tese também é defendida por Ferreira (2000) ao analisar que o lugar está ligado ao contexto das ações e eventos humanos. Considerando as particularidades do percebido e do vivido de cada sujeito, Staniski, Kundllatsch e Pirehowaki (2014), consideram que:

O lugar é onde estão as referências pessoais e o sistema de valores que direcionam as diferentes formas de perceber e constituir da paisagem e o espaço geográfico. Trata-se na realidade de espacialidades carregadas de laços afetivos com os quais desenvolvemos ao longo de nossas vidas na convivência com o lugar e com os outros. O conceito de lugar assume um caráter subjetivo, uma vez que cada indivíduo já traz uma experiência direta com o seu espaço, com o seu lugar, houve um profundo envolvimento com o local para adquirir tal pertencimento (Staniski; Kundllatsch; Pirehowaki, 2014, p. 5).

Numa visão dialética, o lugar é considerado a partir do resultado das características históricas e culturais referentes ao seu processo de formação, e que também se relaciona com o global. (Leite, 1998) Essa globalidade também é defendida por Santos (2000), ao analisar a importância das redes dos lugares como ponte de interconexão com o mundo, em múltiplas escalas. Porém, essa estrutura científica informacional e técnica acontece em diferentes densidades, em cada lugar. Ainda sobre a globalidade dos lugares, Maria Adélia Aparecida de Souza (1992, 2006, *apud* Araújo, 2020), cria a ideia de lugar-mundo. Ou seja, é o lugar recebendo o mundo de forma instantânea. O meio técnico-científico-informacional, possibilita que o global chegue ao local e o local chegue ao global. Uma realidade do presente em que as informações, sobre o domínio das grandes mídias, ainda que de forma alienada, é difundida pelo mundo, porém de forma desigual.

Essa realidade faz com que os lugares apresentem diferentes dinâmicas. Enquanto alguns estão bem estruturados por suporte tecnológico e informacional, outros se apresentam praticamente estagnados no tempo, devido às seletividades presentes nos usos do território em detrimento dos grandes agentes do capital global (Guedes, 2021). Vale destacar que essa dinâmica é compactuada expressivamente pelo poder do Estado. Em *Torto Arado*, nas representações de lugares ficam nítidas esse esquecimento da “mão” do Estado na comunidade de Água Negra (assunto que será debatido nos próximos capítulos). O próprio título da obra, representa o tempo “cristalizado”, denunciando as grandes mazelas vivenciadas pelos “homens lentos”¹⁸ (Santos, 2008) do “Brasil profundo”.

O lugar adquire características próprias, sejam elas simbólicas, de pertencimento, afetivas e do vivido. Para Harvey (1996 *apud* Ferreira, 2000), o lugar é produto da acumulação do capital e sua influência nas relações sociais, o que passa a ser também compreendido como localização. Em contrapartida, Moreira (2007, p. 61), afirma que é o “[...] lugar que dá o tom de diferenciação do espaço do homem – não do capital – em nosso tempo”. Entretanto, no mundo em que o fundamentalismo é o dinheiro (Santos, 2000) não se pode escapar da ideia de que o homem passa a ser moldado pela dinâmica do capital, e, consequentemente, também possibilita moldar as dinâmicas dos lugares.

Como pode ser observado, a definição de lugar ao longo da trajetória da ciência geográfica ganhou diversos significados. As principais definições encontradas no levantamento bibliográfico foram através das vertentes filosófica e metodológica da Geografia Humanística-Cultural e da Geografia Crítica, baseadas na fenomenologia e na dialética, respectivamente. Apesar de apresentarem posições metodológicas, filosóficas e epistemológicas diferentes, ambas encontraram no lugar a possibilidade de explicar o mundo a partir da compreensão das relações com o cotidiano. Porém, a partir da leitura de vários artigos fica evidente a força da Geografia Cultural-Humanista nos trabalhos que envolvem a relação da arte com o espaço geográfico, em especial a partir do conceito de lugar. Sendo assim, neste trabalho abordaremos o conceito de lugar a partir desse viés geográfico. Tema que será discutido na próxima sessão.

¹⁸ Para Santos (2008, p. 41), estes homens são solidários, criativos e “mais velozes na descoberta do mundo”. Ramos (2019), ao interpretar Santos (2008), considera que o “homem lento” se refere ao “homem comum”, dos lugares não modernizados e sem acesso aos bens tecnológicos. Muitas das vezes é tido como pobre, pressionado pela globalização.

2.2 O LUGAR NA GEOGRAFIA CULTURAL-HUMANÍSTICA

A renovação da Geografia Cultural e o surgimento da Geografia Humanista aconteceu num momento histórico praticamente mútuo. Porém, ambas as correntes, até o surgimento da “nova Geografia Cultural”, apresentam em seus estudos métodos diferentes. Enquanto a Geografia Humanista, desde a sua gênese carrega o humanismo na perspectiva cultural, esse esforço só ganha força com a abordagem pós-80 (Marandola Junior, 2005; Claval, 2007). Quanto ao objeto de estudo, a Geografia Humanista prefere adotar em suas análises, principalmente o conceito de lugar, enquanto a Geografia Cultural os principais conceitos adotados são o de região e paisagem. Diante dessa questão, considerando que a nova Geografia Cultural tem forte influência da Geografia Humanista, adota-se nesta pesquisa o lugar a partir da Geografia Cultural-Humanista. Para Marandola Jr. (2005), nas palavras de Suess (2017), apesar das diferenciações apresentadas, ambas as correntes possuem relações que as unem como:

A crítica ao cientificismo e ao positivismo; um projeto compartilhado que visa explorar e ampliar a experiência e a consciência humana; abordagens que trazem uma postura independente de método que penetra todas as análises geográficas, em destaque, para o humanismo e a abordagem cultural; utilizam a mesma orientação filosófica (fenomenológico-existencialista) (Suess, 2017 p. 99).

Assim como na Geografia Crítica, a Geografia Humanística também surgiu nos meados da década de 1970, contrapondo os métodos da Geografia Nova (também conhecida como Geografia Quantitativa). E, como já relatado, seu método é baseado, principalmente, na Fenomenologia. Essa “Geografia” também se dispõe em utilizar concepções filosóficas do Idealismo, do Existencialismo e da Hermenêutica, porém, o enfoque neste trabalho será dado ao campo da Fenomenologia, pois diante das consultas bibliográficas feitas, constatei que esse método é o mais significativo desse segmento. O estudo da Geografia através da Fenomenologia é tema de pesquisa de vários geógrafos no Brasil e no mundo. Autores como Tuan (1982), Relph (1979), Buttiner (1982, 2015), Holzer (2009), Agnew (*apud* Suess; Ribeiro, 2017), Fremont (1980), Serpa (2021a; 2021b), Oliveira (2013), Marandola Junior (2013), João Baptista Ferreira Mello (1990) e Werther Holzer (1999), são alguns nomes que vêm se destacando nesse campo de estudo, conceituando e problematizando como esse método é visto pelos geógrafos e como ele se relaciona com a ciência geográfica.

A Fenomenologia é fundamentada a partir da descrição dos fenômenos, em sua essência aparente ou ilusória que podem ser observados a partir do contato com sentimentos subjetivos, coletivos e com o próprio espaço. Segundo Merleau-Ponty:

A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: as essências da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua "facticidade". É uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações de atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre "ali", antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico. É a ambição de uma filosofia que seja uma "ciência exata", mas é também um relato do espaço, do tempo, do mundo "vivido". É a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é e sem nenhuma deferência à sua gênese psicológica e às explicações causais que o cientista, o historiador ou o sociólogo dela possam fornecer [...] (Merleau-Ponty, 2011, p. 1-2).

Dessa forma, Merleau-Ponty procura encontrar nas aparências a natureza das essências, detectadas através do mundo vivido pelas pessoas. Ou seja, a Fenomenologia suspende a realidade, fato conhecido como *époque* ou redução fenomenológica “[...] de fato a eliminar todas as afirmações, conceitos e preconceitos a respeito do mundo – para ver o mundo assim como ele é, dando-lhe um estatuto filosófico” (Suess; Ribeiro, 2017, p. 10). Para Merleau-Ponty, a busca pela essência do mundo significa buscar o que ele é de fato e não aquilo que é passado enquanto ideia. Ou seja, “[...] o mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o posso, ele é inesgotável” (Merleau-Ponty, 2011, p. 14).

Por sua vez, Husserl vai chamar esse método de descriptivo de procedimento fenomenológico, dirigindo a atenção para o fenômeno, sendo assim, para tudo aquilo que aparece imediatamente na consciência. (Goto, 2013) Foi através de Husserl que surgiram as primeiras inspirações para os estudos do campo fenomenológico na Geografia. Edward Relph, foi considerado o primeiro geógrafo a buscar o suporte filosófico nesse autor (Serpa, 2021a). Para Relph, nas palavras de Ângelo Serpa (2021, p. 15) “[...] o mundo-vivido não seria absolutamente o óbvio, e os seus significados não se apresentariam por si mesmos, mas deveriam ser descobertos”. Ao relacionar a Geografia com a Fenomenologia, Relph indica um caminho de descrição rigorosa a respeito do mundo-vivido e da experiência humana, reconhecendo as essências das estruturas perceptivas por mediação das intencionalidades (Serpa, 2021a). Relph também buscou inspiração nas ideias do geógrafo fenomenológico Eric

Dardel, através do livro “*O homem e a terra: natureza e realidade geográfica*”¹⁹, 1952. “Para Dardel, o espaço fenomenológico seria resultante de uma conjunção de direções e distâncias, que formariam um mundo mais complexo de integração as categorias espaciais do mundo-vivido, como o lugar e a paisagem” (Serpa, 2021a p. 15).

Apesar do seu apogeu acontecer na década de 1970, a ideia de incorporar a subjetividade nos estudos geográficos tem sua gênese por John K. Wright, em 1947, quando se deu estímulo para os geógrafos investigarem as “terras incógnitas pessoais”, além de estudar os “mecanismos da imaginação presentes na mente humana.” (Serpa, 2021a p. 14) Já em 1961, Yi-Fu Tuan, inspirado na Fenomenologia de Bachelard, cria a ideia de “topofilia” (1961), no qual considera o amor do homem pela natureza (Tuan, 1961 *apud* Serpa, 2021a). Mais tarde, em 2012[1974], o autor publica importante livro da Geografia Humanística intitulado de “*Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*”. Nesse, Tuan aborda a relação do homem com a Terra, apresentando uma variedade de temas acerca da percepção humana que envolve Antropologia, História, Psicologia, Teologia e Literatura.

Tuan apresenta uma desconcertante variedade de materiais e estudos que incorporam esses diferentes pontos de vista sobre o homem e o mundo, de povos de todas as partes do planeta (orientais, ocidentais e austrais). Enfatiza os aspectos subjetivos das relações humanas com o meio ambiente natural através do estudo da relação das pessoas com a natureza e dos seus sentimentos e ideias sobre os espaços. Trata do ambiente físico imaginário social, a relação entre paisagem, memória e cultura; a experiência individual e visão de mundo construindo identificações que são compartilhadas num território comum (Cisotto, 2013, p. 94).

Em 1974, no citado livro Topofilia (2012) Tuan afirmava que o espaço e o lugar definem a natureza da Geografia. Sendo assim, ambos os conceitos deveriam ser estudados embasados “[...] nos sentimentos e nas ideias de um povo na corrente da experiência” (Holzer, 2008 p. 141). Essa ideia foi trabalhada de forma mais sistemática em “*Espaço e Lugar*” de 1977, no qual trouxe a questão sobre o espaço e o lugar diante da experiência humana. Segundo Holzer (2008, p. 142), os temas abordados eram “[...] do corpo e dos valores espaciais dos espaços míticos, da relação entre tempo e lugar, do espaço humanizado, da importância da experiência e das relações intersubjetivas na constituição dos lugares”.

Edward Relph, dessa vez influenciado por Heidegger, também propõe uma definição de lugar a partir da Fenomenologia, indicando que o lugar é ocupação e ocupar “[...] significa a um só tempo dirigir-se e distanciar-se” (Serpa, 2021a, p. 17). Para Buttiner (2015) o lugar é

¹⁹ “*L'Homme et la Terre: nature de la réalité géographique*”.

entendido como “lar”. Essa concepção para o autor é determinante para a constituição da identidade dos lugares. Nesse sentido, o autor também cria a noção de “centramento”, argumentando que o lugar é o centro de interesse da vida do sujeito experienciado. (Buttimer, 2015)

Segundo Mello (1990), a Geografia Humanista surgiu pela insatisfação de alguns geógrafos em relação à produção científica que era criada naquele momento. Descrentes com uma Geografia sem homens e pela busca de rompimento com o positivismo da Geografia Quantitativa, os humanistas se aproximam do Existencialismo, Idealismo, Hermenêutica e a Fenomenologia. “Nas pesquisas dessa corrente as expressões e palavras-chave são os indivíduos, grupos sociais e lugar” (Mello, 1990). Dessa forma, o conceito de lugar se tornou um importante tema, extrapolando o campo geográfico, sendo objeto de estudo para diversas áreas do conhecimento como a Psicologia, Arquitetura e até Engenharias.

Lacoste (1997), sugere que a Geografia não deve ficar nas mãos dos Estados maiores, portanto o seu principal papel é estar presente na vida das pessoas. Dessa forma, mesmo que não operando no campo da Geografia Humanista, o autor de certa forma contribuiu para a valorização do conceito de lugar, pela sua proximidade com as relações do vivido a partir da experiência cotidiana. Ainda nesse contexto, segundo Fremont (1980, p. 133) “Todos os atos da vida, particularmente os que se repetem, implicam certas localizações de formas, de signos, de valores, de representações, e, por conseguinte, criam lugares”. Sendo assim, resumidamente, podemos dizer que o lugar também é o espaço que tem significado para uma pessoa ou grupo social (Tuan, 2013).

De acordo com Holzer (2009), a Geografia ao longo do seu percurso científico, pouco utilizou-se do conceito de lugar, pois quase foi adotado essencialmente com o sentido de localidade. Esse sentido de localidade fez com que Agnew (2011 *apud* Suess; Ribeiro, 2017), classificasse o conceito de lugar em duas concepções: a geometria do lugar, que considera o espaço métrico (latitude, longitude, elevação, entre outras características) e o lugar fenomenológico. A primeira, muito utilizada na Geografia Quantitativa com base no positivismo, vale-se de métodos da estatística e da matemática. Como é sabido, esse enfoque foi duramente criticado pela Geografia Radical e pela Humanista.

Segundo Moreira e Hespanhol (2011), o conceito de lugar é um dos mais usados na concepção humanística. Esse destaque dado ao lugar pela Geografia Humanista, ocorreu, principalmente, através de estudos tais como dos modos de vida, da religião, da cultura, da música, do cinema e da Literatura, que vê esse conceito como importante suporte para a construção do conhecimento geográfico (Suess; Ribeiro, 2017). Sendo assim, as interpretações

dos seus fenômenos estão fundamentadas a partir do espaço vivido em diferentes esferas, inclusive a partir das representações artísticas.

A Geografia Cultural tem seus precedentes através de geógrafos da Geografia Clássica como Ratzel com a obra “*Antropogeografia*”²⁰ (1882) e Paul Vidal de La Blache, que apesar de nunca ter falado em cultura, os seus trabalhos apresentam diferentes processos da relação do homem com o meio, através do seu conceito de gênero de vida. Apesar dos primeiros esforços terem surgido na Europa, é nos Estados Unidos, nos meados dos anos de 1920, que a Geografia Cultural conquistou uma identidade de abordagem através do geógrafo Carl Sauer e seus discípulos da chamada Escola de Berkeley. Na Geografia Cultural “Saueriana” a cultura é definida em termos amplos, agregando os costumes, crenças, técnicas, leis, linguagens, arte entre outros (Claval, 2014). Dessa forma, a Geografia Cultural defende que a cultura exerce uma força capaz de determinar as relações sociais. Nesse sentido, ela passa a ser compreendida a partir de uma relação supra orgânica, determinando as relações com o meio (Corrêa; Rosendahl, 2011).

Porém, a partir dos anos 1970 a Geografia Cultural passou por uma reformulação metodológica, onde deixa de ser tratada como subdomínio da Geografia passando a exercer o mesmo patamar da Geografia Econômica, Política e da População, só para citar alguns dos exemplos (Marandola Junior, 2005). A nova Geografia Cultural, também chamada de Geografia Cultural pós-80, diferentemente da Geografia “Saueriana”, vai defender que a cultura não exerce a força de determinar a sociedade, portanto, ela reflete nos meios e condições de existências e de reproduções dos mais diferentes grupos sociais. Sendo assim, a noção de cultura fica restrita aos diferentes significados que são criados e recriados pela sociedade, em suas específicas espacialidades. Para Corrêa e Rosendahl (2011) a Geografia Cultural pós-80 aborda a cultura numa perspectiva muito próxima da Geografia Humanista que “[...] se interroga sobre o sentido dos lugares” (Claval, 2012 p. 14). Nesse sentido, ambas “geografias culturais” se distinguem, principalmente pela sua gênese, pelas diferentes maneiras que a noção de cultura é adotada e pelos resultados diferentes e complementares que foram produzidos por si, em diferentes momentos da história do pensamento geográfico (Corrêa; Rosendahl, 2011). Apesar dessas diferenciações, Roberto Lobato Corrêa, em seu artigo *Temas e caminhos da Geografia Cultural: uma reflexão*, defende que ambos os “modelos” de abordagem cultural se complementam.

Admitimos que a geografia cultural brasileira, deve em seu conjunto, dedicar-se às duas correntes aqui consideradas, pois ambas se complementam. Isto significa dizer que os estudos sobre morfologia da paisagem cultural e de seus

²⁰ “*Anthropogeographie*”.

múltiplos significados são bem-vindos, assim como os estudos sobre a percepção ambiental, festas peregrinação, sexualidade e interpretação de textos diversos. Regiões culturais, tipos de casa, monumentos e novas configurações culturais no espaço, conflitos e lutas sociais pelo espaço são outros temas que merecem nossa atenção (Côrrea, 2010, p. 16/17).

No Brasil, a Geografia Cultural vai se firmar a partir dos anos 1990, através do surgimento de grupos e laboratórios de pesquisas, criados por professores como Roberto Lobato Côrrea e Zeny Rosendahl²¹, sob forte influência do geógrafo francês Paul Claval que na França coordenava o Laboratório *Espaces, Nature et Culture* da Universidade de Paris-Sorbonne IV (Claval, 2014). Na Bahia é válido destacar os esforços dos grupos de pesquisas da Universidade Federal da Bahia (UFBA) como: Territórios da Cultura Popular (TERRACULT) e Produção do Espaço Urbano (PEU), que ao longo nos anos vêm desenvolvendo pesquisas acadêmicas desse campo científico, resultando em diversas publicações, teses, dissertações, além da realização de simpósios, seminários, cursos e concursos em abrangência nacional e internacional.

Os temas abordados são os mais variados possíveis. As populações do “Brasil profundo” que foram analisadas, principalmente, por Maria Geralda Almeida em seu Grupo de Pesquisa *Geografia Cultural: territórios e identidade*, com mais de 20 anos de existência. O estudo sobre as manifestações da cultura popular que animam a cidade é objeto de estudo de Angelo Serpa (2006; 2015), que procura, por exemplo, qual é o lugar da capoeira na cidade do Salvador (Claval, 2014). Num país considerado o mais Católico do mundo e com grande ascensão das igrejas neopentecostais, os estudos culturais a partir da religião se tornou um importante tema para a Geografia, através, principalmente, das pesquisas desenvolvidas pela Professora Zeny Rosendahl. A religião, dessa vez pautada nas de matrizes afro-brasileiras, é tema de pesquisa da geógrafa Aureanice de Mello Côrrea (2004; 2008), que analisa a Festa da Boa Morte que acontece na cidade de Cachoeira-BA.

No cenário artístico, o cinema e a Literatura têm sido importantes objetos de pesquisa para uma abordagem cultural. No cinema, Maria Helena Vaz Costa se consolidou como um dos nomes mais importantes do estudo sobre o tema, reconhecido nacional e internacionalmente. Já na Literatura, Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro (2002), através dos estudos sobre conteúdos geográficos em obras literárias, se tornou um dos precursores do tema que ganhou uma expressiva repercussão em diferentes grupos de pesquisa do Brasil (Claval, 2014). Nas últimas décadas, através de uma breve leitura em periódicos, é possível identificar várias

²¹ O Núcleo de Pesquisa em Espaço e Cultura (NEPEC) do Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), foi um dos precursores de grupos de pesquisa voltados para o campo da Geografia Cultural. Além das pesquisas desenvolvidas, esse grupo se destacou pela tradução e publicação de várias obras com abordagem cultural na Geografia.

pesquisas com abordagem cultural que envolve vários tipos do fazer artístico, unindo vertentes da Geografia Humanista, Cultural e até a teoria da Geografia (Fernandes, 2017).

2.3 O ESPAÇO GEOGRÁFICO NA LITERATURA

De acordo com geógrafo Antônio Carlos Robert Moraes (2008) a Geografia enquanto ciência se insere numa dualidade fundamental: a Geografia material, baseada numa realidade concreta e materializada a partir dos objetos e arranjos geográficos; e a Geografia feita a partir dos discursos, em referência às projeções e representações socioespaciais acerca do próprio conjunto da materialidade. Para Leitão Júnior e colaboradores

Essa dualidade permite pensar a consciência *lato sensu* do espaço a partir dos chamados pensamentos geográficos, pois estes envolvem os discursos cultos que versam sobre o espaço e a superfície terrestre, sejam eles integrantes das esferas da Literatura, da Filosofia ou da Ciência *strictu sensu* (falando-se, neste caso, mais especificamente da Geografia acadêmica). Portanto, a Literatura se filia como uma representação discursiva legítima que permite resgatar os pensamentos geográficos, e suas variações temporais e espaciais, uma vez que se reveste de uma crítica e/ou projeção para a produção e/ou para o ordenamento espacial (Leitão Júnior. *et al* 2011, p. 4-5).

As análises geográficas em textos literários vêm ganhando expressiva visibilidade nas últimas três décadas. No Brasil, esse processo se avoluma nas últimas duas décadas com a “proliferação” de grupos de pesquisas, e, consequentemente, a produção de trabalhos em caráter de artigos, dissertações e teses. Muito se discute que o estudo do espaço geográfico na Literatura é recente, porém, Brosseau (2007) argumenta que o seu surgimento aconteceu ainda nos primórdios da história do pensamento geográfico moderno e com o surgimento da Geografia Cultural, na primeira metade do século XX. Na Geografia Clássica observa-se para o teor literário nos escritos de Paul Vidal de La Blache, “*A Geografia da Odisseia*”²² de 1904, ou indo mais profundo, ainda no século XIX com os dois capítulos do “*Cosmos*” de Humboldt, um geógrafo preocupado com a “poesia da paisagem” e a “pintura da natureza” (Humboldt, 1978 p. 8 *apud* Ricotta, 2003, p. 153). Ainda sobre Humboldt, Mendonça (1996) releva:

Um homem preocupado com a divulgação científica associada ao estímulo da imaginação dos ouvintes e dos leitores. Lembrando que preocupações estéticas como: ‘a graça, o belo, o grandioso, o sublime, e tantas outras, são a

²² “*La Géographie de L’Odyssée*”.

contribuição do não- prático, no mundo das artes, para uma vida humana mais humana' (Mendonça, 1996 p. 128).

No entanto, é no decorrer do século XX que autores na Inglaterra, França e Estados Unidos vão se debruçar sistematicamente para os conteúdos geográficos em obras literárias como Paul Vidal de La Blach, Hugh Robert Mill e John Kirtland Wright, principalmente a partir da década de 1970 (Suzuk, 2017). Como parte desses estudos observam-se, também, artigos que debatem o romance como complemento das análises regionais, nas obras de Baker (1931), Gilbert (1960), Paterson (1965) e Darby (1948) que questiona a seriedade do uso de fontes literárias pela Geografia, pois segundo o autor a Literatura não seria capaz de criar bases sólidas para uma Geografia rigorosamente científica (Brosseau, 2007).

Como já mencionado no capítulo anterior, nos meados dos anos de 1970, a Geografia Teórica Quantitativa passou a ser duramente criticada pelos métodos positivistas, voltadas para políticas de Estado, atendendo principalmente os interesses da burguesia (Lacoste, 1997; Santos, 2008 [1978]). Os estudos ligados ao diálogo entre a Geografia e a Arte só ganharam significativa notoriedade com o advento da Geografia Humanista que procurava colocar o sujeito no centro das suas discussões (Suzuk, 2017). Nesse contexto, surgiram novos estudos geográficos, com temas artísticos, em especial voltados para Literatura sob forte influência do campo da fenomenologia (Batista, 2012; Fernandes, 2017; Silva, 2020). Essas “necessidades”, segundo Anjos (2017), surgem na procura de entender um mundo vivido no cotidiano, bem como os seus significados.

Assim, desde a década de 1970, há uma cobrança, para as ciências humanas, de uma produção de conhecimentos a partir da junção dos seres humanos com o mundo vivido identificando os indivíduos e grupos sociais que, cotidianamente, vivenciam a espacialidade e elaboram significados repletos de orientação e referencialização espacial ofertando possibilidades de entendimento e/ou compreensão da vida. Desta maneira, o conhecimento se pauta na superação das distinções familiares e óbvias que até pouco tempo era considerada insubstituível, tais como mente-matéria, observador-observado, coletivo-individual e objetivo-subjetivo (Anjos, 2017, p. 238).

Antonio Carlos Robert Moraes entende o pensamento geográfico como um “[...] conjunto de discursos a respeito do espaço que substantivam concepções de uma dada sociedade” (Moraes, 2002, p. 32). Diante desse contexto, Moraes indica a presença da Geografia na Literatura ao dizer que o pensamento geográfico “[...] emerge em diferentes contextos discursivos, na imprensa, na Literatura, no pensamento político, na estatística, na pesquisa científica etc.” (Moraes, 2002, p. 32)

De acordo com Suzuki (2017) os debates relacionados à Geografia e à Literatura no Brasil teve início através de Pierre Monbeig no livro “*Ensaios da Geografia Brasileira*” (1940) ao defender que ambas as disciplinas possuem um ponto em comum nas suas análises que é a descrição da paisagem. Para Monbeig, “*Os Sertões*” (1902) de Euclides da Cunha é uma importante ferramenta para compreender o “Brasil profundo”, passando a considerar o livro como um dos primeiros e mais completos estudos da Antropogeografia no Brasil pela sua enriquecedora fonte de descrição espacial entre a sociedade e a natureza.

Não foi Euclides da Cunha, cujos Sertões mereceriam ser melhor conhecidos fora do Brasil, um dos primeiros e mais completos antropogeógrafos brasileiros? A atenção do geógrafo fixa-se sobre fenômenos complexos; ele se esforça por decifrar as ações e reações dos diversos fenômenos físicos, entre si e em relação ao homem. São essas relações sutis, os elementos com que trabalha. De um todo, que como tal se apresenta aos olhos do profano, procura o geógrafo decompor os diversos elementos, determinar-lhes o valor exato, sem, entretanto, isolá-lo arbitrariamente, pois deseja compreender como se realiza sua combinação (Monbeig, 1940, p. 224).

As pesquisas que têm como objetivo o diálogo entre a Geografia, Literatura e também outras formas de expressão artística, vêm, nos últimos anos, ganhando forte notoriedade. Para o geógrafo Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, “[...] é natural que se multipliquem as tendências e as gerações de propostas de Novas Geografias.” (Monteiro, 2007, p.13) Analisando algumas produções que têm a arte como foco, observam-se trabalhos ligados à música, cinema, fotografia e grafite, porém, em número reduzido comparado com a Literatura. Muitas dessas produções estão ligadas às representações das cidades (o imaginário, o concebido, o percebido e suas contradições).

Em 2011 foi realizado o *IX Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ENANPEGE)*, na cidade de Goiânia, onde foi organizado um grupo de trabalho com o tema “Geografia e Literatura”, contando com a participação de geógrafos de referência como Eguimarcus Felício Chaveiro (Universidade Federal de Goiás-UFG), Júlio César Suzuki (Universidade de São Paulo-USP) e Cláudio Benito Oliveira Ferraz (Universidade Estadual de São Paulo - UNESP), que resultou na apresentação de 12 trabalhos com enorme riqueza de debates e trocas de experiências. O Grupo de Trabalho resultou em diversas ações, entre elas:

[...] a criação de uma revista (em vias de divulgação do seu primeiro número, em que pese já ter sido aprovada junto ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo: Revista Geografia, Literatura e Arte); a organização do *Simpósio Nacional/Internacional de Geografia, Literatura e Arte (SIGEOLITERART)*,

em São Paulo, em 2013, [...] e a criação de um Grupo de Pesquisa junto ao CNPq, o que foi realizado de imediato, a partir da Universidade de São Paulo, sob a liderança institucional de Júlio César Suzuki (USP) e Eguimar Felício Chaveiro (UFG), com o nome de Grupo de Pesquisa Geografia, Literatura e Arte (GEOLITERART) (Suzuki, 2017 p. 134).

Durante o X ENANPEGE, em 2013, dessa vez sediado em Campinas, um novo Grupo de Trabalho com a temática Geografia e Literatura foi formado, dessa vez sob a coordenação dos Professores Eguimar Felício Chaveiro (Universidade Federal de Goiás -UFG), Júlio César Suzuki (Universidade de São Paulo- USP), Eduardo Marandola Júnior (Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP) e Cláudio Benito Oliveira Ferraz (Universidade Estadual Paulista UNESP). Nesta edição do evento, observa-se o aumento de trabalhos aprovados (18) e a variedade dos seus temas (Suzuki, 2017). No ano de 2015 esse grupo de trabalho incorporou o estudo da imagem, passando a ser intitulado Geografias, Imagens e Literatura: interlocuções possíveis, sob a coordenação de Eguimar Felício Chaveiro (UFG), Flaviana Gasparotti Nunes (Universidade Federal de Juiz de Fora-UFGD), Júlio César Suzuki (USP), Ana Maria Lima Daou (Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ) e Jones Dari Goettert (UFGD), sendo que foram apresentados 20 textos e publicados 21 com análises geoliterária e imagética, a partir de conceitos e categorias da Geografia.

A riqueza temática, teórica e metodológica foi enorme. Inicialmente, podemos apontar que categorias geográficas diversas foram utilizadas: lugar, região, paisagem, território, cidade, campo, fronteira; estando estas relacionadas a outras, como imagem, símbolo, sujeito, existência, imaginário, sensibilidade (Suzuki, 2017).

Essa diversidade temática, conceitual, teórica e metodológica também foi encontrada em diversas edições de eventos (simpósio, seminários, concursos e cursos) em diversas partes do Brasil, inclusive na Bahia. Importa destacar ainda que os trabalhos ligados à Literatura e outras expressões artísticas, desenvolvidos junto ao Programa de Pós-Graduação (POSGEO) em Geografia da UFBA, sob a orientação da Professora Doutora Maria Auxiliadora da Silva, vêm rendendo bons resultados. Como já mencionado, a temática que tem interessado estudiosos de várias regiões da Bahia, do Brasil e até mesmo do exterior, resulta em teses e dissertações, que rende a realização de eventos científicos, assim como a publicação de artigos, organizados em diversos livros.

A organização de eventos como o *I^a Simpósio de Geografia Literatura e Arte* ocorrido em Salvador entre os dias 8 e 9 de junho de 2010, contou com as palestras de Délio José Ferraz Pinheiro (UFBA), Heloísa Araújo de Araújo (Universidade Tiradentes-UNIT), Gervásio

Rodrigo Neves (Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS), Eduardo José Marandola Junior (UNICAMP), Jânio Roque Barros de Castro (Universidade do Estado da Bahia-UNEB) e José Antônio Saja (UFBA), além de 15 comunicações livres que resultaram na publicação da coletânea *Geografia, Literatura e Arte: reflexões* (2010), sob a organização de Maria Auxiliadora da Silva e Harlan Rodrigo Ferreira da Silva.

O Iº Concurso literário Milton Santos (2014) inovou ao trazer a perspectiva da produção geoliterária a partir do pensamento de Milton Santos. O evento que contou com a palestra de Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro (USP), Maria Adélia Aparecida de Souza (USP), Aldo Dantas (Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN) e Clímaco Dias (UFBA), selecionou 13 trabalhos ganhadores que concorreram nas categorias poema e crônica, subdividido em ensino médio, graduação e profissionais liberais. Os trabalhos, assim como as valiosas palestras dos Professores(as), foram publicados no livro *Milton Santos gerando inspirações literárias*, sob a organização da Professora Maria Auxiliadora da Silva. No ano de 2022, o Grupo de Pesquisa Produção do Espaço Urbano realizou junto ao POSGEO o curso internacional “*Geografia e Arte*”, com a presença de vários pesquisadores do Brasil e do mundo, fortalecendo ainda mais esse campo de pesquisa no POSGEO. Esses trabalhos e eventos mostram a consolidação desse campo de estudo, oferecendo novas perspectivas da análise do espaço geográfico para além da ciência.

2.4 SOBRE O PAPEL DAS ARTES NAS REPRESENTAÇÕES DO(S) LUGAR(ES) DOS “BRASIS PROFUNDOS”

De acordo com David Harvey (1993), as práticas culturais e estéticas possuem a habilidade de captar os movimentos do espaço e do tempo, uma vez que estão “[...] envolvidas com a construção de representações que sinalizam experiências localizadas entre o ser e o porvir” (Barbosa, 2000, p. 69).

A obra de arte tem o poder de transmitir ou expressar sensações e sentimentos, mas também possibilita a capacidade de refletir sobre o mundo. O Brasil possui um quantitativo expressivo de artistas de diferentes segmentos, reconhecidos em todo planeta. Muitas das obras desses artistas têm o Brasil como objeto nas suas representações e um número considerável delas envolve questões voltadas para crítica social, espacial e política. Sendo assim, a obra de arte pode assumir um modo “[...] específico de apropriação da realidade, vinculado a outros modos de apropriação humana do mundo em com as suas condições históricas, sociais e culturais em que ocorre” (Vásquez, 1999, p. 47).

A reprodutividade técnica (Benjamin, 1987), expandida consideravelmente devido aos efeitos do meio técnico-científico-informacional, criou dinâmicas novas de fazer e divulgar arte no Brasil e no mundo. Devido às novas dinâmicas da indústria cultural (Adorno, 1971), em que as informações passam acontecer de forma cada vez mais velozes (muitas delas de forma alienada), grande parte do segmento artístico passa a investir em produções voltadas para cultura de massa, sem compromisso com a estética ou que envolva questões de compromisso social. É cada vez mais comum produzir arte que não faz pensar.

Apesar desses entraves, a arte que faz refletir sobre a dinâmica dos lugares resiste, sobretudo no viés da cultura popular, como é o caso do *Rap*, cujas composições têm o caráter de denunciar as desigualdades que estão presentes nas periferias das grandes cidades (Teixeira, 2020). Em contrapartida, a reprodutividade técnica muito bem incorporada nas novas mídias sociais (aplicativos de mensagens e redes sociais), pode garantir um considerável impacto de visibilidade de produções artísticas independentes, o que nas mídias tradicionais (televisão, rádio, jornais impressos) seria algo extremamente difícil de acontecer. Nesse sentido, é preciso salientar a grande visibilidade midiática que o romance *Torto Arado* conseguiu diante dessas novas mídias. A fascinante história repercutiu positivamente entre artistas, políticos e outras personalidades da mídia. Atualmente, Itamar Vieira Júnior possui contas vinculadas às redes sociais como o *Instagram* e o *X* (antigo *Twitter*), que lhe rendem diversos seguidores e admiradores do seu trabalho. É uma obra que representa, mas que também sensibiliza os lugares.

Toda arte nasce diante de um contexto, seja ele social, espacial, histórico e político. No Brasil, as representações artísticas são capazes de imprimir uma identidade ao local e ao lugar-mundo. A música de Dorival Caymmi, assim como a Literatura de Jorge Amado são exemplos dessa dinâmica dos lugares da cidade do Salvador com o mundo. Em suas obras fica evidente a riqueza dos detalhes sobre o cotidiano e das experiências vividas (religiosidade, cultura, culinária, costumes, entre outros) na cidade do Salvador, durante o século XX (Castro, 2014; Santos, 2004). A repercussão da obra desses autores no Brasil e no mundo fez com que a cultura baiana fosse divulgada, criando narrativas em relação à venda do “produto” Bahia, principalmente a partir da intervenção e estrutura estatal, em parceria com órgãos internacionais e agências de turismo, assumindo ao Pelourinho não só a função histórica, mas também de lazer e turismo (Santos, 2004).

Falar sobre os lugares através da ótica artística possibilitou também falar de questões problemáticas que estão enraizadas desde os primórdios da história do Brasil. O próprio movimento literário do Quinhentismo já tinha como objetivo descrever sobre as riquezas do

território brasileiro com o sentido de explorá-lo. A arte pode servir para os interesses hegemônicos e vale destacar que o seu acesso por muito tempo esteve direcionado à classe dominante. Em contrapartida, observam-se os escritos de Gregório de Matos, conhecido como o Boca do Inferno (Brandão, 2016), que na Bahia denunciou e criticou a hipocrisia e a violência de estruturas sociais dominantes na época, como o poder do Estado e da Igreja Católica. Aspectos que trilhavam o modo de vida e do cotidiano da época, ou seja, a própria dinâmica do lugar. Outro importante poeta baiano que expressou a dinâmica dos lugares através das narrativas poéticas foi Castro Alves, com seus poemas abolicionistas, que talvez, para a época, tenha sido um grande ato de coragem num país que mais escravizou pessoas no mundo e que foi o último a dizimar esse ato de crueldade e desumanidade.

As representações dos “Brasis profundos”/entortados não se resumem aos escritos literários. A música, assim como o cinema, também desempenha papéis fundamentais nessas representações. Durante um dos momentos mais conturbados da história brasileira, intérpretes e compositores como Belchior, Chico Buarque, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Gal Costa, Tom Zé, Nara Leão, através das suas canções, fizeram circular pelo mundo as dinâmicas dos lugares marcado pelo período ditatorial, que perpetuou no Brasil entre os anos de 1964 e 1985. Com exceção de Belchior, esses músicos fizeram parte do movimento Tropicália, criando enfrentamento político e de resistência cultural à barbárie institucionalizada pelo poder do Estado, através dos militares. Para Oliveira Filho (2016), além do tema sobre a ditadura, as canções desse movimento abordam a vida cotidiana de personagens rurais (através das lutas contra a opressão dos latifundiários) e urbanos (o povo da favela, o sambista do morro e a exploração do trabalho).

Dessa forma, a “canção de protesto” representa uma “visão épico-dramática e nacional-popular da história e do Brasil” (Wisnik, 2004, p. 2010). O Cinema Novo, também trouxe uma dinâmica espacial sobre o lugar em suas produções ao criticar o “Brasil profundo”, em especial do nordeste brasileiro. O atraso, a violência e as desigualdades socioespaciais fazem parte das tramas dirigidas por Cacá Diegues, Nelson Pereira dos Santos e Glauber Rocha (Dantas; Rodrigues, 2018).

Nas artes plásticas, a paisagem exerce função protagonista nas suas representações. Porém, o lugar também aparece se constituindo através das desigualdades, dos grupos sociais e das resistências que nele estão representadas. Artistas como Carybé, Cândido Portinari e Di Cavalcanti, além de elementos paisagísticos, expressam nas suas obras o lugar numa dimensão repleta de signos e do cotidiano. São temas carregados de elementos que englobam questões sociais, culturais e espaciais do Brasil. As obras “*Cena de Rua*” (Carybé, 1994), “*Criança*

Morta" (Portinari, 1994) e "*Samba*" (Di Cavalcanti, 1927), são expressões artísticas que marcam o espaço vivido e gera uma certa sensibilidade de reflexão, o que talvez a ciência não seria capaz de garantir.

Voltando para o âmbito da Literatura é preciso salientar os trabalhos realizados pelos autores da chamada Geração de 1930. O modelo político, assim como o processo de industrialização tardia e as consequências da escravização, são alguns dos problemas que fez o Brasil, nas primeiras décadas de República, carregar heranças de subdesenvolvimento e, consequentemente, de desigualdades socioespaciais. Com a quebra da bolsa em Nova Iorque em 1929, o preço do café sofreu forte queda no mercado, resultando numa grande crise na economia agroexportadora. A crise econômica fortaleceu o clima de revolta política, desencadeando na Revolução de 1930, encerrando a oligarquia da Política do café-com-leite, porém, em 1937, fez surgir o regime político do Estado Novo (Abreu, 2005).

Nesse contexto, surgiu a geração de escritores que debruçaram sobre as questões espaciais, sociais e políticas, lançando um olhar crítico sobre os lugares dos "Brasis profundos" da época. A visão "regionalista" de autores como Jorge Amado, Graciliano Ramos e José Lins Rego tem como marca em suas narrativas a constituição de lugares marcados pelas desigualdades socioespaciais e injustiças. Porém, é válido analisar o misto de personagens (mulheres, negros e pobres) que compõem suas obras como símbolo de resistências às mazelas socioespaciais, assim como nos personagens que estão presentes em *Torto Arado*. A vasta produção literária nesse período, considerado como a "época dos romances", foi marcada por grandes obras literárias que, pela sua complexidade, faz parte de vários temas de pesquisas, inclusive no campo da Geografia. É preciso salientar que, em suas entrevistas, o autor Itamar Vieira Junior declara a sua paixão e inspiração nos romances da geração de 30, citando, em especial, os nomes de Graciliano Ramos e Jorge Amado.

Assim como nos romances da geração de 1930, *Torto Arado* surgiu num momento muito necessário para refletir sobre o Brasil, em especial o "profundo", que no decorrer da história sempre esteve apagado pelas grandes mídias e pela sua própria população. Os anos 2010 no Brasil foram marcados por intensas crises sociais, econômicas e políticas, o que resultou na ascensão de governos de extrema direita, como já havia acontecido no mundo, a exemplo dos Estados Unidos. As violências no espaço agrário ganharam força, inclusive com a participação do próprio Estado, através do poder político e policial, com o objetivo de atender aos interesses dos agentes hegemônicos, um dos principais protagonistas do sistema da mundialização do capital, conceituado por Santos (2000) como globalitarismo. Essa dinâmica ameaça diversas comunidades tradicionais, a exemplo de quilombolas e indígenas. Só para se ter uma ideia,

segundo a Comissão Pastoral da Terra (2024), no ano de 2023 o Brasil foi marcado por 2.203 conflitos no campo, sendo que a Bahia liderou esses conflitos com cerca de 249 ocorrências.

É neste momento que os indivíduos ou grupos extremistas compõem uma psicoesfera do ódio que é propagada através da tecnoesfera da (des)informação. Grupos de minorias são constantemente atacados através de discursos de ódio e de mentiras. Esses ataques são propagados através das novas mídias sociais que alcançam milhares de pessoas em pequena escala de tempo. É a forma perversa da globalização.

As disparidades socioespaciais também são agravadas neste período. A cidade, com seu aglomerado de gente, enfrenta no seu dia a dia a falta de estrutura básica para sua população mais pobre. A segregação entre ricos e pobres é percebida por Dias (2017) ao concluir em sua tese de doutorado que a pobreza está diretamente ligada à cidadania que não chega para todos, seja devido à falta de esgoto sanitário ou a escola que não tem professor. Ainda nesses grandes centros urbanos vale destacar os casos de violência que exterminam os jovens da periferia, principalmente da raça negra.

Como já mencionado, o “Brasil profundo” não é um fenômeno exclusivo do espaço rural, ele também engloba localidades urbanas, pois trata de lugares dos invisíveis. O “profundo” aparece nesse contexto, no sentido de desvelar essas injustiças e desigualdades que estão presentes no território brasileiro. O “Brasil profundo” tampouco é um fenômeno novo. Este “Brasil” sempre esteve presente na sua história. O processo violento da colonização e da escravização é a gênese desse processo, enraizado até nos dias de hoje. No próximo capítulo será discutido este tema com maior profundidade.

CAPÍTULO II

TORTO ARADO: O GRITO DOS LUGARES SILENCIADOS

A voz de minha mãe ecoou baixinho revolta no fundo das cozinhais alheias debaixo das trouxas roupagens sujas dos brancos pelo caminho empoeirado rumo à favela.

A minha voz ainda ecoa versos perplexos com rimas de sangue e fome.

A voz de minha filha recolhe todas as nossas vozes recolhe em si as vozes mudas caladas engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha recolhe em si a fala e o ato.

O ontem o hoje o agora.

Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância o eco da vida-liberdade.”

(Conceição Evaristo).



3 TORTO ARADO: O GRITO DOS LUGARES SILENCIADOS

Inspirado nos romancistas da chamada geração de 1930, o romance *Torto Arado* se caracteriza por trazer questões distantes de serem resolvidas no cenário brasileiro. Esses lugares representados no livro, ao longo do tempo foram esquecidos e silenciados, principalmente pelas esferas políticas, econômicas, sociais e até mesmo artísticas. As artes, em especial a Literatura, esteve no domínio de uma elite intelectual branca, o que resultou em obras centralizadas numa estética majoritariamente da branquitude²³. Em sua maioria, a constituição dos lugares dos negros na Literatura foi construída de forma caricata, inferiorizada e sem protagonismo. Vale destacar que autores negros, a exemplo de Carolina Maria de Jesus, devido ao racismo estrutural, tiveram seus trabalhos apagados ou silenciados pela mídia, sociedade e pela comunidade acadêmica, somente ganhando notoriedade recentemente. Foi na década de 1980 que surgiram autores(as) negros(as) com um certo destaque e que passam a contar a história sobre as suas ancestralidades. Uma história que, por muito tempo, passou por inúmeras versões ou tentou ser apagada do Brasil, porém, as relações solidárias que faz acontecer o lugar fizeram com que essas narrativas resistissem através da oralidade, através do conhecimento popular que vai sendo passada de geração em geração (Evaristo, 2009).

Apesar do racismo gritante, recentemente o Brasil vem ganhando uma consciência negra significativa e algumas conquistas, resultado de muitas lutas de lideranças do Movimento Negro. Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022) mostram que, nos últimos anos, as pessoas estão se declarando significativamente como negros e pardos. O Estatuto da Igualdade Racial (2010), que visa coibir a discriminação racial e estabelece políticas para diminuir a desigualdade social existente em diferentes grupos sociais, foi um grande avanço para o país. No ano de 2023, o presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, sancionou a Lei 14.532/2023 que equipara o crime de injúria racial ao crime de racismo. As cotas raciais e assistência estudantil nas universidades públicas também foram um grande avanço para a comunidade negra, pois com o novo perfil universitário produções artísticas, científicas e tecnológicas de pessoas negras e com pautas negras cresceu significativamente. Ainda na esfera educacional, foi instituída as leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008 que tornam obrigatório o ensino da História e cultura africana e afro-brasileira no currículo escolar, com

²³ De acordo com a pesquisadora Lia Vainer Schucman, durante uma conferência realizada pelo Comitê Pró-Equidade de Gênero e Raça da Fiocruz (2019) a “[...] branquitude trata-se de um lugar de vantagem estrutural do branco nas sociedades estruturadas pelo racismo, ou seja, todas aquelas colonizadas pelos europeus, porque a ideia de superioridade surge ali e se espalha via colonização. Dessa forma, colocam as definições vindas da branquitude como se fossem universais. O que chamamos de História Geral, por exemplo, deveria ser chamada de História branco-europeia”.

ênfase nas disciplinas de História, Arte e Literatura, objetivando a educação para as relações étnico-raciais (Brasil, 2018).

Todas essas conquistas possibilitaram abertura e debates sobre a inserção do(a) negro(a) em posições de poder nos campos: político, tecnológico, científico, cultural e artístico. É nesse contexto que surge o romance *Torto Arado*, uma obra produzida por um autor negro, formado numa universidade pública e de origem humilde. A obra que fala sobre os lugares dos “Brasis profundos” deu a voz a um grupo social extremamente violentado pelo crime do racismo. Apesar dos avanços destacados acima, o Brasil vive intensos problemas que envolvem a questão racial. O acesso à saúde, à educação e à moradia para a população negra, temas relatados no livro, ainda é um dos grandes dilemas para a reparação racial. O direito pelo acesso à terra em comunidades quilombolas, outro tema retratado no livro, é uma questão bastante delicada e a sua população vem enfrentando uma série de ameaças e assassinatos, como foi o caso da Mãe Bernadete, líder quilombola assassinada na Bahia em 2023.

Toda essa violência e negação à cidadania em sua grande parte é silenciada pela grande mídia. *Torto Arado*, pela sua grande visibilidade midiática, pode ser considerado o romance que dá voz aos excluídos, representados nas personagens negras e quilombolas Bibiana, Belonísia, Donana, entre outras que estão presentes na trama. O livro é o reflexo de um Brasil racista, mas que resiste pela força do lugar (o acontecer solidário). Na sequência do capítulo discutiremos a contribuição da Literatura afro-brasileira nas representações espaciais, em especial do romance *Torto Arado* e o seu papel de representar os lugares silenciados. Além disso, será abordada a trajetória intelectual e profissional de Itamar Vieira Junior — que parte do seu centro, suas vivências, decisivas para escrever o romance.

3.1 A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E SUAS REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS

A Literatura brasileira é rica em variedade de estilos, temas e autores, distribuída em diferentes épocas e escolas literárias. Entretanto, Dalcastagné (2012) verifica que grande parte dessas obras foram escritas por um grupo seletivo de pessoas brancas e majoritariamente do sexo masculino. Para Conceição Evaristo (2009), os autores, assim como personagens negros, são deixados à margem do cânone literário, visto que no decorrer do tempo várias barreiras existiram, o que dificulta a divulgação dessas obras, favorecendo: “[...] o apagamento intencional da autoria em alguns casos com pouca circulação e esquecidas em prateleiras; em outros sofrem o apagamento intencional da autoria; e outros mais que ocultam a etnia dos

autores” (Jesus, 2022 p. 13 *apud* Evaristo, 2009). Para se ter uma ideia, o próprio livro *Torto Arado*, devido às dificuldades de ser publicado no Brasil, precisou antes ser lançado em Portugal, onde foi o grande vencedor do Prêmio Leya (2018), só vindo a ser publicado no território nacional em 2019, através da Editora Todavia-SP.

Sabe-se que muitos dos problemas relacionados às disparidades socioespaciais, referentes ao “Brasil profundo” estão diretamente ligados com a questão racial (Ribeiro, 2010, 2015). O acesso à cidadania no Brasil é mais restrito em localidades onde se apresentam maior número de negros e indígenas, além de outras minorias. Ou seja, o país segue com número significativo de negros(as) liderando trágicas estatísticas no que se refere à taxa de mortalidade por mortes violentas, índice de desemprego, analfabetismo, entre outros.

O pensamento científico além da política, economia e sociedade também influencia na arte. A Literatura pós-escravização sofreu influência de duas correntes de pensamentos eurocêntricas: o positivismo e o darwinismo social. O positivismo defendia a tese de que os negros são seres inferiores na ênfase de diferentes qualidades, tais como: estética, cultural, científica. Ou seja, essa inferioridade era comparada diante do pressuposto da superioridade intelectual da raça branca sobre a negra. Já o darwinismo social defendia a ideia de superioridade de raças, considerando a raça branca (europeia) superior em relação as demais, o que configura o Brasil como um país de raça inferior, pois sua formação étnica foi formada majoritariamente por negros, indígenas e mestiços (Castilho, 2004). Sendo assim, com essa formação, segundo as teorias eurocêntricas, o país não dava boas perspectivas de desenvolvimento social, econômico e político. O único modo de desenvolvimento seria através do embranquecimento da população, constituindo o racismo como:

A ‘ciência’ da superioridade eurocristã (branca e patriarcal), na medida em que se estruturava o modelo ariano de explicação que viria a ser não só referencial das classificações triádicas do evolucionismo positivista das nascentes ciências do homem como ainda hoje direciona o olhar da produção acadêmica ocidental (Gonzalez, 2020, p. 117).

A história de pessoas negras nos livros de Literatura, escrito por pessoas brancas, em sua grande parte, expressa uma narrativa inferiorizada e desumana. Muitas das vezes a questão do racismo, assim como suas implicações para a sociedade como o processo e a “herança” da escravização é totalmente ocultada ou idealizada. Segundo Castilho (2004), a figura do negro na Literatura brasileira antes de 1850 era praticamente inexistente.

A fase modernista (a partir de 1922), buscou pela ampla valorização de temas que envolveram a valorização das raízes mais autênticas da cultura brasileira, buscando falar do

“Brasil para os brasileiros” (Castilho, 2004). Entretanto, quando se trata da representação do negro, no que tange às suas particularidades, observa-se apenas uma representação caricata. O racismo estrutural fez com que a Literatura escrita por pessoas negras estivesse por muito tempo de forma apagada ou marginalizada. Diante disso, as narrativas desses lugares foram silenciadas, esquecidas ou marginalizadas.

Apesar de todas as adversidades, a Literatura brasileira possui diversos(as) escritores(as) afro-brasileiros(as), os quais, infelizmente, ainda permanecem desconhecidos(as), inclusive no ambiente escolar. As obras desses autores, em sua grande composição, representam o cotidiano dos lugares do espaço urbano e rural, mas também expressam dramas humanos como traição, amor, ódio, morte e tristeza. Como exemplo disso é possível mencionar: Carolina Maria de Jesus (1917-1977) com o livro “*Quarto de Despejo: diário de uma favelada*” (1960); Maria Firmina dos Reis (1822-1917), conhecida principalmente pelo livro *Úrsula* (1859); Lima Barreto (1881-1922), conhecido pelas obras *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915) e *Clara dos Anjos* (1948, obra póstuma); Machado de Assis (1839-1908), muitas vezes com sua etnia ocultada, autor de *Dom Casmurro* (1900), *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), entre outras; Luís Gama (1830-1882), com o livro *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino* (1859); Cruz e Sousa (1861-1898), o mais importante poeta simbolista brasileiro, autor de *Broquéis* (1993) e *Missal* (1893), entre muitos outros (Jesus, 2022).

Para Jesus (2022), foi somente nos anos de 1980 que surgiu uma consciência negra, capaz de colocar o negro de fato na Literatura. A Literatura negra ou afro-brasileira como destaca Duarte (2013) busca reescrever a história dos lugares a partir do ponto de vista dos que antes foram silenciados (negros ou descendentes assumidos de negros), buscando assim resgatar a ancestralidade, culturas e crenças que foram apagadas diante do contexto social, político e artístico, até então baseados em ideias eurocêntricas. Essa Literatura se constrói engajada na luta contra a opressão, desvelando os territórios e os lugares silenciados pelas mídias, sociedade e o próprio poder do Estado.

Os lugares que são vivenciados pelos negros passam então a serem contemplados em autores contemporâneos como: Ana Maria Gonçalves, tratando sobre o universo cultural da diáspora africana nas Américas, tendo como principal livro “*Um defeito de cor*”, publicado em 2006; Conceição Evaristo, que aborda o olhar marginalizado protagonizado por mulheres negras, representadas em suas obras, como “*Insubmissas lágrimas de mulheres*” (2011) e “*Olhos d’Água*” (2014); Jarid Arraes, poeta, contista e cordelista que trabalha com temas sobre a violência na comunidade negra e a história de heroínas brasileiras, destacando-se com as obras

“As lendas de Dandara” (2016), “Heroínas Negras Brasileiras” (2017) e “Redemoinho em dia quente” (2019); e Itamar Vieira Junior, com o livro “Torto Arado” (2019) com temáticas sobre ancestralidade, liderança feminina negra, misticismo e o direito à moradia e à terra.

3.2 ITAMAR VIEIRA JUNIOR: O PERCURSO INTELECTUAL E DE MILITÂNCIA DO AUTOR POLÍTICO-LITERÁRIO

Como uma obra literária consegue alcançar tão bem o íntimo de lugares dos “Brasis profundos”? Paulo Freire em sua obra *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam* (1982), nos ensina que a leitura do mundo antecede à leitura da palavra. O lugar, a dimensão do espaço geográfico da vida e do acontecer solidário, expressa uma gama de significados em cada sujeito, gerando em seu íntimo uma variedade de concepções de mundo(os). Para entender o contexto da escrita de *Torto Arado*, que representa detalhadamente o “Brasil profundo” de uma comunidade quilombola e explorada demasiadamente, precisamos analisar a trajetória do escritor.

Nascido no ano de 1979, na cidade do Salvador (Bahia), Itamar Rangel Vieira Junior passou sua adolescência morando no estado de Pernambuco e mais tarde na cidade de São Luís (Maranhão). De origem humilde, o autor ingressou no curso de Geografia (licenciatura e bacharelado) da Universidade Federal da Bahia, no ano 2000. Na mesma instituição também cursou o mestrado em Geografia (2007) e, posteriormente, o doutorado em Estudos Étnicos e Africanos (2017). Atualmente, além de escritor, Itamar Vieira Junior é colunista, profere conferências nacionais e internacionais e faz parte do corpo técnico do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

Segundo a professora Maria Auxiliadora da Silva, as bases profissionais e de vida de Itamar Vieira Junior começaram a ser consolidadas junto com a sua experiência no Grupo de Pesquisa Produção do Espaço Urbano (PEU), do Instituto de Geociências da UFBA. Durante a graduação, ao participar do PEU, o futuro escritor/geógrafo submeteu um projeto de pesquisa para ser financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), no entanto, a proposta foi recusada (Entrevista ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFBA, 2021). O acontecido fez com que a Professora Maria Auxiliadora, conversasse com a viúva do Professor Milton Santos, a Sra. Marie-Héllène Santos, sobre o desejo do Professor em oferecer bolsas de iniciação científica para alunos carentes, oriunda da sua aposentadoria, enquanto Professor do Departamento de Geografia da UFBA. O pedido foi acatado e assim surgiu o Programa de Bolsas Milton Santos juntamente com o primeiro bolsista de iniciação científica (Itamar). Um programa de bolsas com mais de 20 anos que formou

estudantes de várias áreas de conhecimento na Universidade, consolidando-se pela qualidade nas pesquisas, ingresso de estudantes em cursos de pós-graduação (mestrado e doutorado) e aprovação em diversos concursos públicos.

Como bolsista, Itamar Vieira Junior desenvolveu pesquisas sobre temas voltados à distribuição funcional dos espaços públicos na cidade do Salvador. Em seu trabalho de conclusão de curso, intitulado de *A Expansão de Salvador: a produção do espaço urbano em uma via metropolitana*, estudou a expansão urbana na cidade do Salvador no sentido Nordeste, tendo como estudo de caso a Avenida Luís Viana Filho (popularmente conhecida como Avenida Paralela). Junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia dissertou com o título *A valorização imobiliária empreendida pelo Estado e o mercado formal de imóveis em Salvador: analisando o caso da avenida Paralela*, propondo analisar a expansão do mercado formal imobiliário e criticando a especulação imobiliária que resulta na acentuação da segregação residencial e social, o que vai de encontro com a negação do direito à cidade (Vieira Junior, 2007). Todos esses trabalhos foram orientados pela Professora Dr^a Maria Auxiliadora Silva.

Após o mestrado, o percurso acadêmico de Itamar Vieira Junior sofreu uma pausa devido a sua aprovação no concurso do INCRA, passando a desenvolver a função de analista agrário. É nesse momento que o autor tem de fato o contato com o “Brasil profundo” através das suas viagens de campo para desenvolver projetos de assentamentos de reforma agrária. Ao conhecer profundamente o estado do Maranhão, trabalhando com a regularização de territórios indígenas e quilombolas, percebeu a realidade terrível do campo brasileiro. Diante desses lugares de vivências, “[...] a Geografia já não era o suficiente para ele”. (Silva, Entrevista ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFBA, 2021).

No ano de 2013 decidiu ingressar no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos Africanos (PÓS-AFRO), desenvolvendo a tese intitulada *Trabalhar é tá na luta: vida, morada e movimento entre o povo da Iuna, Chapada Diamantina* (título dado por um trabalhador rural), orientado pela Professora Dr.^a Maria Rosário Gonçalves de Carvalho. Um trabalho que possui forte ligação com os lugares silenciados abordados no romance *Torto Arado* como a questão da terra, moradia e o jarê, temas que serão discutidos mais adiante.

Esta tese trata do processo de regularização do território da comunidade quilombola de Iuna, situada em Lençóis, Chapada Diamantina, Bahia, Brasil. A partir do trabalho que desenvolvi enquanto servidor público do INCRA, apresento o território onde o povo da Iuna vive e resiste: o mundo-tempo, uma teia de tramas onde se desenvolvem suas vidas e os eventos a elas relacionados. Nessas tramas emergem a peregrinação que as famílias empreenderam ao longo de décadas para o conjunto de imóveis rurais que

constituem seu território, além da mobilização que engendraram por meio da crença do jarê, das empreitadas de trabalho e pelo associativismo recente, e que fomentaram a formação da comunidade quilombola tal qual se apresenta nos dias atuais. A partir dessa descrição etnográfica, conceitos despontam como fundamentais nesta leitura com o intuito de nos aproximar da ontologia com que o grupo expressa suas histórias e intenções: terra, morada, trabalho, luta, sofrimento e movimento. São conceitos fundamentais para compreender suas vivências: sinalizam como mobilizam seus discursos, além de evidenciar suas referências políticas e de como expressam o domínio do mundo em que vivem (Vieira Junior, 2017, p. 8).

Itamar Vieira Junior também publicou diversos artigos de natureza científica ao longo da sua trajetória. Temas como Geografia e Arte, o pensamento do Professor Milton Santos, territorialidade, memória e identidade em comunidades quilombolas, são alguns dos textos publicados e apresentados em capítulos de revistas, livros e eventos acadêmicos. No campo jornalístico, atualmente escreve colunas para o *Jornal Folha de São Paulo* e já publicou no mundialmente conhecido *The New York Times*. Atualmente participa de diversas entrevistas e eventos em diversas partes do mundo.

Para Silva (2021), o trabalho intelectual que Itamar Vieira Junior desenvolveu ao longo da sua carreira foram peças fundamentais para a construção das narrativas de lugares silenciados no “Brasil profundo”. Essa afirmação também é defendida por Liana Aragão Scalia, ao falar que a relação da construção do autor com o livro possui inspiração em suas vivências “reais” com as quais ele teve contato:

[...] suas pesquisas de doutorado, que se desenvolveram na região da Chapada Diamantina, no centro do estado da Bahia, e o contato com Grupos Populacionais Tradicionais Específicos (GPTE) – indígenas, quilombolas, ribeirinhos, extrativistas etc. –, proporcionado por seu trabalho no Incra, foram, segundo o próprio autor, inspiração e matéria-prima para o desenho da obra (Scalia, 2021, p. 243-244).

Ao ser questionado em uma entrevista sobre a influência intelectual na sua escrita, Itamar Vieira Junior justifica:

Tudo que aprendi na Geografia, no campo da Antropologia e dos Estudos Étnicos de alguma forma contribui com o que escrevo. Me permitiram uma visão de mundo. Uma visão humana sobre os indivíduos, as próprias pessoas, e que talvez, se tivesse seguido o caminho só da Literatura, talvez estaria falando somente do meu “umbigo” e da minha própria vida. E esse olhar da Ciência, da Geografia, da Antropologia permitiu olhar para outros campos, e tudo isso de alguma forma contribui com o que escrevo (Vieira Junior, entrevista concedida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2021).

De acordo com Gouveia e Almeida (2021) o livro *Torto Arado* apresenta um ponto político-literário, a partir de uma narrativa afro-brasileira, o que acaba estimulando ao leitor uma reflexão sobre o mundo, em especial sobre os valores morais e as injustiças socioespaciais representados no livro. Para Gomes (1999, p. 19), o autor político-literário é aquele que está “[...] sempre elaborando interpretações da realidade social, que têm uma dimensão de diagnóstico e outra de prognóstico com significativo poder de comunicação social”. Nesse sentido, o livro possibilita uma reflexão sobre a questão da população negra no Brasil e sua(s) vivência(s) no(s) seu(s) lugar(es), algo que será analisado com maior detalhe no capítulo seguinte.

No campo da Literatura, além das obras já citadas, Itamar Vieira Junior publicou os livros de contos: *Dias* (2012), publicado pela Editora Caramurê, com o qual estreia na Literatura, sendo vencedor do *XI Prêmio Projeto de Arte e Cultura* (Bahia); *A Oração do Carrasco* (2017), publicado pela Editora Mondrongo, finalista dos prêmios *Jabuti* e *Bunkyo* de Literatura (2018) e vencedor do *Prêmio Humberto de Campos da União Brasileira de Escritores* (Seção Rio de Janeiro); e *Doramal ou a Odisseia: histórias*, lançado em 2021 pela também Editora Todavia e o livro *Salvar o Fogo* (2023), vencedor do Prêmio Jabuti de Literatura 2024.

3.3 TORTO ARADO: ALGUMAS REPRESENTAÇÕES DE LUGARES SILENCIADOS E VIVIDOS NO “BRASIL PROFUNDO”

De acordo com Schöllhammer (2012), a Literatura brasileira contemporânea costuma ser permeada por uma espécie de realismo performático²⁴, o que rompe as barreiras entre a ficção e a realidade, arte e ciência. Sendo assim, essa estética se torna um terreno fértil para produção de temas importantes, podendo alcançar horizontes inimagináveis. Isso se deve aos leitores que nos dias de hoje são bem diversificados e “[...] disponíveis a leituras que se identifiquem como sujeitos e sintam-se representados pela experiência do outro ficcional” (Santos, 2022, p. 188). É nesse contexto que *Torto Arado* acabou se tornando um grande feito para a Literatura brasileira.

Considerado um fenômeno da Literatura contemporânea brasileira e aclamado pela crítica, o livro *Torto Arado* também vem ganhando destaque em diversos países como Portugal,

²⁴ Para Schollhammer (2012), o realismo performático é uma temática de romance que busca representar a realidade de maneira autêntica e impactante, causando “familiaridade” com o leitor.

Rússia, Japão e França. Recebeu importantes premiações como o Prêmio *Leya de Literatura* (2018), *Oceanos* (2020) e o *Jabuti* (2020) e foi adaptado para diversas composições artísticas através de pinturas de variados autores, na canção “*Torto Arado*” (2023) do cantor Rubel (com a participação das cantoras Liniker e Luedji), da peça teatral com o título “*Depois do Silêncio*”²⁵ (2022), com a direção de Christiane Jatahy e brevemente será adaptado para uma série televisiva²⁶. Em setembro de 2024 estreou no Teatro Sesc Casa do Comércio, em Salvador “*Torto Arado - O Musical*”, dirigido por Elisio Lopes Junior, e posteriormente, as apresentações ocorreram na cidade de São Paulo.

Figura 2 – “*Torto Arado – O Musical*” com as atrizes Larissa Luz (Belonísia), Lilian Valeska (Donana) e Barbara Sut (Bibiana)



Fonte: Divulgação, 2024.

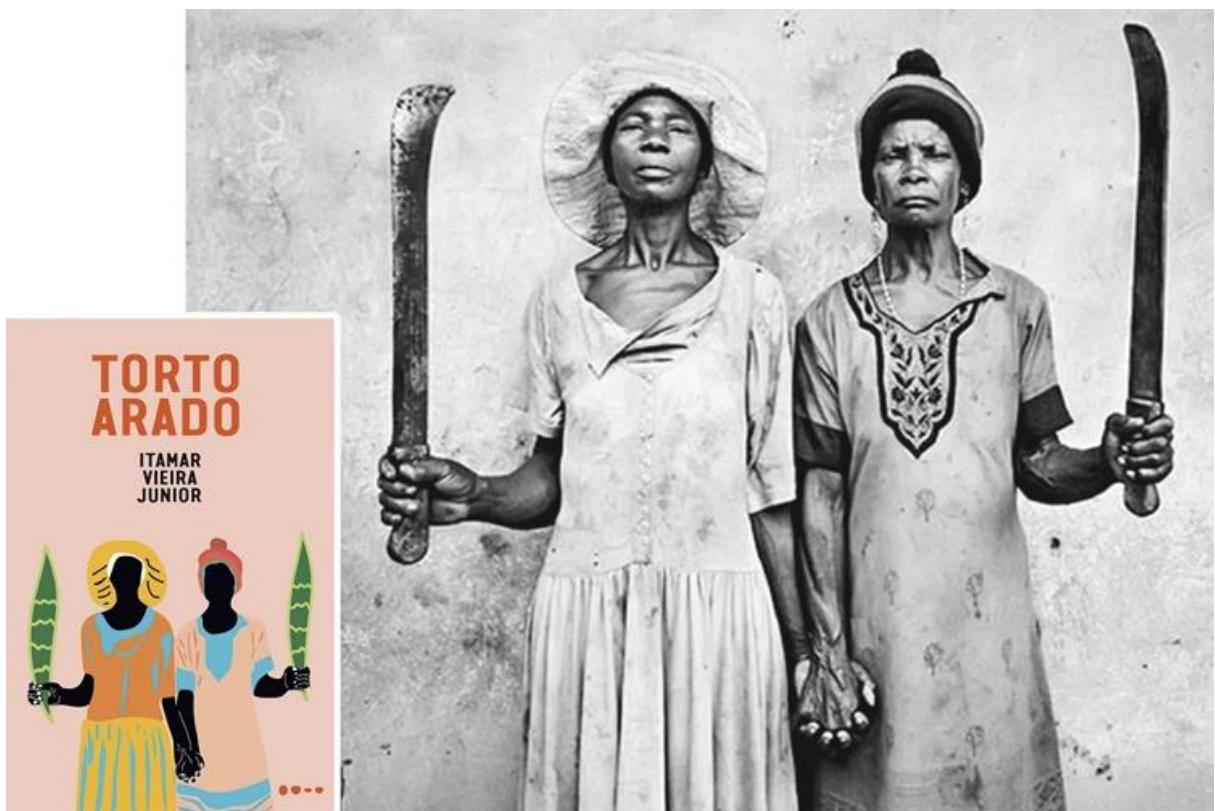
Apesar de várias versões da capa do livro em diferentes idiomas, a mais conhecida foi criada pela artista Aline Bispo, inspirada em fotografia da série *Nouvelle Semence* (2010),

²⁵ A peça escrita por Christiane Jatahy que também foi inspirada no filme “Cabra Marcado para Morrer” (1984) do cineasta Eduardo Coutinho, levou o prêmio Leão de Ouro (2022), na cidade de Veneza.

²⁶ Segundo o Jornal Folha de São Paulo, o seriado em fase de produção pela HBO Max será dirigido por Heitor Dhalia e as gravações estão previstas para o ano de 2023.

realizada em Camarões pelo fotógrafo italiano Giovanni Marrozzini. A fotografia mostra duas mulheres negras segurando facões, o que representa a força, a resistência e a ancestralidade da mulher negra. Na ilustração produzida por Bispo, os facões são substituídos por dois palmos da planta popularmente conhecida como “Espada de São Jorge” (*Dracaena trifasciata*). Uma planta do sagrado das religiões de matriz afro-indígena-brasileira, que ao nosso ver, além da força e da ancestralidade negra, representa a força do sagrado, tão bem elaborado, em especial na terceira parte da obra.

Figura 3 – Capa do livro *Torto Arado*: fotografia da série *Nouvelle Semence*



Fonte: Esquerda Online, 2023.

O romance *Torto Arado* surge a partir de uma experimentação de mundo com o sujeito. Os primeiros escritos do livro surgiram ainda na infância, mas com as mudanças de cidades, uma parte acabou se perdendo, cita Itamar. Em uma entrevista concedida ao programa “Roda Vida” da “TV Cultura”, o autor fala que durante suas viagens de campo no estado do Maranhão, como servidor do Incra, presenciou um lugar marcado pelo trabalho análogo à escravidão e um território esquecido, cercado por feridas ainda abertas, silenciado e apagado.

O título do livro foi baseado a partir dos versos: “*Qual no campo, e lhe arranca os brancos ossos Ferro do torto arado*” do poema lírico “*Marília de Dirceu*”, publicado em 1792

de autoria do poeta luso-brasileiro Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810), considerado um dos maiores expoentes do Arcadismo. O arado, um instrumento arcaico utilizado para movimentar o solo através da força humana ou animal é a representação do tempo estagnado que caracteriza as permanências e atitudes do período colonial, assim como das marcas da escravidão, mas também simboliza a força, a resistência, o trabalho e a relação com à terra, que é “torto”, pois possui “sequelas”, pelas suas marcas que alicerçaram a formação socioespacial do território brasileiro. A referência ao título também foi trazida no próprio romance, com o seguinte recorte: “Era um arado torto, deformado, que penetrava a terra de tal forma a deixá-la infértil, destruída, dilacerada” (Vieira Junior, 2019, p. 127).

A história que se passa na fazenda Água Negra, numa comunidade quilombola, tem como foco uma família de trabalhadores rurais e descendentes de povos escravizados, chefiados por *Zeca Chapéu Grande e Salustiana (Salu)*. Cada personagem neste romance possui um papel representativo de lugares silenciados. A história tem como ponto de partida o achado de uma faca misteriosa, porém fascinante, pelas duas irmãs e filhas do líder espiritual Zeca Chapéu Grande, nas coisas da sua avó, Donana. O material fez com que a língua de Belonísia fosse amputada e o ocorrido as fizeram andar de automóvel pela primeira vez para entrar num hospital. A língua ceifada de Belonísia acaba influenciando todo o romance, pois representa a vida ceifada pelas injustiças tão marcantes no livro, assim como o silenciamento do “Brasil profundo”, representado pela comunidade negra, uma vez que perder a língua impossibilita falar/ “gritar”, precisando, assim, do outro para ser ouvida e compreendida.

Nessa perspectiva, um dos papéis de Belonísia é representar o silenciamento mutilante imposto, de forma semelhante a perda da língua, aos negros escravizados, que sofreram e sofrem com a invisibilidade de suas vozes, processo que ocorreu e ocorre através da negação e do apagamento da possibilidade deles falarem (Cardoso de Jesus, 2022, p. 25).

Esse silenciamento abrange várias esferas da sociedade, uma vez que direitos essenciais são negados à população negra, como o acesso à educação, retratado na obra quando Zeca Chapéu Grande comove o prefeito a construir uma escola na comunidade como “pagamento” da cura do seu filho. A escola foi inaugurada com o nome de “[...] Antônio Peixoto, pai dos Peixoto. Homem que, diziam, foi o proprietário da fazenda, mas nunca havia posto os pés ali” (Vieira Junior, 2019, p. 95), o que retrata o apagamento da contribuição negra em fatos de grande importância social. Na escola, as “narrativas negras” também foram silenciadas, uma vez que a professora contava a história do Brasil numa visão embranquecida, descartando as vivências das territorialidades em Água Negra: sua ancestralidade, a relação

com a terra, os saberes místicos e medicinais. Isso fez com que Belonísia, num certo momento, perdesse o interesse de estar presente na escola. Sua construção de saberes acontece através das suas experiências com o cotidiano, inclusive, ela tem o sonho que a próxima geração tenha acesso ao letramento para que ela possa narrar suas histórias, seus heróis e suas vivências.

Por sua vez, Bibiana decide fugir com seu primo e seu futuro marido, Severo. Durante esse tempo, Belonísia vai morar na casa de Tobias, sofrendo diversos tipos de violências, ocasionadas, principalmente, pelo machismo. Ela representa os diversos tipos de violência que as mulheres, em especial as negras, sofrem devido ao processo de objetificação sexual e a subalternização imposta pela sociedade diante do machismo. Esse tema de grande relevância e complexidade atinge milhares de lares brasileiros, como pode ser comprovado numa pesquisa realizada pelo jornal *Folha de São Paulo*, em que o levantamento mostra que 45% das mulheres negras entrevistadas afirmaram que já sofreram algum tipo de violência doméstica; esse número cai para 36,9%, quando se trata de mulheres brancas.²⁷

Depois de alguns anos, Bibiana volta à fazenda como professora, o que representa as pessoas que buscam mudar de vida através da educação. O conhecimento é poder, todavia sempre esteve atrelado às classes mais favorecidas. Aos mais pobres, em especial aos negros, o acesso à educação de qualidade é quase ínfimo. Para se ter ideia, de acordo com o IBGE (2022)²⁸, o índice de analfabetismo entre as pessoas pretas e pardas com 15 anos ou mais de idade é de 7,4%, mas que o dobro em relação à taxa de pessoas brancas que corresponde a 3,4%. Ao chegar na fazenda junto com seus filhos e o seu esposo Severo, a trama passa por inúmeros conflitos, principalmente relacionada ao direito de morar, ter acesso à terra e pelas denúncias do casal para a população quilombola sobre o trabalho análogo à escravidão que era desempenhado por gerações. Nesse sentido, Itamar faz uma crítica à mudança de regime de trabalho escravocrata para a servidão, demonstrando que as correntes deixam de ser físicas para ser simbólicas, através dessa relação entre os “donos” da fazenda e a população de Água Negra. Bibiana se torna a nova professora da escola idealizada pelo seu pai, passando a atuar de forma crítica ao modo de como a população é tratada e explorada pelos “donos” da Fazenda Água Negra. A luta do casal por dignidade, começa a gerar desafetos, como pode ser observado no trecho abaixo:

²⁷ Pesquisa disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/03/mulheres-negras-sofrem-mais-violencia-que-brancas-diz-pesquisa.shtml>.

²⁸ Pesquisa disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37089-em-2022-analfabetismo-cai-mas-continua-mais-alto-entre-idosos-pretos-e-pardos-e-no-nordeste#:~:text=Entre%20as%20pessoas%20pretas%20ou,chegava%20a%2023%2C3%25.>

O novo dono fazia uma movimentação contrária à nossa morada, talvez porque soubesse que, pelo menos tínhamos ali, a justiça nos reservava algum direito. [...] Nesse campo desigual, Severo levantou sua voz contra as determinações com que não concordávamos. Virou um desafeto declarado do fazendeiro. Fez discursos sobre os direitos que tínhamos. Que nossos antepassados migraram para as terras de Água Negra porque só restou aquela peregrinação permanente a muitos negros depois da escravidão (Vieira Junior, 2019, p. 196-197).

A luta por direitos, historicamente negados à população quilombola de Água Negra gerou uma série de conflitos que custaram consequências avassaladoras na família das irmãs camponesas, como o assassinato de Severo.

Severo morreu porque pelejava pela terra de seu povo. Lutava pelo livramento da gente que passou a vida cativa. Queria que apenas reconhecessem o direito das famílias que estavam havia muito tempo naquele lugar, onde seus filhos e netos tinham nascido. Onde enterraram seus umbigos, no largo de terra dos quintais de casa. Onde construíram casas e cercas (Vieira Júnior, 2019, p. 207).

A faca misteriosa, assim como o “rio de sangue” derramado com a morte de Severo, simboliza a violência letal que a população negra vem enfrentando desde a escravização até os dias de hoje na sociedade brasileira. Segundo os dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública e do Fundo das Nações Unidas para Crianças (Unicef), as mortes violentas de pessoas negras no Brasil, entre os anos de 2016 e 2021 somaram o percentual de 80%²⁹. Um número muito expressivo que indica uma parcela da dimensão do racismo no Brasil. As mortes em conflitos do campo, tema que será abordado mais adiante, também gera um índice considerável de pessoas assassinadas, inclusive com assassinatos e ameaças a lideranças de movimentos populares. O livro ainda contempla o cotidiano da comunidade de Água Negra, através da sua relação com a terra, relação com a natureza, práticas religiosas e a exploração do trabalho.

A terceira parte da obra vislumbra, de forma mais intensa, para o misticismo. Oposta às duas partes anteriores, o romance passa a ser narrado por uma entidade “sem cavalo”³⁰ Santa Rita Pescadeira, cuja aparições eram percebidas durante as manifestações religiosas do Jarê. Santa Rita Pescadeira, representa a história violenta que o povo negro enfrenta desde os tempos da escravização, enfatizando a diáspora africana e os conflitos entre os “donos da terra” com as

²⁹ Pesquisa disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/negros-somam-80-das-mortes-violentas-de-jovens-no-pais-aponta-estudo/>.

³⁰ O termo é usado para pessoas que recebem a energia de entidades do Candomblé, Umbanda, Espiritismo, Jurema, entre outras.

comunidades tradicionais que acomete em violência e dor ao povo dessas comunidades, como pode ser observado no trecho abaixo:

Sou uma velha encantada, muito antiga, que acompanhou esse povo desde a sua chegada das Minas, do Recôncavo, da África. Talvez tenham esquecido Santa Rita Pescadeira, mas a minha memória não permite esquecer o que sofri com muita gente, fugindo de disputas de terras, da violência de homens armados, da seca. Atravessei o tempo como se caminhasse sobre as águas de um rio bravo. A luta era desigual e o preço foi carregar a derrota dos sonhos, muitas vezes (Vieira Junior, 2019, p. 212).

A ganância pela exploração de diamantes, que acabou destruindo os cursos hídricos da Chapada de Diamantina, também é relatada pela personagem, o que fez com que as pessoas acabassem esquecendo da sua devoção, pois sem rio não há peixes e, consequentemente, não há súplicas para obter fartura na pescaria. Sendo assim, Santa Rita Pescadeira, possui o papel de alertar sobre a exploração da natureza, do apagamento e silenciamento da ancestralidade e das tradições negras. O racismo religioso e ambiental retratados na obra, ainda são recorrentes de maneira intensa no Brasil. Em Salvador, berço de grande ancestralidade africana, observa-se diversos conflitos entre neopentecostais e religiões de origem afro-indígena-brasileira, em territórios considerados sagrados, o que comprova a manutenção de uma das diversas facetas do racismo (Santos, 2022). A encantada ainda exerce o papel de fazer justiça (a justiça divina que não falha). Em seus últimos “esforços”, montada nas irmãs Belonísia e Bibiana, a entidade é a responsável pela morte daquele que representa os diversos tipos de violências cometidas na história do povo negro e no seu espaço vivido, o lugar.

O romance *Torto Arado*, forma um conjunto de representações de mundos sobre a constituição de lugares do “Brasil profundo”. Nas narrativas do autor é possível observar uma história do Brasil pouco debatida e quase inexistente nos livros didáticos. O cotidiano, contado na versão das três personagens, engloba diversos temas para pensar o Brasil, como a questão da manutenção das tradições, a defesa e a luta pelo direito à terra, a força do feminismo negro, e a luta pelo fim do racismo. Observa-se, ainda, que existe por parte dos personagens a busca pelo rompimento dos ciclos viciosos presentes ainda no território brasileiro, o que gera uma revanche dos lugares (Araújo, 2020). Trata-se de um livro que representa o lugar dos pobres, onde a cidadania é nula ou escassa (Dias, 2017; Santos, 2006 [1996]). Em diversos momentos da leitura percebe-se a intensa relação entre ficção e a realidade.

Nesse sentido, o livro representa uma realidade que permanece até hoje no Brasil. No livro não há referências concretas sobre o tempo, entretanto, observa-se nas narrativas das personagens se falar em objetos técnicos, como a Ford Rural (veículo produzido no Brasil na

segunda metade do século XX). Em algumas entrevistas o autor deixa pistas que a história do livro se passa entre os anos de 1960 e 1980, mas descreve *Torto Arado* como um “livro de permanências”, ou seja, a realidade de vários brasileiros que vivem nos lugares dos “Brasis profundos”. A partir das narrativas da entidade Santa Rita Pescadeira observa-se a retomada de momentos históricos, como o período da escravização de povos afro-brasileiros, a questão da mineração de diamantes na Chapada Diamantina e a seca de 1932 que resultou num processo intenso de migração.

Esses lugares não só são apagados ou silenciados pela sociedade, mas também pelo próprio poder do Estado. Ao trazer pistas sobre o período em que foi escrito o romance, Itamar, durante uma entrevista ao Jornal Folha de São Paulo, também sinaliza o abandono do poder do Estado.

Aquela história, ela começa nos anos 60, passa pelos anos 70, 80... o Brasil vivia uma ditadura militar, isso não surge na boca das personagens, em nenhum momento, porque isso não faz diferença na vida delas, pelo menos elas não tinham consciência que fazia diferença na vida delas. Porque assim, muitas pessoas que vivem nesses lugares mais remotos, pouco importa quem está no poder. Porque o Estado de alguma maneira não chega para eles (Vieira Junior, Entrevista ao Jornal Folha de São Paulo, 21 de abril de 2023).

Essas representações contidas no romance são também a realidade do próprio cenário inspirador, a Chapada Diamantina, uma região repleta de contradições. Conforme Nascimento (2018), as comunidades tradicionais da Chapada Diamantina enfrentam uma série de lutas para o reconhecimento dos seus territórios, das suas identidades e da cidadania. Como já mencionado, a comunidade quilombola de Iuna (objeto de pesquisa do autor durante o doutorado), localizada no município de Lençóis, é alvo de vários conflitos territoriais devido à indústria do turismo, da mineração e do agronegócio. Esse confrontamento também resiste nas práticas religiosas, como é o caso do *Jarê* – uma religião de matriz africana que predomina em alguns municípios da Chapada Diamantina, detalhada mais adiante.

Esses lugares como resistência às desigualdades espaciais e a negação da cidadania – o lugar dos pobres – é também mais vulnerável a qualquer tipo de violência por serem espaços ocupados por uma população majoritariamente negra (Ribeiro, 2010; 2015). Sabe-se que a formação do Brasil não é só marcada pela desigualdade espacial, mas também pela social, principalmente no que tange ao contexto racial (Ribeiro, 2015). Diante de tantas questões emblemáticas sobre o Brasil, *Torto Arado* é um romance com potencial histórico, social, político e geográfico.

Para Tuan, o lugar é o espaço do vivido, ou seja, é nele que se realiza a vida. Em suas narrativas observa-se a forte ligação dos personagens com sua terra, o chão e a “alma” do seu

espaço vivido. É desse chão que a vida começa ao enterrar o umbigo do recém-nascido no fundo do quintal e termina quando o corpo é depositado no cemitério da Viração para que possa descansar junto com os seus ancestrais, tornando-se uma simbiose entre a terra e o homem. Esse espaço é vivido porque existe cotidiano (ação): trabalho, protestos, manifestações culturais e religiosas e conflitos expressos no livro são movimentos que constituí esse lugar do espaço da vida, do acontecer solidário.

Nesse sentido, é preciso avaliar essas representações de lugares na arte, no sentido de reflexão geográfica. O território brasileiro é repleto de contradições. Suas disparidades regionais são gritantes, e, consequentemente, afeta os diversos lugares dos chamados “Brasis Profundos” e do “Brasil Entortado”. Trata-se de um Brasil, como já mencionado, sem a ação do poder do Estado. Diante dessas análises parte-se para a busca dos lugares dos Brasis Profundos, representados em *Torto Arado* através das geograficidades desempenhadas pelas personagens do livro. Uma ficção bem real dos problemas que ainda afetam a construção da formação socioespacial do território brasileiro.

CAPÍTULO III

TORTO ARADO E SUAS REPRESENTAÇÕES DE LUGARES: UM BRASIL PROFUNDO E “ENTORTADO” NAS PROFUNDEZAS DO SERTÃO

“Há no ser humano uma capacidade nata de criação de sentidos relativos aos entes, fatos, acontecimentos, utensílios, instrumentos e relações que estabelecem uns com os outros. No processo de engendramento deste mosaico signico e imagético é que surgem as representações sociais. Estas representações caracterizam-se por conter a intensidade simbólica do homem, acarretando a difusão territorial e temporal das características simbólicas representadas, ou seja, a cultura de uma sociedade. O espaço geográfico tem um papel de protagonismo em tal cenário por ser o agente materializador das representações, é no campo de abrangência da realidade objetiva, do mundo em si que são criadas as unidades simbólicas de perduração de uma sociedade.”

(Gilvan Charles Cerqueira de Araújo
e Dante Flávio da Costa Reis Junior).



4 TORTO ARADO E SUAS REPRESENTAÇÕES DE LUGARES: UM “BRASIL PROFUNDO” E “ENTORTADO” NAS PROFUNDEZAS DO SERTÃO

A formação territorial brasileira é marcada por diversos eventos catastróficos, muitos desses com séculos de história, porém, com consequências avassaladoras até nos dias de hoje. Enquanto colônia, o Brasil enfrentou séculos de exploração das suas riquezas pela metrópole Portugal, que também foi responsável por dizimar milhares de indígenas e escravizar diversos povos de etnias negras vindas do continente africano para trabalharem, principalmente, nas lavouras da cana-de-açúcar e posteriormente nas minas de ouro e prata (Tavares, 2008). A lei de terras, instituída ainda no Brasil Império, tem parcela significativa na atual organização do espaço agrário brasileiro, marcado pelo latifúndio de terra, grilagem e vários outros conflitos marcados por injustiças sociais.

Já na história recente do Brasil, observa-se o atraso político decorrente do coronelismo dos primeiros anos da República e para os requintes de crueldade do regime ditatorial (1964-1985) que foi responsável pela censura das artes e da ciência, resultando na perseguição e morte de diversas pessoas, entre elas políticos, artistas, intelectuais e estudantes que iam contra àquele Regime. Nos últimos anos, a crise política alastrada na segunda metade dos anos 2010, resultou num golpe político favorecendo a ascensão de governos de extrema direita, que também resultou em crimes políticos como o assassinato da vereadora do município do Rio de Janeiro, Marielle Franco. O início da década foi marcado por uma das maiores crises sanitárias já enfrentadas no mundo, a pandemia da Covid-19 causada pelo vírus SARS-CoV-2 (Coronavírus) que entre os anos de 2020 e 2021 resultou na morte de quase 15 milhões de pessoas no mundo (Organização Pan Americana de Saúde, 2024), ao mesmo tempo em que lideranças políticas difundiam narrativas negacionistas sobre a gravidade da doença, inclusive no Brasil.

Em síntese, o processo histórico do Brasil resultou em mazelas socioespaciais que podem ser analisadas a partir do processo político, das disparidades regionais, e cotidianamente, a partir das dinâmicas dos lugares, mostrando um país “entortado” pelo seu processo de formação perversa. Milton Santos e Maria Laura Silveira (2001), ao fazerem uma análise sobre o Brasil no início do século XXI, criticam as desigualdades regionais presentes nos usos do território brasileiro mediante o materialismo histórico e a difusão do meio técnico-científico-informacional, mostrando a fragmentação da modernização no território brasileiro. Ou seja, enquanto em alguns lugares a presença técnica-científica-informacional é concentrada, outros se apresentam estagnados num meio natural ou pré-técnico.

Em *Torto Arado* essa condição vivida pelas personagens é narrada a partir de uma geograficidade literária que expressa a vida de um povo marcado pela impotência de um projeto de cidadania, mas que resiste através da força do povo de Água Negra, às opressões dos agentes hegemônicos, marcada pela concentração fundiária que perpetua durante séculos, estagnando o desenvolvimento de uma nação e de um povo. Neste capítulo, vamos analisar as representações de geograficidades de lugares vividos a partir das experiências das personagens narradoras: subjetivas, coletivas e suas relações com o espaço, a partir da ideia de sertão, cenário/lugar do romance.

4.1 O SERTÃO PROFUNDO E O ESPAÇO VIVIDO EM TORTO ARADO: UMA EXPERIÊNCIA DE MUNDO A PARTIR DA GEOGRAFICIDADE

Para Amado (1995) o sertão (ou “certão”) referia-se a áreas localizadas no interior de Portugal mais remotas de Lisboa. Já a partir do século XV o termo foi usado para caracterizar “[...] espaços vazios, interiores, dentro dos limites das áreas conquistadas recentemente ou contíguas a elas, mas sobre as quais pouco ou nada se sabia” (Leitão Junior *et al.*, 2011, p. 8).

No Brasil, a palavra sertão por muito tempo foi considerada como uma zona longe dos grandes centros urbanos, afastada das faixas litorâneas ou de terras não cultiváveis. O termo foi muito usado, principalmente, durante o processo de expansão do território brasileiro, marcado pela exploração das suas riquezas naturais (especiarias [drogas do sertão]) e pela catequização dos povos indígenas pelos jesuítas. Ou seja, eram terras “[...] ‘sem fé, lei ou rei’, áreas extensas afastadas do litoral, de natureza indomada, habitadas por índios ‘selvagens’ e animais bravios, sobre os quais as autoridades portuguesas, legais ou religiosas, detinham pouca informação e controle insuficiente” (Amado, 1995, p.148).

Atualmente, a palavra sertão está diretamente ligada à idealização/imaginário do povo brasileiro como uma região de clima semiárido, marcada pela concentração fundiária, e principalmente, pela miséria. Muita dessa construção se deu através do imaginário a partir das diversas manifestações artísticas que retratam esse lugar, principalmente através da Literatura. A ideia de sertão sendo como um “lugar distante” envolve questões como os objetos técnicos escassos ou nulos nas paisagens, o que reflete também no espaço vivido, em que prevalecem as ruralidades. Para além da localização, o sertão também ganha o sentido de condição, uma vez que implica na valoração de certas condições locacionais.

O território baiano apresenta uma variedade de elementos geográficos, humanos e naturais, o que faz desse estado ser uma espécie de “laboratório” de investigação geográfica. Os contrastes expressos nas diferentes paisagens deste território mostram a rica diversidade

cultural e ambiental, que encantam pessoas do Brasil e do mundo. No entanto, a Bahia ainda carrega consigo problemas distantes de serem resolvidos. Vale destacar que a Bahia é localizada no Nordeste, região que se apresenta como uma das mais pobres do país com alto índice de analfabetismo e falta de acesso a outros importantes indicadores de desenvolvimento que garanta a dignidade humana como moradia, segurança alimentar, renda e emprego.

Nesse contexto, vale destacar autores como Pedro Pinchas Geiger, que no cenário dos anos 1960-1970 desenvolveu as regiões Geoconômicas, colocando a região Nordeste como a mais antiga do país e que apresenta altas taxas de mortalidade infantil, analfabetismo, fome, subnutrição e concentração fundiária (Alves; Pinto; Henrique, 2012). Já num contexto mais recente, Milton Santos e Maria Laura Silveira, ao regionalizarem o Brasil em quatro regiões, a partir do meio técnico-científico-informacional, constatam que a região Nordeste, não muito diferente do que propunha Geiger, possui inúmeros problemas, “[...] onde a constituição do meio mecanizado se deu de forma pontual e pouco densa.” (Santos; Silveira, 2001), fortalecendo a ideia de sertão, um lugar marcado pelo esquecimento do Estado e do próprio povo brasileiro.

A relação da Literatura com os sertões brasileiros se deve a partir dos relatos de viagens, em especial, aqueles elaborados no século XIX (Leitão Junior *et al.*, 2011). Para Amado (1995) a Literatura brasileira se utilizou de variados “sertões”, construindo personagens enigmáticos “[...] poderosos símbolos, narrativas míticas, marcando com eles forte, funda e definitivamente, o imaginário do brasileiro” (p. 146). Essa variedade de obras literárias que aborda o tema, passa a ser referência, principalmente, através dos autores regionalistas do século XX. Nomes como José Américo de Almeida, em *A Bagaceira* (1980) e Jorge Amado, em *Seara Vermelha* (1951) são algumas das obras que fazem coro à herança da produção literária sobre os sertões, iniciada em 1875, com *O Sertanejo*, de José de Alencar (1955).

Os “sertões” brasileiros já foram representados através de inúmeras manifestações artísticas, principalmente através da Literatura. No começo deste trabalho salientou-se que nenhuma obra literária é produzida sem um cenário que envolva implícita ou explicitamente representações espaciais de territórios, lugares, paisagens, campos e cidades e tantas outras expressões geográficas. Em *Torto Arado* o cenário escolhido foi a região da Chapada Diamantina, localizada nas profundezas do sertão do estado da Bahia.

Como já mencionado, Itamar Vieira Junior em diversas entrevistas declara a sua inspiração em autores da chamada geração de 1930 para a produção de *Torto Arado*, carregando consigo características dos chamados romances regionalistas. Apesar da obra apresentar esses traços, o autor, durante uma entrevista ao *Programa Roda Viva*, faz uma severa crítica ao termo

regionalismo, alegando que a sua escrita se dá a partir do seu centro. Ou seja, o livro, apesar de fictício, trata de uma concepção de mundo construída a partir de um lugar vivido pelo próprio autor por meio das suas geograficidades. Análise que pode ser confirmada quando na mesma entrevista o autor declara que a construção da história foi baseada, principalmente, por meio das suas visitas de campo enquanto servidor do Incra. Os literatos não expressam em suas obras uma visão de mundo individualizada, mas sim a uma concepção de mundo que acaba sendo “porta-voz”. Ou seja:

[...] são intelectuais que conseguem expressar e/ou melhor discorrer a partir das suas formulações, uma dada visão de mundo, compartilhada por um determinado grupo social. No caso dos literatos, as formulações se manifestam a partir dos seus textos literários, sendo que esses escritos aparecem calcados, grosso modo, na maneira (comungada com seus pares) como tais intelectuais veem, sentem e imaginam o mundo, mas sem considerar que suas concepções são objetivamente condicionadas pelas relações de poder e de força instauradas em uma dada formação social (Leitão Junior, *et al.*, 2011 p. 7).

Essa geograficidade trazida pelo autor, transcende para as personagens narradoras em cada um dos capítulos expressando o seu mundo vivido (medos, sonhos, alegrias, ódios, paixões e angústias), intercalados com uma paisagem, marcada pelos diversos conflitos entre moradores e os fazendeiros de Água Negra. Conflitos que são reagidos pelas resistências pelo direito de viver, plantar, morar e praticar suas crenças e valores no seu lugar.

A Geografia Cultural-Humanística possibilitou fazer uma “Geografia” para além do campo científico, oferecendo uma “consciência geográfica” capaz de reconhecer a sua essência de ser, enquanto ciência dos fenômenos, da vida e de uma complexidade de sentidos do habitar a Terra. Eric Dardel, fundamentado em Heidegger, Merleau-Ponty e Bachelard, formulou no livro *O Homem e a Terra: natureza e realidade geográfica* (1952) o conceito de geograficidade, que trata de uma Geografia fundamentada na experiência humana sobre o espaço. Ou seja, o sentido “geográfico da vida” que se dá através dos valores, imaginação, percepções, atitudes e ações. Uma experiência geográfica que considera sabores, cores, estéticas, poéticas e os outros sentidos da vida.

Por conseguinte, o campo literário a partir das narrativas possibilita construções de representações de mundo(s), capaz(es) de gerar uma reflexão geográfica, através das diversas representações sobre o território, a cidade, a região, o campo, o lugar e tantos outros conceitos e temas da Geografia. Tuan, na obra *Espaço e Lugar*, aponta que “[...] a arte literária chama a atenção para as áreas de experiência que de outro modo passariam despercebidos [...] uma função da arte literária é dar visibilidade a experiências íntimas, inclusive às de lugar.” (Tuan,

1982, p. 180) É nesse sentido que a obra *Torto Arado* transcende para além do sentido literário, pois também caminha para uma reflexão sobre o mundo a partir das experiências narradas, principalmente pelas suas personagens protagonistas.

Sabe-se que o romance *Torto Arado* carrega consigo representações de lugares em diversas instâncias, talvez inesgotável, principalmente para uma pesquisa de mestrado. Sendo assim, para esta etapa da pesquisa, vamos analisar as experiências do mundo vivido a partir do lugar (o espaço do acontecer solidário, onde se realiza a vida), representadas na obra de Itamar Vieira Junior a partir de três experiências: a experiência individual (subjetiva) entre as personagens narradoras, a experiência em relação às personagens narradoras com os demais personagens e as suas experiências com o próprio espaço vivido.

A primeira experiência dará enfoque ao sentido das coisas, das pessoas, da consciência, assim como dos sentidos: dores, cheiro, paladar e tato. Trata-se da presença e existência do ser com o mundo. A segunda experiência mostrará as relações com o coletivo, seja amistosa, de conflito ou de resistência. A terceira e última propõe analisar a relação das personagens com o seu espaço, precisamente o lugar: seu cotidiano, seus rituais e o apego pela terra.

4.2 AS EXPERIÊNCIAS SUBJETIVAS

O ponto de partida dessas experiências no livro tem como princípio um achado guardado em segredo pela avó das personagens principais, a Donana. O curioso artefato mudaria e uniria para sempre a vida das irmãs Bibiana e Belonísia. Essas primeiras experiências com o espaço (lugar) na obra são representadas a partir de diversas expressões manifestadas no corpo, na consciência e nos sentidos. A experiência cotidiana é um fato marcante nesse primeiro ato, pois as irmãs já tinham noção de tempo e espaço ao saber da hora e o local em que a matriarca da família se retirava da casa, para ser efetuado o ato que mudaria para sempre a vida de ambas. Outro ponto de consciência se refere ao comportamento curioso e surpreso, sobre o que estava guardado na mala velha, e, posteriormente, o desespero entre as irmãs, devido ao acidente que mutilou a língua de uma delas. O cheiro de gordura rançosa na mala que guardava o achado; o sentimento de curiosidade; o olhar de firmeza da avó que fazia as netas arrepiarem; o sabor do metal que se juntou ao gosto de sangue quente; o desespero e a dor da morte; a revolta e o ódio pelas injustiças, acaba formando um mix de emoções que, de algum modo no desenvolver da trama, vai dando a identidade as irmãs protagonistas, assim como de outros personagens.

Essas experiências, ao mesmo tempo que são subjetivas entre as irmãs, em diversos momentos do livro, acaba se tornado coletiva, pois com a mutilação da língua, Bibiana acaba

se tornando voz de Belonísia, ocorrendo entre ambas uma profunda conexão íntima entre as experiências vividas naquele lugar.

Foi assim que me tornei parte de Belonísia, da mesma forma que ela se tornou parte de mim. Foi assim que crescemos, aprendemos a roçar, observamos a reza dos nossos pais, cuidamos dos irmãos mais novos. Foi assim que vimos os anos passarem e nos sentimos quase siamesas ao dividir o mesmo órgão para produzir sons que manifestavam o que precisávamos ser (Vieira Junior, 2021 p. 24).

Posteriormente, essa conexão acaba chegando na entidade Santa Rita Pescadeira, pois além de contar suas experiências marcadas pelas diversas injustiças, através dos corpos das irmãs, ela fará justiça com suas próprias mãos. Segundo Camila Xavier, em sua tese de doutorado intitulada de *Geografia do corpo: por uma Geografia da diferença* (2014, p. 2) “[...] o corpo é compreendido como o objeto da experiência e o sujeito que o incorpora”. Sendo assim, é a partir dos sentidos corporais que se constroem histórias, territórios, paisagens e lugares. O corpo também é responsável pela dinâmica dos lugares, uma vez que o gênero, a cor da pele, o biótipo, os comportamentos, entre outros, acabam estereotipando ou caracterizando o lugar. Por exemplo, as periferias das grandes cidades sofrem com diversos descasos, como os serviços de saneamento básico, falta de transporte, falta de água, além de enfrentar diversos conflitos por meia força do Estado, através da ação policial. Nesse sentido é preciso analisar que os corpos pertencentes a esses lugares são de pessoas de baixa renda, negros e chefas(es) de família. Em Água Negra, essa situação não se difere do contexto mencionado, pois os corpos pertencentes a esse lugar são de mulheres e homens negros, descendentes de negros(as) escravizados(as), em condições de extrema pobreza e servidão.

Nessas experiências subjetivas, mas que fazem parte da vivência do coletivo, as protagonistas, na posição do gênero feminino, enfrentam diversos conflitos diante de uma sociedade misógina, racista e machista. A presença das mulheres exercendo diversos papéis (mães, esposas, entidades, tias, avós, professoras, parteiras e camponesas), acaba constituindo a natureza dos lugares.

Por outro lado, o livro mostra o trabalho árduo nas terras da fazenda Água Negra realizado por homens que migraram de outros lugares em busca de moradia, trabalho e alimento. Suas experiências subjetivas são marcadas pela humilhação em busca da moradia e do trabalho, a negação da cidadania e pelo trabalho exploratório na terra. É a busca pela sobrevivência no lugar dos “homens lentos”, numa sociedade marcada pelo racismo e pela

desigualdade social. Essas injustiças mostram uma complexa questão que afeta diversas pessoas no espaço agrário brasileiro.

Para alguns resenhistas do romance, a língua amputada da Belonísia ganha sentido no silenciamento das minorias, em especial aquelas que vivem no campo, um lugar sem voz. A irmã silenciada, vive sob a influência da cultura patriarcal e do machismo (Gouveia; Almeida, 2021). Além da violência enfrentada pelo seu marido Tobias, ela enfrenta a exploração, sem direito à defesa, à fala, à terra, anulando a dignidade humana.

Pensava que seria melhor se tivesse morrido no dia que saí de casa. Que poderia ter despencado do cavalo e me estrebuchado no chão sem forças, porque àquela altura minha lamentação não servia de nada. [...] carregaria aquela vergonha por ter sido ingênua, por ter me deixado encantar por suas cortesias, lábia que não era diferente da de muitos homens que levavam mulheres da casa dos seus pais para lhes servirem de escravas. Para depois infernizarem os seus dias, baterem até tirar sangue ou a vida, deixando rastro de ódio em seus corpos. Para reclamarem da comida, da limpeza, dos filhos mal criados, do tempo, da casa de paredes que se desfaziam. Para nos apresentarem ao inferno que pode ser a vida de uma mulher (Vieira Júnior, 2018, p. 135-136 *apud* Gouveia; Almeida, 2021, p. 103).

No decorrer do romance, a personagem amputada mostra sua personalidade heroica (valente e questionadora), capaz de enfrentar na sua comunidade aqueles que quisessem cometer qualquer tipo de injustiça. Apesar da metáfora do silenciamento, o autor mostra que a bravura de Belonísia é capaz de mudar as injustiças do mundo, o que direciona para uma revanche dos lugares.³¹

A personagem Bibiana, assim como a sua irmã Belonísia, apresenta uma personalidade marcante. Bibiana representa uma coragem avassaladora, a transformação e a quebra de ciclos viciosos, pois foi aquela que fugiu com seu companheiro em busca de melhores condições de vida, retratando a fuga por conta da exploração e falta de oportunidades, como por exemplo, o emprego e a educação. Outro fator decisivo para tal acontecimento foi a sua gravidez precoce, diante de uma sociedade, que apesar de ser violentada, também praticava violência e julgamentos, em especial ao gênero feminino. A sua trajetória num lugar mais equipado com acesso à educação e participação de movimentos sociais, como o sindicato de trabalhadores, fez com que a consciência de classe fosse “lapidada” a ponto de a personagem, depois de alguns anos, retornar para Água Negra para exercer a função de professora e promover, naquele lugar, a luta pela educação e pela terra. Ela, na função de mãe, mostra o papel e o amor materno, assim

³¹ De acordo com Souza (2005b, p. 255) “Mesmo nos lugares onde os vetores da mundialização são mais operantes e eficazes, o território habitado cria novas sinergias e acaba por impor, ao mundo, uma revanche.”

como a manutenção da ancestralidade da população negra. Outras personagens como Salustiana (mãe das irmãs), Donana (avó das irmãs) e Maria Cabocla (vizinha de Belonísia) também trazem consigo o papel da maternidade, assim como a resistência da população feminina tão sofrida pelo machismo, violência sexual, violência doméstica, racismo, exploração do trabalho e direito à terra.

A entidade Santa Rita Pescadeira também expressa um sentimento de resistência às opressões que foram acometidas pelos seus ancestrais. Nesse quesito, a personagem se torna peça central do resgate da memória, relatando a diáspora dos povos africanos no Brasil, sua escravização nas produções agrícolas, posteriormente nas atividades de mineração, e, por fim, o trabalho servil, que ao ser contestado em Água Negra resultou no “rio de sangue” derramado por Severo, ao ser assassinado.

A entidade que vagava sem cavalo, também faz uma reflexão sobre a ganância do homem sobre a terra. Além das suas memórias sobre o processo violento que passou o povo negro, a personagem faz um histórico da transformação do espaço geográfico na Chapada de Diamantina, como os impactos da mineração que resultou no assoreamento dos rios e, consequentemente, no desaparecimento de peixes, a impedindo de pescar e desaparecer da memória das pessoas que a cultuavam. Outro ponto marcante nessa transformação espacial, refere-se à expansão do turismo ecológico que acaba expulsando a população nativa, trazendo danos materiais e imateriais àqueles que pertencem e vivem o lugar.

A força da mulher negra é concretizada nas últimas páginas do romance. Nesse momento passa existir um elo entre corpo (das irmãs) e o espírito (da entidade) para fazer “justiça com as próprias mãos”, mediante o que aconteceu com Severo. Através dessa passagem, *Torto Arado* quebra paradigmas de vários escritos literários da Literatura brasileira, que apresentam personagens femininas frágeis e submissas, propondo a realização e a revanche dos lugares. Além da luta pela terra e a busca da cidadania negadas por anos durante o processo de formação socioespacial do Brasil, as lideranças das mulheres negras demonstradas no romance também mostram que elas são as responsáveis por escreverem as histórias das suas vidas e, consequentemente, a história dos seus lugares.

Essas experiências de mundo, narradas pelas três protagonistas, apesar de apresentarem suas particularidades em relação ao espaço de vida (o lugar), em alguns momentos acaba promovendo uma percepção coletiva, pois esse espaço também é percebido e construído de forma coletiva. Essa relação será assunto da próxima subseção.

4.3 AS EXPERIÊNCIAS COLETIVAS

A relação com o outro também é uma das vertentes das geograficidades e acaba dando sentido e identidade ao lugar. Como já abordado, Milton Santos e Maria Adélia Aparecida de Souza consideram que o lugar é o espaço do acontecer solidário. Esses acontecimentos se dão basicamente através dessas relações coletivas (verticais e horizontais) através do contato e da percepção sobre o outro, construindo, e capaz de construir uma identidade sólida no lugar.

O romance representa uma gama de narrativas do cotidiano através das relações solidárias horizontais e verticais. Numa comunidade com tamanha expressão de desigualdade social e outras formas de violências simbólicas como machismo, racismo e a fome, fica evidente as contradições referentes ao espaço representado. Algumas passagens serão discorridas a seguir.

As situações mais marcantes dessas experiências coletivas têm início nas primeiras palavras do romance, quando a língua de uma das irmãs (Bibiana e Belonísia) é amputada. Tal evento, gerou as primeiras relações solidárias horizontais, como a cumplicidade entre as irmãs ao manter em segredo sobre a descoberta da faca misteriosa, a postura solidária durante o percurso ao hospital (abraçadas), além do desespero da família, principalmente dos pais e a avó das personagens, ao saber da amputação.

Com a falta de equipamentos importantes como hospital e estrada pavimentada, a história faz suas primeiras denúncias em relação às disparidades espaciais e sociais presentes nos lugares. É a primeira vez que as irmãs tiveram acesso a um veículo pouco ou quase nunca usado pelas pessoas que na fazenda residiam. O automóvel, uma *Ford* Rural, branca e verde pode ser entendida como um símbolo do capitalismo, inclusive da sua internacionalização, já que foi trazido à tona a marca do carro, assim como sua finalidade em gerar desigualdades (o não acesso), pois tal equipamento se trata de um bem bastante inacessível para uma boa parcela da população, até os dias atuais. Já a distância da Fazenda para o hospital sinaliza a negação do Estado diante do acesso a direitos básicos como à saúde. “Nunca havíamos saído da fazenda. Nunca tínhamos visto uma estrada larga com carros passando para os dois lados, seguindo para os mais distantes lugares da Terra” (Vieira Junior, 2021 p. 19).

Nessa odisseia recheada de novas experiências, um “novo mundo” (lugar) vai se revelando aos olhos das personagens. Durante o atendimento médico foi percebido que o local era o primeiro espaço que se tinha mais gente “branca que preta” o que mostra a potência do racismo estrutural que ainda perpetua na sociedade brasileira, pois ainda é nítido que profissões de grande prestígio social como médicos, enfermeiros e outros profissionais de saúde ainda

estão muito concentrados em pessoas de pele branca. Essa passagem ainda expressa o choque cultural, sustentada através da ideia etnocêntrica, pois os funcionários do hospital enfatizaram olhares sobre aquela família, associada ao “exótico”.

A divisão do trabalho apresentado também revela uma narrativa provocativa sobre o papel do gênero na sociedade. Talvez a maior expressão dessa representatividade esteja atrelada a Belonísia, a mulher que trabalha “feito homem” e que enfrenta variados tipos de violência provocada pelo sexo oposto. Em contrapartida, o trabalho é atribuído ao Zeca Chapéu Grande como curandeiro e senhor que recebe as entidades, inclusive a Santa Bárbara (Iansã), uma entidade feminina que causa vergonha ao curandeiro, pois manifestado precisa usar roupas e adereços da encantada.

A negação de direitos básicos como saúde, educação, moradia, segurança, emprego e renda deixa evidente a vulnerabilidade significativa dos lugares dos “Brasis profundos”, em especial quando esse aspecto engloba pessoas negras e pobres. Sendo assim, o livro deixa claro que o Estado para essa população é praticamente inexistente, ao mesmo tempo, mostra que esse poder é muito mais eficiente para os brancos e ricos.

O direito à moradia digna (feita de alvenaria) é negado aos moradores do lugar representado em *Torto Arado*, pois tal feito significaria a demarcação do território daquelas pessoas que viviam do trabalho oriundo da terra. O Brasil, através da Lei das Terras (Brasil, 1850), impossibilitou que os pobres, assim como outras minorias, tivessem acesso ao uso da terra, tornando-se mercadoria, sendo possível ter acesso só aqueles que tivessem poder de compra. O latifúndio, assim como a grilagem de terras no Brasil, temas que foram abordados no livro, revela como a força do Estado é capaz de segregar, reforçar o racismo e as desigualdades socioespaciais.

A questão da exploração do trabalho do homem do campo foi muito bem enfatizada no livro *Torto Arado*. Não é nenhuma novidade que a história do Brasil é cercada pela exploração do trabalho no campo, que muitas das vezes acontecem de forma análoga à escravidão ou servil. Nas narrativas sobre o lugar, a população de trabalhadores de Água Negra carrega o fardo de trabalhar para os donos da fazenda sem ter direito ao salário e moradia fixa de moradia. O serviço com a terra era marcado pelo cultivo de arroz e de outros produtos de subsistência, como quiabo, feijão e abóbora, que não se desviasse da necessidade do trabalho para o dono da fazenda. Boa parcela desses alimentos de subsistência eram destinados para os proprietários, como uma forma de “recompensa”, obediência e gratidão pela moradia e pelo uso da própria terra para o trabalho.

Dinheiro não tinha, mas tinha comida no prato. Poderia ficar naquelas paragens, sossegado, sem ser importunado, bastava obedecer às ordens que lhe eram dadas. Vi meu pai dizer para o meu tio que no tempo dos seus avós era pior, não podia ter roça, não havia casa, todos se amontoavam no mesmo espaço, no mesmo barracão (Vieira Junior, 2021 p. 41).

Nesse sentido, também surge a crítica ao mito da liberdade num lugar que não era permitido construir casas de alvenaria, produzir (plantar) com autonomia sem acesso a pagamento pelo trabalho, reforçando a ideia de que o Brasil ainda carrega “sequelas” distantes de serem reparadas. São vícios impregnados durante sua história, remetendo ao próprio título da obra (*Torto Arado*), permanências perversas que ainda perpetuam no território brasileiro, em especial nos lugares dos “Brasis profundos”, como é o caso do sertão nordestino.

A crítica ao Estado, representada pela ação policial, também não fica imune durante o episódio da morte de Severo, pois ele foi corrompido ao concluir o inquérito do assassinato, alegando que a vítima tinha falecido devido ao plantio de maconha e, consequentemente, a conflitos relacionados ao tráfico de drogas na região. Nesse episódio, Bibiana ainda relata que a violência legitimada pelo Estado também acontecia na cidade, durante sua passagem fora de Água Negra.

Nós moramos na periferia da cidade, e lá os policiais usavam a mesma desculpa de drogas para entrar nas casas, matando o povo preto. Não precisa nem ser julgado nos tribunais, a polícia tem licença para matar e dizer que foi troca de tiro. Nós sabíamos que não era troca de tiros. Que era extermínio (Vieira Júnior, 2021 p. 221).

Já a negação à direitos como à saúde faz com que as próprias pessoas do lugar assumam o papel de curandeiro, através de suas crenças e do conhecimento popular. Esses eventos são marcados por um “mix” entre o sagrado e o saber popular, marcados por cores (de garrafas com remédios) e cheiros (de velas, incensos) à serviço de pessoas do “bem e do mal” (Vieira Júnior, 2021). A partir dessa função, o curandeiro ganha *status* de liderança, não só espiritual, mas também de organização comunitária. O curandeiro Zeca Chapéu Grande, responsável por tratar os males da cabeça, como da jovem Crispina, também é aquele que dialoga com os donos da fazenda mantendo a ordem naquele lugar.

Todavia, essa relação de *status* e liderança foi fundamental para que a presença do Estado chegasse de alguma forma em Água Negra. Foi através de uma das festas de Jarê, ao incorporar a encantada Santa Bárbara, que Zeca Chapéu Grande consegue que seja construída uma pequena escola para a população. Apesar da resistência, o prefeito acabou cedendo à construção, pois tinha receio que a cura de um dos seus filhos pela entidade fosse anulada.

As festas de Jarê, uma prática religiosa que surgiu através da diáspora negra por meio do povo nagô³² e que acontece somente na Chapada Diamantina, mostra a constituição dos lugares pela fé. De acordo com Chagas (2022), o termo “Jarê” é usado tanto para os cultos quanto para denominar a religião que perpetua na região baiana. O seu significado, nas palavras de Banaggia (2015) pode ser de origem *iorubá*, com dois significados: “cortar através” ou “quase cair no solo”. As suas origens vêm através de mulheres nagôs escravizadas que chegaram à região, precisamente nas cidades de Andaraí e Lençóis. Além das crenças africadas, o Jarê se mistura com crenças dos indígenas e santos da Igreja Católica (Banaggia, 2015).

Numa sociedade tão violentada como na comunidade de Água Negra, a natureza da experiência religiosa se torna o meio de esperança para aqueles que clamam por chuva em tempos de estiagem e por justiça social. Lembrando que a construção da escola, assim como a justiça feita para Severo, veio das entidades do Jarê. Nas narrativas, o Jarê aparece não somente como ponto de encontro religioso, mas também como ponto de convivência social: brincadeira entre as crianças, disputa amorosa, contos de história, unindo o sagrado e o profano.

A figura do líder espiritual Zeca Chapéu Grande também mostra como essa religião é marcada por uma vida de doação, pois além das suas obrigações com a entidade Santa Bárbara, o líder cuidava das doenças do corpo e do espírito daquela comunidade. Para Zeny Rosendahl (2018, p. 79) “[...] umas das fantásticas dimensões geográficas da experiência religiosa é a noção de espaço sagrado”. Esses espaços são marcados por conexões que embalam a vida e dinâmica dos lugares. O espaço do sagrado é representado por essas manifestações, mas também pelo quarto dos santos, um ambiente marcado pelo cuidado e de grande valor religioso e sentimental.

O quarto dos santos, onde rezavam a ladinha, tinha velas acesas e uma profusão de cores das imagens e bonecas. Havia imagens de gesso e madeira de diferentes tamanhos e estados de conservação. São Sebastião, Cristo Crucificado, o Bom Jesus, são Lázaro, são Roque, são Francisco, Padre Cícero. Havia pequenos quadros, uns de cores vivas, outros desbotados, de são Cosme e são Damião, Nossa Senhora Aparecida, santo Antônio. Havia fotografias de meus pais, da velha Donana, outras tantas, pequenas, de devotos. Havia flores de papel, algumas mais novas, outras pálidas. Sempre vivas, que colhíamos na estrada ou nas cercanias, entre as rochas (Vieira Junior, 2021, p. 63).

A Figura 4 mostra o quarto dos santos de um Jarê na Chapada Diamantina, com imagens religiosas do Candomblé/Umbanda e da igreja Católica, muitas delas inseridas no sincretismo

³² De acordo com Beatriz Góis Dantas (1988, p. 34), nagô “[...] é termo genérico que no Brasil designava grupos provenientes do Sul e do Leste da República Popular do Benin (antigo Daomé) e do Sudoeste da Nigéria.”

religioso, como Nossa Senhora da Conceição (Oxum), Santa Bárbara (Iansã) e Santo Antônio (Ogum/Exu).

Figura 4 – Quarto dos santos do Jarê



Fonte: Reprodução/jare.redelivre.org.br.

O Jarê trazido na obra mostra a importância da valorização e da manutenção dos cultos Afro-brasileiros, apelando para a conscientização de que essa prática não seja apagada, assim como a própria ancestralidade negra. A queixa da entidade Santa Rita Pescadeira sobre o seu esquecimento nas brincadeiras de Jarê representa o apagamento dessas práticas religiosas que prevalecem/ou não de geração em geração através da oralidade. Vale salientar que a religiosidade, como é debatido por Dias (2017), é umas características presentes no espaço dos pobres – “homens lentos” – e no livro perpassa pela trajetória das personagens protagonistas, compondo o foco narrativo, principalmente na terceira parte ao ser narrada por uma entidade.

Apesar da importância, a escola instalada em Água Negra, como “narra” a personagem Belonísia, não tinha uma profunda conexão com o lugar no qual estava inserida. A personagem, em suas memórias, “fala” do pouco interesse do ambiente escolar, pois as aulas da professora

eram marcadas pelas histórias de um país “alegre e abençoados” repleto de heróis brancos e com a mistura amistosa de raças, uma realidade completamente diferente das relações históricas e cotidianas marcadas no seu lugar – cercado por injustiças, pobreza, violência e muito trabalho duro. Esse episódio deixa a amostra como o Estado, através da educação, por muito tempo silenciou/apagou a história coletiva e dos lugares orquestrados pelo povo negro, denunciando a tentativa de embranquecimento da população através da própria história e tentando apagar o processo cruel causado pelos séculos de escravização que, por consequência, estavam inseridos naquela situação de servidão e pobreza. Apesar da falta de interesse de Belonísia pela escola, observa-se em suas “narrativas” que a personagem possuía grande conhecimento sobre o espaço natural, não necessariamente científico, mas com raciocínio e saberes úteis para sua sobrevivência em seu lugar.

Uma importante reflexão sobre a problemática da fome também foi debatida entre as personagens. A fome na região Nordeste, precisamente no semiárido, foi identificada pelo grande geógrafo Josué de Castro em sua obra *Geografia da Fome* (1946) como epidêmica, ou seja, uma escassez de alimentos provocada pela seca, em que os maiores afetados são os mais pobres. Durante uma grande estiagem, uma das personagens (Bibiana) descreve as condições insalubres de sobrevivência da comunidade para enfrentar o problema da fome epidêmica ocasionada pela seca. Um dos pontos mais emblemáticos no romance remete à dificuldade de a comunidade ter acesso ao alimento em tempo de estiagem, mostrando as alternativas alimentares durante esse período.

Foi possível temperar os peixes enquanto havia umbu, que, junto com o sal, garantiu algum sabor à carne. Quando a farinha passou a rarear, meu pai recordou a receita do beiju de jatobá que Donana fazia. Havia vagens em abundância. Era uma árvore que resistia bem à falta d’água, frondosa, imponente, uma reserva de alimento de segunda linha, ignorada quando havia tudo o mais. Assim, comemos beiju de jatobá por meses, até enjoar.

Disputamos a palma com o gado da fazenda. Havia uma parcela de terra destinada ao seu plantio. O cacto que se destinava à nossa alimentação estava em nossos quintais. Quem não foi previdente em ter sua própria plantação de palma, que acabaria com o passar dos meses, tinha que contar com a solidariedade de um vizinho, para garantir o cortado na mesa, guisado no azeite de dendê. Também havia as caças. Mas, no alto da estiagem, era mais fácil encontrar as carcaças dos animais mortos pela falta de alimento do que encontrar algum para ser abatido. Os veados eram escassos, seja pela caça ou pela falta de água nas áreas de sequeiro. Com muito esforço, os víamos bebendo água nos marimbuses, mas estavam cada vez em menor número. A paca, muito apreciada, não dava as caras na mata. Nem capivara, nem cutia. Era possível capturar algumas aves como o jacu, inhambu e juriti, mas elas quase não tinham carne, então nos contentávamos com o gostinho dos ossos. Houve até o caso de uma família em Pau-de-Colher, contou tia Hermelina,

que morreu depois de comer uma sariema no desespero da fome; a ave havia comido uma cascavel e sua carne estava impregnada do veneno peçonhento.

Com mais frequência conseguíamos um teiú, fácil de encontrar porque comia as carcaças dos animais mortos, do gado minguando sem pasto, das caças abatidas pela estiagem. Então, bastava ficar à espreita onde houvesse bicho morto para acossá-lo. E se não os comêssemos, certamente eles comeriam nossa carne magra (Vieira Junior, 2021, p. 68-69).

Assim como acontece a liderança de Zeca Chapéu Grande, outras hierarquias também estão presentes na constituição desse lugar. Como já abordado, a fazenda Água Negra conta com proprietários, a família Peixoto, posteriormente vendida para outra família, e as relações de trabalho eram controladas pelo capataz Sutério. Na família das personagens narradoras é possível notar os diferentes papéis que exerciam cada membro. Bibiana e Belonísia, além das brincadeiras eram responsáveis por auxiliar sua mãe e avó nas atividades domésticas, desempenhar alguns trabalhos desenvolvidos na roça e na cidade, com a venda dos buritis. O respeito hierárquico é outro ponto marcante na forma de tratamento entre os mais velhos.

Nessa relação social um leque de representações sobre o passado é retomado para contar a história no presente. O cotidiano durante a infância e a adolescência das personagens é retratado de forma que também expressa a dinâmica dos lugares representados. As brincadeiras de boneca de sabugo de milho e comida feita de barro, mostram a infância pobre das garotas e sua ligação constante com a terra, tema que será analisado na próxima sessão.

A violência, fato marcante e presente em vários atos, se apresenta através de várias faces, seja simbólica ou física. Para Pierre Bourdieu (1997, p. 204), a violência simbólica "[...] só se institui por intermédio da adesão que o dominado acorda ao dominante (portanto à dominação) quando, para pensar e se pensar ou para pensar sua relação com ele, dispõe apenas de instrumentos de conhecimento que têm em comum com o dominante e que faz com que essa relação pareça natural". O modo como o coletivo encara o processo de servidão em Água Negra, desempenhando o duro trabalho até o destino, na Viração, em algumas passagens é naturalizado pelo gerente da fazenda e até mesmo pelo líder Zeca Chapéu Grande, pois, para ele, a troca pelo acesso à terra é entendido como “gratidão”.

Por fim, apesar das disparidades que são apresentadas no decorrer do romance *Torto Arado*, é narrada a resistência dos lugares do “Brasil profundo”. Todos os modos de violências apresentados acabaram se transformando na revanche dos lugares. O coletivo, através dos encontros realizados por Severo, fez com que a população de Água Negra ganhasse uma consciência de classe capaz de reivindicar pelos seus direitos historicamente negados.

A luta pelo direito à moradia, à terra, à educação, à manutenção da cultura e da ancestralidade e ao trabalho remunerado gerou conflitos territoriais entre a população da comunidade e os ditos donos daquela terra. Assim como, na realidade, esses conflitos geram feitos de violência no espaço rural, no livro esses são muito bem representados durante o incêndio no galinheiro e no ato do assassinato de Severo. As manifestações reivindicando justiça, o enterro de Severo no cemitério da Viração (até então proibido) e o assassinato do proprietário da fazenda como forma de justiça, mostram a resistência presente nesses espaços, marcado por conflitos e injustiças sociais.

4.4 AS EXPERIÊNCIAS DAS NARRADORAS COM O ESPAÇO VIVIDO

Em cada capítulo, a descrição da paisagem que faz parte do lugar é narrada com um certo detalhe, proporcionando ao leitor uma viagem imaginária ao cenário do romance. Nesse sentido, é preciso analisar o espaço pelo qual o local se insere, a Chapada Diamantina e a sua relação de lugar com os personagens.

De acordo com Banaggia (2016), a Chapada Diamantina corresponde a uma área serrana localizada no semiárido da Bahia. Sua formação geológica faz parte da Cadeia do Espinhaço que divide a bacia hidrográfica do São Francisco e outras redes de drenagem que fluem para o Oceano Atlântico, apresentando planalto extenso de altitudes variando entre 800 e 1.000 metros, com picos que podem ultrapassar 2.000 metros. O nome da região refere-se ao entorno da serra do Sincorá, área que é protegida pela reserva do Parque Nacional da Chapada Diamantina (Banaggia, 2016). Essa região que por muito tempo se destacou pela mineração de diamantes, atualmente é marcada pelas atividades econômicas voltadas para agricultura e o turismo ecológico.

O primeiro contato com o espaço na obra refere-se à moradia da família das protagonistas e o seu entorno. Nas primeiras palavras são descritas a casa antiga feita de barro, pois era proibido a construção de alvenaria e o terreiro próximo, cercado pelo pomar, a horta e o galinheiro com os poleiros velhos, marcando um cenário ainda muito característico dos espaços rurais. Essa conexão do mundo rural com as personagens é muito frequente ao longo do romance, sendo assim, será um dos pontos fundamentais a ser trabalhado nesta sessão.

O caminho tortuoso da estrada de barro fala de carros em direção aos “lugares mais distantes da Terra”, salientando a conexão dos lugares. Por mais remotos, fragmentados e segregados que eles sejam, os lugares pertencem ao mundo e de algum modo existe uma certa

conexão escalar do local ao global. A saída de Bibiana e Severo para morar na cidade, assim como as visitas de Zeca Chapéu Grande e Salu para Bom Jesus da Lapa — cidade de turismo religioso conhecida no Brasil e no mundo pelas suas romarias —, também é a expressão da conexão dos lugares e as suas relações que extrapolam o local. A embalagem de refrigerante da marca *Coca-Cola* se torna outro símbolo dessa relação do lugar com o local e o global, mas também marca a expressão do capitalismo que ao mesmo tempo que segregava é capaz de selecionar os lugares que lhes entregam, de algum modo, rentabilidade.

A relação com a terra é um dos temas centrais trazidos em *Torto Arado*. É na terra que começa (ao enterrar umbigo do recém-nascido) e termina a vida (cemitério da Viração). A terra em *Torto Arado* possui sentido de simbiose entre os moradores pertencentes daquela fazenda. No livro, a terra também simboliza a resistência e a força vital que direciona as ações dos sujeitos com o mundo. O vínculo com esse elemento natural também é vital e faz parte de diversas sociedades na história da humanidade. Sendo assim, essa conexão se faz presente desde o “primeiro espaço” (Moreira, 2010), ou seja, o meio natural.

O meio geográfico natural, também sinalizado como meio pré-técnico, é caracterizado pela forte dependência da natureza pelo homem (Santos, 2006 [1996]). Nessa relação, pouco do espaço tido como “natural” é transformado pela ação humana; o tempo, assim como os homens são lentos, pois as técnicas são rudimentares ou com poucos aparatos tecnológicos, uma lógica que foge do mundo modernizado, devido aos efeitos da globalização. No Brasil, muitas das comunidades tradicionais como indígenas, ribeirinhos e quilombolas pertencem a lugares do meio natural ou pré-técnico. Sendo assim, nessa relação com o meio ambiente, em especial, a terra acaba sendo uma função primordial para a realização da vida, ou seja, a realização dos lugares.

O intenso trabalho em meio às terras do semiárido baiano resulta na sobrevivência dos moradores de Água Negra que viviam da agricultura e do extrativismo vegetal, como era o caso do buriti, principalmente como fonte de renda em momentos de seca e para comprar produtos que não eram encontrados na fazenda. Como já visto na seção anterior, os trabalhadores eram bastante explorados na fazenda pelo trabalho com a terra, mas isso não invalidou a conexão que as pessoas tinham com ela, pois era desse recurso que se retirava o alimento, construíam suas casas e ocorriam as manifestações do Jarê, construindo as suas territorialidades.

Nesse sentido, é importante dizer que as territorialidades se desenvolvem através dos ritmos desempenhados nos lugares. Todavia, a territorialidade não se deve somente pela simples relação do homem com o espaço, mas também se manifesta em todas as escalas sociais

possíveis. A Figura 5 mostra as manifestações no espaço vivido no “Brasil profundo”, representados no livro *Torto Arado*.

Figura 5 – O real “Brasil profundo” representado no romance *Torto Arado*



Foto: Caíque Fialho, 2024.

Marcos Aurélio Saquet reconhece a conexão implícita entre o lugar e a territorialidade ao dizer que:

A territorialidade é um fenômeno social que envolve indivíduos que fazem parte do mesmo grupo e de grupos distintos. Há continuidade e descontinuidade no tempo e no espaço; as territorialidades estão intimamente ligadas a cada lugar: elas lhe dão identidade e são influenciadas pelas condições históricas e geográficas de cada lugar (Saquet, 2009, p. 88).

Essa construção da territorialidade a partir do lugar fica evidente em várias passagens simbólicas do romance. Como exemplo, no momento do nascimento a tradição exige que o umbigo do recém-nascido seja enterrado, representando o primeiro grande vínculo de construção territorial com a terra. Posteriormente, essa ligação com a terra e com o espaço aparece em várias passagens de forma material e imaterial, mostrando a ligação do lugar representado em *Torto Arado* diretamente ligado ao meio natural, principalmente durante a infância das irmãs Bibiana e Belonísia, como pode ser observado na passagem abaixo:

Andávamos juntas pelo terreiro da casa, colhendo flores e barros, catando pedras de diversos formatos para construir nosso fogão, galhos para fazer nosso jirau e nossos instrumentos de trabalho para arar nossas roças de brinquedo, para repetir os gestos que nossos pais e nossos ancestrais nos haviam legado. Disputávamos espaços, disputávamos sobre o que plantar, sobre o que cozinhar. Disputávamos os calçados feitos das folhas verdes largas que encontrávamos na mata que circundava as nossas casas. Montávamos bastões de madeira que fazíamos de nossos cavalos, recolhíamos sobras de lenha para fazer nossos móveis (Vieira Junior, 2021 p. 22-23).

Nesse ponto, é preciso analisar que essa é a realidade de muitos lugares no “Brasil profundo”, ou seja, são espaços marcados pela falta de objetos geográficos caracterizados como desenvolvidos e bem estruturados, mostrando o papel político e social da Literatura, assunto que já foi relatado anteriormente. A manifestação do tempo atmosférico, nesse lugar dominado pela natureza, controlava o cotidiano. A paisagem modificada pela estiagem (rios secos, plantas secas e raquíticas, pouca fartura nas atividades agrícolas e da pesca) e o momento das cheias, no mês de dezembro, durante as festividades de Santa Bárbara, marcando um novo ciclo de boas colheitas e pescas, dinamiza as formas de viver nesse lugar.

A seca manifestada através das memórias das personagens, marca um lugar de luta pela sobrevivência diante daquela condição natural desencadeada. Como citado, era uma época marcada pelo sofrimento com a perda da plantação, mortes de peixes e animais silvestres, em que, um dos poucos meios de sobrevivência era o extrativismo e venda do buriti na cidade, pelo qual garantia “comprar coisas” quando as plantações não resistiam a essas secas intensas (e as enchentes). A descrição da paisagem durante a estiagem é apresentada pela personagem Bibiana:

Foi um tempo difícil. Meu pai se referia àquele período como a pior seca desde 1932. Aquele também foi o último ano em que vi uma plantação extensa de arroz naquelas terras. O arroz, dependente de água, foi o primeiro a secar com a estiagem. Depois secaram a cana, as vagens de feijão, os umbuzeiros, os pés de tomates, quiabo e abóbora (Vieira Junior, 2021, p. 67).

Entre as grandes secas registradas no século XX, no Nordeste do país, a de 1932 foi citada no livro. Esse período ficou marcado pela construção de centros de concentração no estado do Ceará, com objetivo de evitar que os flagelados chegassem em grande número à Fortaleza. Nesses acampamentos, milhares de pessoas viveram em ambientes insalubres, resultando na morte de milhares delas, inclusive a de crianças (Rios, 2014). Dessa forma, mais uma vez o livro vem à tona para mostrar o esquecimento e o uso violento do Estado em relação a uma sociedade pobre, negra e marginalizada castigada pela seca.

Em contrapartida, a disponibilidade de alimentos durante os períodos chuvosos, assim como a luta pela sobrevivência durante o período seco, faz pensar que *Torto Arado* é uma “revisão” antropológica e geográfica do que propunha Josué de Castro na sua obra máxima (já discutida anteriormente) ao descrever a produção de feijão, abóbora, farinha de mandioca, batata doce e a disponibilidade de frutas típicas como umbu, cajarana e quibá.

A degradação do meio ambiente devida às atividades de mineração que ocasionou na poluição e assoreamento dos rios na Chapada Diamantina é colocada em evidência através da narrativa da entidade Santa Rita Pescadeira. Esse tema reforça a conexão dessa população com a natureza, pois com a “morte dos rios” a pesca, assim como atividades essenciais como abastecimento e irrigação ficam inviáveis, ao mesmo tempo que coloca em evidência a questão do racismo ambiental, que ameaça diariamente diversas comunidades tradicionais. Ainda nesse contexto é preciso analisar a relação da natureza com a religiosidade presente no livro, quando a entidade se diz esquecida, diante do desaparecimento dos rios. A entidade ainda relata sobre os conflitos territoriais na Chapada Diamantina em decorrência do turismo “ecológico”, configurando uma recente organização daquele espaço.

Essas reflexões que partem das geograficidades narradas pelas personagens mostra um pouco do universo geográfico que o romance *Torto Arado* possibilita representar. Sua magnitude é inesgotável e possui altas complexidades, sendo assim, procurou-se apresentar neste capítulo algumas delas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Sobre a terra sempre há de viver o mais forte."
(Itamar Vieira Junior).



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Interpretar as dinâmicas espaciais a partir de lugares em representações artísticas, sem dúvida é um grande desafio. Durante o processo de pesquisa uma gama de autores da Geografia e de áreas afins foram consultados com o intuito de analisar as diferentes expressões do conceito de lugar, com o sentido de construir respostas para este estudo. Desse feito, constatou-se que o lugar a partir da Geografia Cultural-Humanística daria a melhor resposta para tais reflexões, com o suporte influenciado pelos métodos fenomenológico e dialético (com base na Geografia Crítica).

Pode-se também concluir que as artes, como a Literatura, possuem papéis fundamentais em denunciar as injustiças presentes na sociedade brasileira. As representações do espaço nessas obras são dignas de análise, pois, pode-se dizer que é praticamente impossível a não presença do espaço geográfico e de outros conceitos da ciência geográfica presentes na Arte. Essa magnitude revela a importância dos estudos geográficos a partir das manifestações artísticas, seja no mundo real como nas manifestações de ruas nas cidades, a exemplo de festas de Reis, carnaval, encontros de *Hip-Hop* ou no mundo da imaginação como em gravuras, pinturas, poemas e Literatura. Sendo assim, durante as consultas bibliográficas fica evidente que os estudos artísticos na Geografia têm muitas potencialidades para avançar, em números e diferentes temas.

Como já salientado, o estudo das representações espaciais ainda é um grande desafio. Trata-se de um tema de pesquisa que ainda enfrenta preconceito por um grupo de pesquisadores, mas nos últimos anos vêm ganhando adeptos em diferentes regiões do Brasil. Desse modo, foi importante salientar os trabalhos que são desenvolvidos pelos vários grupos de pesquisa no Brasil, em instituições tais como UNICAMP, UFRJ, UFG, UNESP e UFBA. Esses estudos não se resumem a publicação de artigos, teses e dissertações, pois, ao longo dos anos, vários eventos acadêmicos como o *Iº Simpósio de Geografia, Literatura e Arte* e do *Iº Concurso Literário Milton Santos* (ambos na UFBA) refletiram sobre o papel das representações artísticas na Geografia.

Diante de tantas discussões, concluímos que o romance *Torto Arado*, como propõe a Professora Maria Adélia Aparecida de Souza, é um “manual” filosófico e geográfico sobre o mundo, a constituição dos lugares e do próprio uso do território, pois além de ser um livro que nos convida para uma profunda reflexão da humanidade, também faz um alerta sobre as dinâmicas da violência das desigualdades presentes nos lugares dos “Brasis profundos”. Representar essa dinâmica com tamanha grandeza pelo autor Itamar Vieira Junior, talvez só

tenha sido possível devido a sua trajetória intelectual – geógrafo, bolsista Milton Santos, Mestre em Geografia e Doutor em Estudos Étnicos Africanos – e profissional, como analista técnico do INCRA, conhecendo de fato essas disparidades no uso do território.

Apesar do sucesso de *Torto Arado*, sendo um dos grandes representantes da Literatura que carrega a ancestralidade negra, é preciso destacar que ao longo da história da Literatura brasileira vários autores negros tiveram o apagamento/silenciamento dos seus trabalhos, a exemplo da grande escritora Carolina de Jesus. Todavia, com o avanço da política e da cultura das ações afirmativas, devido a luta do Movimento Negro, nas últimas décadas foi também possível o crescimento de uma “consciência negra”, possibilitando conhecer a história do povo negro e o seu importantíssimo papel na construção da dinâmica dos lugares. É nessa lógica que Itamar Vieira Junior representa em *Torto Arado* as dinâmicas desses lugares, marcadas pelas variadas formas de violências e pela negação de direitos que prezam a dignidade humana, a partir da comunidade quilombola Água Negra. Apesar de uma ficção, *Torto Arado* pode ser facilmente confundido com histórias reais tão presentes no chamado “Brasil profundo”. Outro ponto marcante que torna *Torto Arado* como uma potência da Literatura brasileira é mostrar a formação socioespacial de um país “torto/entortado” devido a tantos processos perversos que ocorreram no passado, porém com consequências avassaladoras até nos dias de hoje, tais como o racismo, a corrupção e a violência no campo.

Durante este estudo, como forma mais clara de obter os resultados, optou-se por aplicar o conceito de geograficidade, proposta pelo geógrafo Eric Dardel, pois ele se aproxima da dinâmica cotidiana, a essência bruta dos lugares, o que é tão bem narrada pelas principais personagens. A partir dessa categoria espacial foi possível analisar as representações em três vertentes: subjetivas, coletivas e com o espaço. Entretanto, é preciso salientar que foram somente trazidas algumas das inesgotáveis representações de lugares que estão presentes no livro, ficando evidente a importância de *Torto Arado* como um romance que está além da literatura, pois apresenta uma gama de conteúdos geográficos que podem ser analisados. Além do lugar, outros temas e categorias da Geografia como território, paisagem, territorialidade, são alguns dos exemplos como sugestão para futuras pesquisas.

Desse modo, *Torto Arado* foi capaz de representar as dinâmicas desses lugares, denunciando o trabalho servil, ao mostrar a exploração dos trabalhadores em Água Negra; do machismo, profundamente debatido entre as personagens Belonísia e Maria Cabocla; o apagamento da história, no momento que a escola só conta a história dos europeus; na negação do Estado, ao mostrar o enfrentamento das secas, as condições de pobreza a falta de escola e

de estradas pavimentadas; além do racismo estrutural que motiva a manutenção da negação de direitos à população negra, que vem perpetuando por séculos.

Todavia, diante de tantas perversidades que marcam a trajetória representada desse(s) lugar(es), o autor mostra as resistências, que também fazem parte dessa dinâmica. Ou seja, a revanche dos lugares. A manutenção da ancestralidade, através do Jarê, uma prática religiosa “endêmica” da Chapada Diamantina, talvez seja a narrativa mais emblemática simbólica dessas resistências. A luta pela manutenção da ancestralidade negra (cultura, religião, história entre outros), ainda é marcada por diversos conflitos, como exemplo, pode-se citar as religiões de matriz africana que ainda é demonizada, devido ao racismo religioso.

Ainda sobre essas resistências é preciso destacar sobre o poder da informação e da educação trazida no livro. Severo (sindicalista) e Bibiana (professora), apesar de sempre apresentarem críticas em relação às suas condições de servidão na fazenda, essa consciência só foi lapidada quando ambos partem para a cidade e têm acesso à educação e a informação. A volta desses personagens acaba gerando desconforto para os “proprietários” da fazenda, pois surgem várias denúncias e reivindicações para melhoria na qualidade de vida das pessoas que moravam ali. Outro fator, são as aulas da Bibiana que falam sobre a história e a importância da população negra para a constituição socioespacial do Brasil.

A força da personagem Belonísia traz à tona questões que envolvem o sexism, machismo e o patriarcado, ainda muito presente na sociedade brasileira. Desse modo, a personagem que trabalha feito “homem”, através da sua forte personalidade, de algum modo rompe com os paradigmas daquela comunidade por ser uma mulher separada, sem filhos e dona da sua própria roça. Além de Belonísia, Bibiana e da entidade Santa Rita Pescadeira, outras personagens como Maria Cabocla, Salustiana e Donana apresentam dilemas femininos e, ao mesmo tempo, são protagonistas das suas histórias. O livro deixa uma contribuição significativa ao explorar o protagonismo feminino que faz parte da dinâmica dos lugares.

O espaço na obra se torna um dos principais agentes que dinamiza o lugar. O clima seco, o solo que precisa ser arado, as cheias e as secas dos rios e os tipos de vegetação, como os buritis, refletem uma dinâmica espacial muito vinculada ao que Milton Santos propunha como meio natural, ou seja, quando o homem ainda possui uma forte dependência da natureza, o que pode ser categorizado como o espaço dos “homens lentos”. Os objetos e as técnicas que são implementadas nesse lugar denunciam essa lentidão, como exemplo, o próprio arado que faz o manejo do solo, mostrando não só as mazelas que prevalecem no “Brasil profundo”, como também a perversa globalização que acontece de forma fragmentada no território. Essa fragmentação fica evidente com a chegada da televisão que precisava ser energizada numa

bateria de automóvel. No último capítulo do livro, o autor evidencia as novas dinâmicas espaciais regionais, trazendo à tona os conflitos territoriais entre a população e os empresários do chamado “ecoturismo”. A degradação do meio ambiente também é salientada. Ambos os fatos narrados apontam para a problemática do racismo ambiental que assola comunidades tradicionais como indígenas e quilombolas.

Por ser uma pesquisa baseada em documentação bibliográfica, destaco como dificuldade em desenvolver o trabalho encontrar informações acerca do autor e do próprio romance. Apesar da grande repercussão, esse, por ser relativamente recente, ainda possui poucas pesquisas que o abarcam, a exemplo daqueles nas áreas das letras, principalmente as resenhas. Na área da Geografia ainda são praticamente inexistentes. Ou seja, a pesquisa com a o livro *Torto Arado*, em especial na Geografia, ainda caminha nos seus primeiros passos.

Diante de tais questões, espera-se que essa pesquisa possa oferecer subsídios para a compreensão da relação entre a Arte e a Geografia, em especial a Literatura, ou seja, o papel das artes nas representações de lugares que são apresentados no romance *Torto Arado*.

REFERÊNCIAS

AB' SÁBER, A. **Os domínios de natureza no Brasil:** potencialidades paisagísticas. 7 ed. São Paulo, 2012.

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia.** Tradução de Alfredo Bosi com revisão e tradução de novos textos de Ivone Castilho Benedette. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

ABREU, L.A. **Um outro olhar sobre o Estado Novo.** ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005.

ADORNO, T. **A indústria cultural.** In: Cohn, Gabriel (Org.). Comunicação e Indústria Cultural: leituras de análise dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das manifestações de massa nessa sociedade. São Paulo: Companhia Editora Nacional e Editora da USP, 1971.

AGNEW, J. A. **Place and Politics:** The Geographical Mediation of State and Society. Boston: Allen and Unwin, 1987.

ALMEIDA, M. G. de. Paisagens: uma contribuição da Arte para a Geografia Sociocultural. **Revista Espaço e Cultura** – UERJ, Rio de Janeiro JAN./JUN. DE 2021, N. 49, p. 125–142

ALMEIDA, M. G. de; CHAVEIRO, E. F.; COSTA BRAGA, H. (Org.). **Geografia e cultura:** os lugares de vida e a vida dos lugares. Goiânia: Vieira, 2008.

ALVES, C. G.; PINTO, H. G. **A trajetória intelectual de Pedro Pinchas Geiger segundo suas obras na Revista Brasileira de Geografia.** III Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico I Encontro Nacional de Geografia Histórica, 2012, Rio de Janeiro. História da Geografia no Brasil, 2012.

AMADO, J. **Jubiabá.** Ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

AMADO, J. **Região, sertão, nação.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.8, n.15, 1995. p.145-151

ANJOS, M. **Breves apontamentos sobre a relação entre geografia e literatura.** Ateliê Geográfico. 10, 3 (fev. 2017), 234–24, 2017. DOI:<https://doi.org/10.5216/ag.v10i3.22675>.

ARAÚJO, A. H. et al. In: Milton Santos gerando inspirações literárias. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2015.

ARAÚJO, M. F.. **A revolução do lugar:** contexto da guerra da informação na megalópole. 2020 (segunda edição). 478 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade de São Paulo.

BANAGGIA, G.. Agitação e placidez: os muitos movimentos do jarê contemporâneo. **Áltera – Revista de Antropologia**, João Pessoa, v. 2, n. 3, p. 97-122, jul. / dez. 2016.

- BANAGGIA, Gabriel. **As forças do jarê:** religião de matriz africana da Chapada Diamantina. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.
- BARBOSA, J. L. A arte de representar como conhecimento do mundo: o espaço geográfico, o cinema e o imaginário social. **Revista GEOgraphia** – Ano. II – N. 3, 2000.
- BATISTA, F. D. S.; SILVA, M. A.; RADEK, J. C. C. (Org.). **Livro de resumos do Grupo de Pesquisa Produção do Espaço Urbano (1999- 2013).** 1.ed. Ilhéus: Empresa Gráfica da Universidade Estadual de Santa Cruz, 2014.
- BENJAMIN, W.. **A obra de arte na era de sua reproduzibilidade técnica.** In: Obras escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BOURDIEU, P.. **Meditations pascaliennes.** Paris: Seuil, 1997.
- BRANDÃO, J.. Gregório de Matos: imagens poéticas no seiscentismo colonial brasileiro. **RevLet.** São Paulo, v.56, n.1, p.103-120, jan./jun. 2016.
- BRASIL, Lei 12.288/10. **Estatuto da Igualdade Racial.** Brasília, DF: Presidência da República, 2010.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF: MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: dez. de 2024.
- BROSSEAU, M. Geografia e Literatura. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Literatura, Música e Espaço.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007.
- BUTTIMER, A. Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar. **Revista Geograficidade** 5(1), 4-19, 2015.
- BUTTIMER. A. **Aprendendo o dinamismo do mundo vivido.** In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.). Perspectivas da Geografia. (p. 165-193). São Paulo: Difel,1982.
- CARVALHO, C. A verdade da obra: um diálogo entre ciência e arte através da Geografia. In: SERPA, A. **Representação e Geografia.** Salvador: EDUFBA, 2021.
- CASTILHO, S. D. de. A representação do negro na literatura brasileira: novas perspectivas. **Olhar de Professor** (UEPG. Impresso), v. 1, p. 103-113, 2004.
- CASTRO, J. R. B. de. As questões identitárias e as especificidades culturais da Bahia expressas na literatura e na musicalidade: um olhar geográfico. **GeoTextos**, 10(1), 2014.
- CERQUEIRA, D.; BUENO, S. (Coord.). **Atlas da violência 2024.** Brasília: Ipea; FBSP, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/14031>. Acesso em: 01 e març. de 2025.
- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia.** 12 ed. São Paulo: Ártica, 2000.
- CISOTTO, M. F. Sobre Topofilia, de Yi-Fu Tuan. **Geograficidade**, 3(2), 94-97, 2013.

CLAVAL, P. A geografia cultural no Brasil. In: BARTHE-DELOIZY, F., and SERPA, A., (Org.) **Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia** [online]. Salvador: EDUFBA, 2012.

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Tradução de Luíz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Tradução: Luís Fugazzola Pimenta, Margareth de Castro Afeche Pimenta. 4 ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2014.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. Caderno Conflitos no Campo Brasil 2023. Goiânia, 2024.

CORRÊA, R. L. Temas e caminhos da Geografia Cultural: uma breve reflexão. In: ROSENDALH, Z.; CORRÊA, R. L. **Temas e Caminhos da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro, Eduerj, 2010 p. 11- 36.

CORRÊA, R. L.; ROZENDAHL, Z. Geografia cultural: apresentando uma antologia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia Cultural: uma antologia (1)**. Rio de Janeiro: Eduerj, p. 219-237, 2012.

CORRÊA, R. L.; ROZENDAHL, Z. Geografia Cultural: Introduzindo a temática, os textos e suas agendas. In: CORRÊA, R. L.; ROZENDAHL, Zeny (Org.) **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

COSTA, S. Estrutura social e crise política no Brasil. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 61, n. 4, 2018.

DALCASTAGNÈ, R. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Rio de Janeiro: UERJ; Vinhedo: Horizonte, 2012.

DANTAS, G.; RODRIGUES, G. Brasilidade Romântico-Revolucionária: o cinema novo e a busca pela identidade nacional. **Revista Interamericana de Comunicação Midiática**. V. 17, n 33, 2018.

DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011 [Publicado originalmente em 1952].

DAVIM, D. E. M. O homem e a terra: natureza da realidade geográfica (resenha). **Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies** - XXII(2): 245-246, jul-dez, 2016.

DEGRANDI, J. O.; SILVEIRA, R. L. L. O conceito de formação socioespacial e sua potencialidade analítica e metodológica para a compreensão do desenvolvimento. **Anais...** V Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional. Santa Cruz do Sul, RS, Brasil, 17 a 19 de agosto de 2011.

DIAS, C. **Práticas socioespaciais e processos de resistência na grande cidade**: relações de solidariedade nos bairros populares de salvador. 2017. 286 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia.

DUARTE, E.A. O negro na literatura brasileira. **Revista Navegações**. V. 6 n. 2 p. 146-153, jul./dez. de 2013.

EVARISTO, C. **Literatura negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade. Scripta, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.

FERNANDES, F. M. **Tristes fins de Policarpo Quaresma**: Brasil entre ficções geográficas no sertão / litoral. 2017. 347f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FERREIRA, L. F. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano 5, n. 9, p. 65-83, jul./dez., 2000.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo, SP: Autores Associados: Cortez, 1982. 96p.

FREMONT, A. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Almedina, 1980.

FUNDAÇÃO OSVALDO CRUZ. **Mapas de conflitos injustiça ambiental e conflitos no Brasil**, 2018. Disponível em: <http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/ba-conflitos-no-campo-e-chacina-levam-insegurança-e-medo-a-comunidade-quilombola-de-iuna/#fontes>. Acesso em: 29 set. 2021.

GOMES, Â. de C. **Essa gente do Rio — Modernismo e Nacionalismo**. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

GONZALEZ, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2020.

GOTO, T. A. Fenomenologia, mundo-da-vida e crise das ciências: a necessidade de uma geografia fenomenológica. **Geograficidade**, v. 3, n. 2, p. 33-48, inverno, 2013.

GOUVEIA, B. B. G.; ALMEIDA, L. M. Torto Arado: a literatura de resistência na narrativa de Itamar Vieira Júnior. **Revista Crioula**. N. 28 – Produções contemporâneas que impactam o cenário literário, 2º semestre, 2021.

HARVEY. D. **A condição pós-moderna**. Loyola: São Paulo, 1993.

HOLZER, W. A geografia humanista: uma revisão. **Revista Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, p. 137-147, 2008. Edição Comemorativa - 1993-2008.

HOLZER, W. O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. **GEOgraphia**, v. 5, n. 10, 2 dez. 2009.

HOLZER, W. O lugar na Geografia Humanista. **Território**, v. 4, n. 7, Rio de Janeiro: UFRJ, p. 67-78, jul.-dez., 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo 2022: pela primeira vez, desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda>. Acesso em: 07 de jan. 2025.

JABUTI. Premiados por edição. Disponível em: <https://www.premiojabuti.com.br/premiados-por-edicao/>. Acesso em: 15 set. 2021.

JESUS, N. C. de. Vozes negras na literatura: o caso Torto Arado (2019). 2022. 46 f. Monografia (Graduação em Letras). Universidade Federal de Sergipe.

LACOSTE, Y. A Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. 4 Ed. São Paulo: Papiros, 1997.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. Fundamentos de metodologia científica. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEITÃO JUNIOR, M., Artur, MARTINS, SOUZA, R. de C. de. O sertão na literatura nacional: o expansionismo do projeto modernizador na formação territorial brasileira. **Revista Geográfica de América Central** [en linea]. 2011, 2(), 1-18[fecha de Consulta 7 de Abril de 2024]. ISSN: 1011-484X. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451744820003>. Acesso em: 07 de abr. de 2024.

LEITE, A. F. O lugar: duas acepções geográficas. **Anuário do Instituto de Geociências**, Rio de Janeiro, v. 21, p. 8-19, 1998.

MARANDOLA JUNIOR, E.; OLIVEIRA, L. Geograficidade e espacialidade na literatura. **Revista Geografia**, Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, set./dez. 2009.

MARANDOLA JUNIOR, E. Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea. **Geograficidade**, Niterói, RJ, v. 3, n. 2, p. 49-64, Inverno 2013.

MARANDOLA Junior, E. Humanismo e a abordagem cultural em Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 30, n. 3, p. 393-419, set./dez. 2005.

MELLO, J. B. F. de. A Geografia Humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. **Revista Brasileira de Geografia**. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia Estatística - IBGE. Rio de Janeiro, v. 52, n. 4, p. 91-114, out/dez, 1990.

MENDONÇA, E. **O mundo precisa de filosofia.** 11 edição. Rio de Janeiro: Agir, 1996.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes (originalmente publicado em 1945), 2011.

MONBEIG, P. **Ensaios de Geografia Humana brasileira.** São Paulo: Martins, 1940.

MONTEIRO, C. A. de F. Apresentação. PINHEIRO, D. J. F. (Org.); SILVA, M. A. da (Org.). *In: Imagens da Cidade da Bahia. Um diálogo entre a literatura e a arte.* n. 1. Salvador: EDUFBA 2007, p.13-17.

MONTEIRO, C. A. de F. **O mapa e a trama:** ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. 1 ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

MORAES, A. C. Robert. **Ideologias geográficas.** São Paulo: Hucitec e Annablume, 2002.

MORAES, A. C. Robert. **Território e história no Brasil.** 3.ed. São Paulo: Annablume, 2008.

MOREIRA, E. V.; HESPAÑOL, R. A. de M. O lugar como uma construção social. **Revista Formação**, nº 14, v. 2, p. 48-60, 2011, p. 48-60.

MOREIRA, R. Da região à rede e ao lugar: a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo. etc..., espaço, tempo e crítica. **Revista Eletrônica de Ciências Humanas e Sociais e outras coisas.** N° 1(3), V. 1, junho, 2007, p. 55-70.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em Geografia.** São Paulo: Contexto, 2010.

MOREIRA, Ruy. **O pensamento geográfico brasileiro:** as matrizes brasileiras - V. I: As matrizes clássicas. São Paulo: Contexto, 2008.

NASCIMENTO, M. M. **Comunidades nativas e áreas de preservação:** tensões entre políticas ambientais e o uso do território no Parque Nacional da Chapada Diamantina. 2018. 283 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia.

OCEANOS EXPRESSIVOS DA LÍNGUA PORTUGUESA / ASSOCIAÇÃO. Prêmio Oceanos 2020. Disponível em: <https://associacaoceanos.pt/premio-2020/>. Acesso em: 15 set. 2021.

OLIVEIRA FILHO, C. G. **Entreatos:** a canção crítica no Tropicalismo e Manguebeat. 2016. 169 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco.

OLIVEIRA, L. de. Sentidos de lugar e de topofilia. *Geograficidade*, Niterói, v. 3, n. 2, mai.-ago. 2013.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Excesso de mortalidade associada à pandemia de Covid-19 foi de 14, 9 milhões em 2020 e 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2022-excesso-mortalidade-associado-pandemia-covid-19-foi-149-milhoes-em-2020-e-2021#:~:text=Excesso%20de%20mortalidade%20associado%20%C3%A0,Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Pan%C2%A0Americana%20da%20Sa%C3%BAde>. Acesso em: 01 out. 2024.

PIDNER, F. S. **Geo-foto-grafias das paisagens:** narrativas espaciais nas narrativas de Sebastião Salgado. 2017. 330 f. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia.

PRÉMIO LEYA. Vencedor 2018. Disponível em: <https://www.leya.com/pt/gca/areas-de-actividade/premio-leya/vencedor-2018/>. Acesso em: 15 set. 2021.

RAMOS, G. V. Narrativa do homem lento na Sobremodernidade. **Revista Geograficidade**, v.9, n. Especial, Outono 2019.

RAMOS, G. **Vidas secas**. 152 ed. São Paulo: Record, 2019.

REGO, J. L. do. **Fogo morto**. 82 ed. São Paulo: Global, 2021.

RELPH, E. **Place and placelessness**. London: Pion, 1976.

RIBEIRO, D. **O Brasil como problema**. 1 ed. Brasília: Editora UNB, 2010.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: formação e o sentido do Brasil**. 3 ed. São Paulo: Global, 2015.

RICOTTA, L. Natureza, ciência e estética em Alexander von Humboldt. Rio de Janeiro: Editora Muad: 2003, 213 p. **Sociedade & Natureza**, [S. l.J, v. 21, n. 1, 2009. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/sociedadenatureza/article/view/9491>. Acesso em: 17 fev. 2025.

RIOS, K. S. **Isolamento e poder**: Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932. E-book. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014. 144 p. (Estudos da Pós-Graduação). Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/10380>. Acesso em: 06 nov. 2024.

ROSENDALH, Z. Espaço, o sagrado e o profano. In: **Uma procissão na Geografia** [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018, p. 77-92.

SANTOS, J. L.J. O imaginário da cidade de Salvador nas canções de Dorival Caymmi – uma reflexão geográfica. PINHEIRO, D.J.F.; SILVA, M.A., (Org.) In: **Visões imaginárias da cidade da Bahia: diálogos entre a geografia e a literatura** [online]. Salvador: EDUFBA, 2004.

SANTOS, M. **A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2006 [Publicado originalmente em 1996].

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. São Paulo: EDUSP, 2007.

SANTOS, M. **O mundo não existe**: [entrevista concedida à jornalista Dorrit Harazim]. Veja, São Paulo, ed.1366, ano 27, n.46, p.7-10, 16 nov. 1994a.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. 6 ed. São Paulo: EDUSP, 2008 [Publicado originalmente em 1978].

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, M. **Técnica, espaço e tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 2008.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil:** território e sociedade no início do século XXI. 1 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001.

SANTOS, Marcos A. F. dos. O entrelaçamento entre a literatura e a Geografia para compreensão entre o homem e a terra no romance Torto Arado, de Itamar Vieira Junior. **Revista Diálogos**, [S. l.], v. 1, n. 10, p. 187–199, 2022.

SAQUET, M. A. Por uma abordagem territorial. In: SPOSITO, E. S. (Org.) **Território e Territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 1 ed. São Paulo; Expressão Popular, 2009. p. 73-94.

SCALIA, Liana Aragão. **Torto Arado é literatura engajada.** Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea, v. 13, p. 243-251, 2021.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Do efeito ao afeto: os caminhos do realismo performático. In: MARGATO, Izabel; GOMES, Renato Cordeiro (Org.) **Novos realismos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SERPA, A. Espaço público, cultura e participação popular na cidade contemporânea. **Terra Livre**, [S. l.], v. 2, n. 25, p. 35–48, 2015.

SERPA, A. Geografia como metadisciplina: a perspectiva da interdisciplinaridade na obra de Milton Santos. In: SILVA, M. A. da; TOLEDO JUNIOR, R. de; (Org.). **Encontro com o pensamento de Milton Santos: a interdisciplinaridade na sua obra**. Salvador: Edufba, 2006 p. 29-34.

SERPA, A. **Por uma Geografia dos espaços vividos:** Geografia e Fenomenologia. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2021a.

SERPA, A. Revisitando a teoria das representações sociais em Henri Lefebvre. In: Serpa, Angelo (Org.). **Geografia e representação**. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2021b.

SILVA, E.T.V. **Geografia e Literatura:** as crônicas literárias como linguagem para o estudo do lugar e das paisagens na cidade de Manaus. 2020. 192 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Manaus.

SILVA, M. A. da. (Org.) Geografia, ciência ... Arte. Novos olhares...ARAUÚJO, A. H; ET al. In: **Milton Santos gerando inspirações literárias**. 1 ed. Salvador: EDUFBA, p. 63-84, 2015.

SILVA, M. A. da. Gênese da Geografia Urbana no Brasil: a contribuição de grupos de pesquisas na Bahia. In: **GeoTextos:** Revista do Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia. v. 5. Salvador: EDUFBA 2009, p. 131-146.

SILVA, M. A. da; SILVA, H. R. F. da. (Org.). **Geografia, literatura e arte:** reflexões. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2010.

SODRÉ, M. Uma lógica perversa do lugar. **Revista Eco-pós Dossiê**. v. 21, n. 3, 2018, p. 9-16.

SOUZA, M. A. A. de. **Apresentação Milton Santos, um revolucionário**, 2005b. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ppgdtsa/files/2014/10/Texto-Santos-M.-O-retorno-do-territorio.pdf>. Acesso em: 05 out. 2021.

SOUZA, M. A. A. de. **O espaço geográfico e o território usado. Minha leitura da obra de Milton Santos**. YouTube 11 de ago. de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S6zn7FW3KQg>. Acesso em: 17 set. 2021.

SOUZA, M. A. A. de. O lugar como resistência: uma dimensão da realidade do futuro. In: SILVA, M. A. da; TOLEDO JUNIOR, R. de; DIAS, C. C. S. (Org.). **Encontro com o pensamento de Milton Santos: o lugar fundamentando o período popular da história**. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 2005a. 284p. p.189-198.

SOUZA, Maria A. A. de. (Org.) **Território brasileiro, usos e abusos**. 1 ed. Campinas: Territorial, 2003.

STANISKI, A.; KUNDLATSCH, C. A.; PIREHOWSKI, D. O conceito de lugar e suas diferentes abordagens. **Revista Perspectiva Geográfica**. V.9, N.11, 2014.

SUESS, R. C.. Geografia Humanista e a Geografia Cultural: encontros e desencontros! A insurgência de um novo horizonte? Élisée – **Revista de Geografia da UEG**, 6(2), p. 94-115.

SUESS, R. C.; RIBEIRO, A. da S. S. O lugar na Geografia Humanista: uma reflexão sobre o seu percurso e questões contemporâneas – escala, críticas e científicidade. **Revista Equador** (UFPI), v. 6, nº 2, 2017, p. 1-22.

SUZUKI, J. C. Geografia e Literatura: abordagens e enfoques contemporâneos. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação - SESC**, São Paulo / Nº 5, setembro 2017.

TAVARES, L. H. D. **História da Bahia**. 11 ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora da Unesp; Salvador EDUFBA, 2008.

TEIXEIRA, A. N. **O Rap na Geografia**: possibilidades de mediação do conhecimento e ensino de Geografia a partir da periferia. 2020. 125 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia.

TUAN, Y. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. 1 ed. Londrina: Eduel, 2013 [Publicado originalmente em 1983].

TUAN, Y. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectiva da Geografia**. São Paulo: Difel, p. 143-164, 1982.

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012 [Publicado originalmente em 1974].

VIEIRA JÚNIOR, I. "Trabalhar é tá na luta": vida, morada e movimento entre o povo da Luna, Chapada Diamantina. 2017. 293 f. (Doutorado em Estudos Étnicos Africanos). Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos Africanos.

VIEIRA JÚNIOR, I. **A expansão de Salvador:** a produção do espaço urbano em uma via metropolitana. 2004. f. monografia (Bacharelado em Geografia). Colegiado dos cursos de graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia.

VIEIRA JÚNIOR, I. **A valorização imobiliária empreendida pelo Estado e o mercado formal de imóveis em Salvador:** analisando o caso da avenida Paralela. 2007. 152 f. (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia.

VIEIRA JÚNIOR, I. **Entrevista ao programa Roda Viva** em 15 de fevereiro, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mu9iUc2UHBQ>. Acesso em: 16 set. 2021.

VIEIRA JÚNIOR, I. **Torto Arado (Versão Digital).** Disponível em: https://www.sinttelba.com.br/spnpainel/mídias/documentos/biblioteca/10_Torto%20Arado%20-%20Itamar%20Vieira%20Junior.pdf. Acesso em: 05 de jan. de 2025.

VIEIRA JÚNIOR, I. **Torto Arado.** 1 ed. São Paulo: Todavia, 2019.

WISNIK, J. M. **Sem receita:** ensaios e canções. São Paulo: Publifolha, 2004.